

Gláucia Lemos

**Traga amoras  
para o Natal**



mondrongo

“Na maioria das vezes, diz-se do artista que este encontra no trabalho um meio cômodo de viver subtraindo-se à seriedade da vida. Ele protege-se do mundo onde agir é difícil, estabelecendo-se num mundo irreal sob o qual reina soberanamente. É este, com efeito, um dos riscos da atividade artística: exilar-se das dificuldades do tempo e do trabalho no tempo sem renunciar, porém, ao conforto do mundo nem às facilidades aparentes de um trabalho fora do tempo. (...) Mas esse ponto de vista exprime apenas um aspecto da situação. O outro aspecto é que o artista que se oferece aos riscos da experiência que é a dele, não se sente livre do mundo, mas privado do mundo, não senhor de si mesmo, mas ausente de si mesmo, e exposto a uma exigência que, ao repeli-lo para fora da vida e toda a vida, torna-o vulnerável a esse momento em que nada pode fazer e já não é ele próprio.”

*Maurice Blanchot*

(O espaço literário, Ed.Rocco, 1955)

E é dentro deste espírito pelo qual nos colocamos algo ausentes da nossa individualidade, por quanto instrumentos da criatividade, que nos entregamos ao leitor em potencial, com a inteireza do que mais autenticamente somos.

Assim, mais uma vez, neste TRAGA AMORAS PARA O NATAL, na espontaneidade natural às crônicas leves e descompromissadas, meras conversas de fim de tarde ou de noites vazias, para encher o tempo.

Boa leitura!



**TRAGA AMORAS**  
*para o Natal*



Gláucia Lemos

**TRAGA AMORAS**  
*para o Natal*

1ª edição



mondrongo  
Bahia / 2020

Nenhum trabalho pode ser medido pelo tamanho da empresa que o executa, mas pela coragem e confiança no que faz. É assim que, inspirados pela máxima pessoana, “põe quanto és no mínimo que fazes”, trabalhamos cotidianamente oferecendo ao leitor livros de qualidade e respeitando o autor naquilo que ele tem de mais sagrado: os seus sonhos.

[www.mondrongo.com.br](http://www.mondrongo.com.br)

*2020, Traga amoras para o Natal*

Gênero: Crônica

Copyright © Gláucia Lemos

Copyright © Mondrongo

Editoração eletrônica e Capa: Ulisses Góes

Editor: Gustavo Felicissimo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP**

L.557t	Lemos, Gláucia. Traga amoras para o Natal / Gláucia Lemos. – Itabuna, BA: Mondrongo, 2020. 176 p. ; 15 x 22 cm.  ISBN 978-85-80066-70-4  1. Literatura brasileira. 2. Crônicas. 3. Cotidiano. I. Título.  CDU: 869.0(81)-94 CDD: 869.987
--------	---

**Bibliotecária responsável – Simone da Rocha Bittencourt – 10/1171**

Todos os direitos reservados

**MONDRONGO**

Rua Almirante Barroso, 262

Centro | Itabuna (Bahia) | CEP: 45.600-283

73.3041.3116 | 98842.2793

[contato@mondrono.com.br](mailto:contato@mondrono.com.br)

A minhas filhas Ana Lúcia e Ana Liése  
pelo apoio irrestrito.

A meu filho Léo  
sem o qual este livro seria inviável.

Na saudade imensa  
a meu filho Glei Mário.

Em especial  
A Júlia Rosa de Castro - minha bisneta  
pela inspiração. - Obrigada, Ju!

A Aramis Ribeiro Costa - admirável escritor e amigo  
pela sempre atenção a minha obra.

“Dentro ou fora de mim, cada dia acontece algo que me comove, desde a possibilidade do impossível até todos os sonhos e ilusões. Essa é a matéria da minha escrita por isso escrevo, e por isso me sinto tão bem escrevendo aquilo que sinto”

*José Saramago*

*Abril de 1989*

*“Palavras de Saramago”*



# Índice

## 2007 / 2008

- 13 | As crianças da Legião
- 16 | Sonata ao luar
- 18 | Maria de cada porto
- 20 | Notícia à moda da casa
- 22 | Mês amarelo
- 24 | A menina da janela
- 26 | Dever de casa
- 29 | Alegria e expectativa
- 30 | E a raposa disse ao Pequeno Príncipe
- 31 | Sem tédio e sem saudade
- 34 | Os segredos das estradas
- 36 | A meta, ou a saída
- 39 | As quatro folhas do trevo
- 42 | Filosofando com manteiga
- 44 | Manhã
- 46 | Não faço parte do pacote
- 49 | Pelos umbrais da catedral
- 51 | O tal universo paralelo
- 53 | O dragão da bicicleta
- 55 | Autumn's leaves & gaivotas
- 58 | Certas músicas
- 60 | Conversa puxa conversa
- 63 | Trem de ferro
- 65 | Fogueiras, enquanto existem

- 67 | A paineira  
69 | Catimplora  
71 | Esse prazer sem nome

**2009 / 2019**

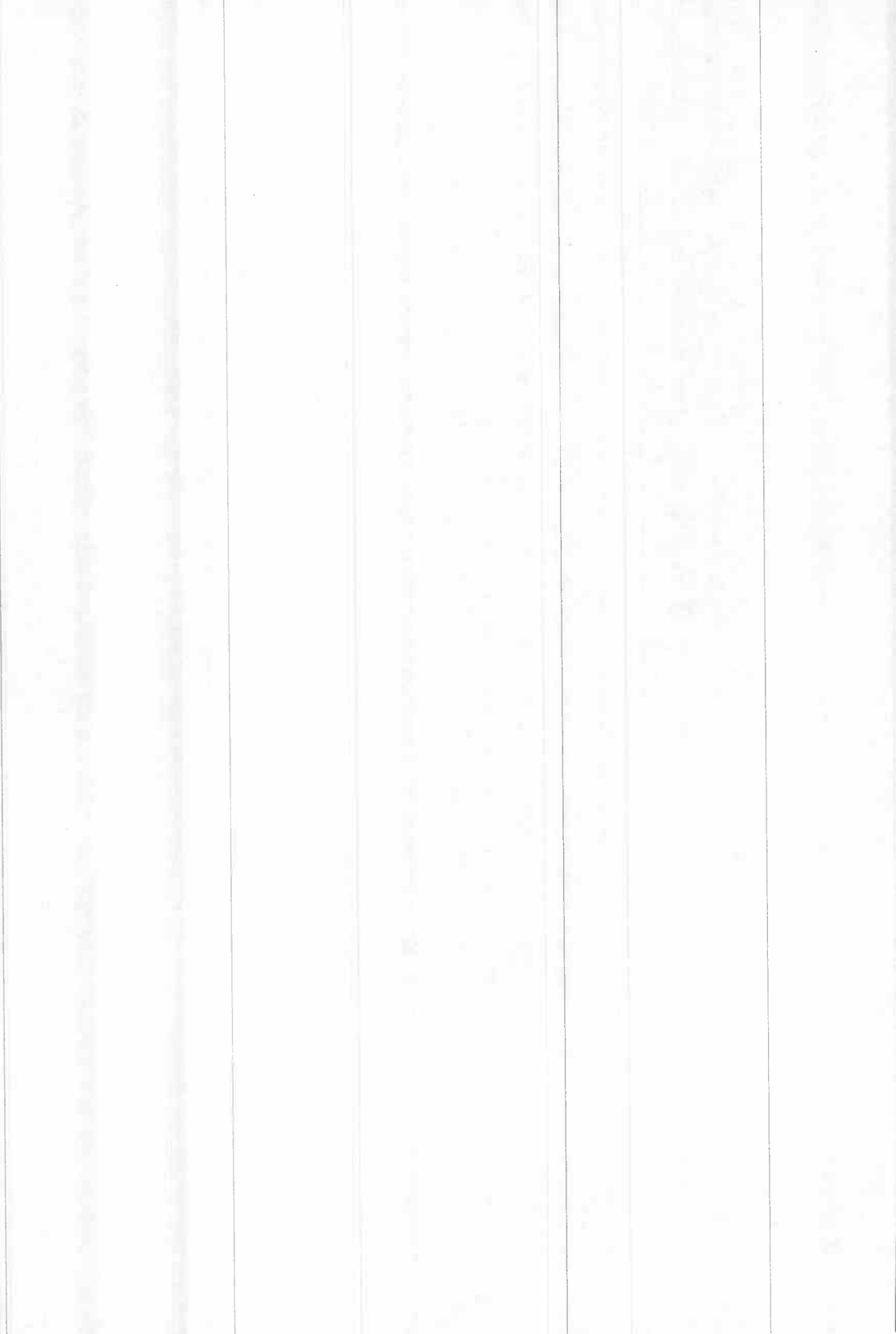
- 75 | Traga amoras para o Natal  
77 | E é segunda-feira  
79 | Inverno  
81 | Toda maneira de amor vale a pena  
84 | Reflexão em um final de noite  
85 | Domingo toda semana  
86 | Santo Antônio - o grande  
milagroso da corte do céu  
87 | Morre a cultura  
88 | Surpreendente “Cândido  
ou o otimismo” - Voltaire  
89 | De frases inesquecíveis  
90 | De objetos de desejo  
91 | São Francisco de Assis  
92 | Seis da manhã  
94 | Reflexão necessária para o dia  
95 | Primavera  
96 | os santos gêmeos - São Cosme  
e São Damião e Ibeji  
98 | Era uma vez um anjo  
99 | Sobre respeito humano  
100 | Arrumando livros  
102 | Nossa Senhora da Imaculada Conceição  
103 | Da indignidade da turba

- 105 | Da indignidade do pouco  
108 | Tempo não retorna, apenas vai  
111 | O paciente inglês  
112 | Espírito infantil  
113 | Dia do beijo  
114 | Dia da mentira - Primeiro de abril  
115 | Domingo mais uma vez  
116 | De pequenas alegrias  
117 | A noite  
118 | Ler para escrever  
119 | Dia do escritor - este  
operário predestinado  
121 | Amor à vida  
123 | Palavras de boa energia  
124 | De um fim de tarde  
125 | Onde uma insônia entra sem convite  
127 | Jardim das margaridas  
129 | à procura da infelicidade  
130 | Plantão do feriado  
132 | Sintonizando com a natureza  
133 | Gramaticando afetivamente  
135 | O preço de uma espera  
136 | Chuva no fim da tarde  
139 | De olho nas hipérboles  
141 | Amor sem idade nem preconceito  
142 | Boa noite com palavras  
soltas, doces palavras  
143 | O cão azul na didática  
145 | A Era do Gelo - 5ª temporada

- 146 | Dois olhos sorrindo  
147 | Se eu tivesse juízo o que faria  
148 | Quer escrever romances,  
leia romancistas  
150 | A questão do tempo - quanto  
tempo temos  
152 | Puchkin e o tiro  
154 | Sarabandas  
155 | Entre parêntesis ou entre aspas  
156 | Do que seja o bom leitor  
158 | Dia dos Namorados - sem  
certidão de idade  
159 | Aniversário?  
161 | Fim de semana  
162 | Não deixe a dor comer o amor  
164 | Reflexão de mais um dia  
165 | Da condescendência do silêncio do sábado  
166 | Misto quente e Coca-Cola  
169 | A vírgula, esta insignificância  
171 | De orações e de sapos  
172 | O que se faz ante o assalto da insônia?  
174 | Lírios  
175 | Dezesseis de dezembro



**2007/2008**



# As crianças da Legião

Ler Clarice Lispector é um contínuo exercício de interpretação. Clarice reinventa significados, recria palavras com liberdade que induz o leitor a intrigantes reflexões. Aliás, reflexões a que nos acostumamos desde *A paixão segundo GH*, *O lustre*, *A hora da estrela*, e sobretudo *Água viva*, que nos parece tudo o que se possa criar como uma prosa poética inflamada destinada a ferir macia e inevitável, a sensibilidade do leitor.

Neste *A Legião estrangeira*, - Rocco, ed. 1978 – o editor reuniu treze contos cuja unidade está contida na poética voltada principalmente para a domesticidade.

Detenho-me – por me chamar a atenção e causar perplexidade – na natureza das crianças desses contos, protagonistas ou não. Não são crianças inocentes. Não têm alma branca nem candura de anjos. Ao contrário. As crianças da Legião, a Sofia, a Ofélia Maria, o menino de óculos, o menino menor, todos revelam sagacidade, malícia e até maldade, não obstante nem sempre se ter que esperar angelitude nos pequeninos. Essas crianças são ora calculistas, ora capazes de imaginar estratégias de comportamento, ora levadas a atitudes ofensivas inflamadas ou carregadas de frieza.

Uma revisitação da infância nas suas personagens, mas da criança contemplada pelo lado malicioso e impertinente, Até mesmo na assunção de hipóteses como a do menino menor que, desejando a permanência do macaco do qual a narradora pretendia livrar-se, admite a possibilidade não de que ela também viesse a se afeiçoar ao animal, mas a de que ele viesse a “cair da janela e morrer lá embaixo”, ou ainda: “E se eu prometer que um dia ele vai adoecer e morrer, você deixa ele ficar?”

A Sofia, uma garota que sente atração pelo professor gordo, de ombros contraídos, deselegante no seu paletó curto e desagradável

na contensão da sua impaciência. Ela o vê como alguém difícil de se amar, mas o quer, e até divaga com ele todas as noites. No entanto, para atraí-lo, sabendo também não ser flor que se cheire, e igualmente ser difícil de se amar, vai à luta pelo lado avesso, tumultuando as aulas, atrevida, indisciplinada e contestadora, enraivecendo-o, somando à desagradabilidade do mestre, sua própria desagradabilidade. Querendo amor pelo caminho esconso da impertinência.

A Ofélia Maria sabe tudo, torna-se antipática por estar sempre pronta a um comentário ou colocação mais sábios que os dos presentes. Aconselha à narradora, sem ser consultada, sobre qualquer assunto, até que, de tanto entender de tudo e de tanto saber cuidar com sua pretensiosa superioridade, acaba por destruir aquilo que todos mais parecem amar no momento que vivenciam. E, irresponsável, não assume.

O menino de óculos atormenta-se por não ter consciência da própria inteligência. Vive vacilando ante a instabilidade de humores da família que ora o reconhece, ora se mostra indiferente. Confuso, arma estratégias, resolve agir sem naturalidade, sabe que pode fingir o que desejar, então se demora construindo a imagem que pretende aparentar em determinado dia que lhe está programado. Em um precoce maquiavelismo, vive um processo existencial que acimenta as bases de um caráter torpe.

A menina ruiva é a única a escapar do elenco de pequenos anjos decaídos, e também a protagonista do conto mais encantador e lírico da seleção de contos poderosos e encantadores na construção singular de Clarice Lispector.

Sem me preocupar com os temas evocados, tenho me detido na particularidade das personagens mirins e sua característica especial. No entanto A Legião Estrangeira é muito mais que crianças difíceis. É a angústia da incompreendida busca da adolescência; a inexplicabilidade da amizade que se merece pelo mero fato de existir; o tédio de obedecer ao cotidiano insosso e sem perspectiva, tal se fosse dogma; é a humilhante carência afetiva em confronto com a sordidez da vaidosa prepotência; é a velha Mocinha carregando todo o abandono e miserabilidade da condição humana; é a Quinta história que



após oferecer quatro formas de contar como livrar-se das baratas, sintetiza a quinta história em duas linhas sob um título pelo qual só um autor corajoso arriscaria ferir a imaginação do leitor estupefato. Finalmente, é O Ovo que se enfiou entre as páginas do livro para que a autora se estendesse de premissa em premissa, desenvolvendo sua capacidade de filosofar profunda e demoradamente sobre a própria condição humana, e a condição da própria narradora, enquanto ser situado na heterogeneidade do universo. Até que, despertando para o quão longe se permitira, perguntar: Mas, e o ovo? E confessar: Enquanto eu falava do ovo, eu tinha esquecido do ovo.

Isso é Clarice, um pouco do muito de Clarice Lispector em *A Legião Estrangeira*, do qual outros já tenham falado mais e melhor. Dela que, dominando a palavra em exercício pessoal, a ela se entrega, permitindo que se espalhe, se construa e desconstrua, porque na simbiose em que se alimentam, palavra e autor se confundem e se realizam, pois que assim se faz preciso.

# Sonata ao luar

Hoje eu toquei somente para você.

Enlouqueceu, você dirá, como eu poderia escutá-la a toda essa distância? Não sabe você que os sons se propagam a quilômetros e se conservam no espaço, não só a imensas distâncias, como também, possivelmente, através de séculos? Dizem. Eu não sei se há verdade nisso, não entendo dos assuntos da Física, com certeza por isso é que eu tanto admiro os físicos. Mas alguém já afirmou que talvez se consiga ainda detectar alguns ecos das pregações de Cristo. Dois mil anos é muito tempo, eu não sei. Digamos que alguém tenha razão. Por que em minutos apenas, e não em séculos, a quilômetros muito mais curtos que a nossa distância até Jerusalém, os sons do piano não poderiam chegar a seus ouvidos?

Não, não sou delirante a ponto de crer em teses improváveis. Só consigo botar fé nas afirmações que me convençam. No entanto acredito que as pessoas se comunicam à distância, quando um fio imponderável se tece entre elas, uma interação amorosa. Certa vez li uns versos apaixonados, de cujo autor não me lembro e diziam: Não acredito que quando choras / não vejas que uma das tuas lágrimas é minha. O poeta falava da comunicação, até choravam a lágrima do outro. — São coisas de poeta, você dirá, mas poetas, meu amigo, são seres especiais, quase sempre têm razão.

Hoje recebi sua mensagem. Não foi preciso mais que um olhar rápido ao envelope, à sua caligrafia nervosa, uns garranchos riscados às pressas que me fizeram sorrir, àquele traço esquisito com o qual você grafa a minha inicial, para ter acesa aquela flama de cumplicidade muda. E a flama cresceu e me iluminou, iluminando todo o meu quarto, onde eu estava arrumando meus livros. Então, sua foto, que maldade! Sua foto. Não se envia foto para quem está com as mãos

tão distantes do seu rosto. A quem está com as mãos frias pelo prolongamento no tempo de ausência. Ou se envia? Para que não se turve a imagem que se traz nas pupilas e o espaço ameaça apagar, envia-se foto, com certeza.

Se eu disser que beijei o seu nome que assina a mensagem, ficará tão piegas! Muito mais que piegas, ficará tão ridículo! Por isso não direi. Não se usa mais beijar fotos nem cartas, mas na solidão do quarto, muitos dos pós-modernos que condenam românticos, certamente beijam cartas e fotos, porque amar ainda se usa de vez em quando, e sentir a alegria por se saber amado, ainda se usará por muito tempo.

Hoje estudei outra vez a Sonata ao luar. Não consigo mais tocá-la com a desenvoltura com que o fazia há vinte anos passados, por isso tenho que estudá-la muito, para compensar o tempo do silêncio. Mas hoje, tudo foi tão mais simples. A melodia fluía de mim como se a minha emotividade estivesse deslizando pelas teclas do piano. Sabe aquele trecho no qual eu ainda tropeço? Aquele trecho em que se troca a clave? Hoje não tropecei, hoje não perdi o compasso. Hoje eu quase fui parceira de Beethoven. Será que foi porque hoje eu estava tocando para você?

# Maria de cada porto

Foi sob a impressão do filme *A ostra e o vento* de Walter Lima Filho, que saí à procura do romance homônimo que lhe dera origem, e encontrei seu autor, Moacir C. Lopes, nas prateleiras de uma estante virtual. À minha disposição lá estava o elenco de romances escritos por ele. Ao que parece, a maioria com temática praieira, reveladora de uma preferência bastante sintonizada com a minha.

O autor começou marinheiro, evoluindo no sentido cultural, chegou a tradutor e professor de Literatura.

Sou dos leitores que, conquistados por um autor, não se satisfazem com pouco, vão à cata de sua produção, até o limite que lhe seja imposto. Assim fui atraída por *Maria de cada porto*, romance com o qual Moacir Lopes inaugurou sua trajetória literária. Ele o escreveu para matar o tédio, durante as viagens de marinheiro, nas horas de descanso, e narrou justamente a vida dos homens do mar, no período da Segunda Guerra Mundial.

O livro tem início com a explosão do navio *Bahia*, no qual o protagonista, Delmiro, estava servindo. A narrativa, em primeira pessoa, evolui marcada pelos dias em que permaneceu, com vários companheiros, em uma das balsas que ficaram à deriva, todas ocupadas pelos sobreviventes do barco atingido, quase amontoados a ponto de ficarem com pernas e flancos submersos, dado o pequeno número de balsas com que contavam.

O desenvolvimento é bem balanceado. Temos o sofrimento dos naufragos, ao sol e ao sereno, sedentos e famintos, desesperançados de qualquer socorro, sem mínima condição de comunicação com a base ou com outros navios, assistindo a morte de companheiros vencidos por todas as carências, ao enlouquecimento de alguns, e ao suicídio de outros, farejados todos pelos tubarões ao redor das

balsas, ou feridos por inevitáveis contatos com as águas-vivas trazidas pelas correntes marítimas. Dia após dia de desespero e noites de atormentadas vigílias. No interregno da narrativa dessas horas, conhecemos as recordações de passagens referentes à vida normal da marujada, fazendo o contraponto pitoresco. Os amores de ocasião ou de sentimento deixados nos portos, as festas e divertimentos improvisados, as brigas, as perseguições e a camaradagem, tudo é exposto com a verdade das diferentes personalidades dos protagonistas. Moacir Lopes é um excelente narrador dos fatos – reais ou fictícios, tornando leve a evolução da história, inteiramente despreocupado de retórica. Interessa-lhe o cunho de verdade dado às ocorrências, a definição do perfil de cada personagem, quase todos identificados por alcunhas bastante criativas, dando-nos, muitas vezes, a impressão de estarmos diante de pessoas vivas agindo e interagindo conforme os fatos.

A Maria de cada porto vem a ser todas as Marias, Dolores, Ninas e Detinhas que os amavam realmente ou só por um dia; que os esperavam em cada porto, ou simplesmente se deitavam com os marujos para lhes proporcionar o carinho ausente durante a longa solidão das travessias. Temos nesse livro um documento, ou um relato vivo, ainda que configurado em estrutura de romance, talvez atos e fatos nascidos da imaginação com raízes na experiência cotidiana de quem experimentou de perto e na pele, as agruras da vida no mar durante uma guerra. Isso com a consciência da absoluta insegurança, e a certeza de que cada olhar ao horizonte, cada passo na rampa de acesso ao barco, cada retorno aos postos após a breve licença em cada porto, cada noite ilusória nos braços de qualquer Maria, poderiam ser os últimos de cada um.

## Notícia à moda da casa

O encontro foi o de praxe, mas a novidade, o novo endereço.

Poeta mora é em torre de marfim, lá no alto inatingível. Alguns. Alguns também residem em apartamentos, e quando se cansam dos antigos, trocam por novos, assim, tão depressa como se tirassem o escolhido do bolso da camisa. Só assim. Como se fossem figuras de joguinho de computador. Estala o dedo, muda de palácio. Depois é só distribuir e-mail. Novo endereço dois pontos.

E fomos todos reunir na nova moradia do poeta. Novidade? Mais espaço, mais ventilação. O principal, porém, não tem nenhuma novidade, é a acolhida, a descontração do encontro. Grupo pequeno como é bom, meia dúzia de inteligente bom-humor. Reunimos com uma ausência, por conta de acepipe baiano que castigou a leitora crítica, fazendo falta na alegria da noite.

Como sempre, por conta dos afazeres, o casal de doutores chegou por último, para fazer contraponto com a moça que bateu ponto tão mais cedo, que nem o anfitrião tinha chegado à casa.

Jantamos à portuguesa, bebemos à baiana sem álcool, ninguém precisa de combustível para acelerar a animação.

Lá para as tantas, o anfitrião, entusiasmado com a apazibilidade da varanda, desacomodou todo o mundo da sala para fruirmos a aeração do outro ambiente. Literatura mesmo não aconteceu dessa vez. Literato também joga conversa fora. Até que o doutor tentou iniciar uma conversa pertinente, perguntando a alguém sobre projetos imediatos, mas alguns assuntos interferiram, e o clima da noite estava mais para rir do que para poetar. E rolaram salsichas, pasteizinhos e olhos-de-sogra, refrigerantes diet e comuns, pontuados com piadas inocentes. E lá estivemos, como sempre, até as 10 da noite, quando todos se despediram ao mesmo tempo.

Bom mesmo é uma noite por mês entre amigos despreten-  
siosos, com muita descontração e um tanto de descompromisso; o  
cotidiano de todos nós já é bastante comprometido com os envol-  
vimentos existenciais que nos são atribuídos pela condição de es-  
tarmos vivos e atuantes. Graças a Deus que estamos. E todos, mais  
uma vez, ficamos felizes, com uma felicidade merecida, aguardando  
o próximo encontro.

# Mês amarelo

O jardim ficava em frente à casa, passado o portãozinho, e acompanhava pela lateral, em longos e largos canteiros de margaridas brancas e amarelas, até chegar à garagem no fim do quintal. Ali morria em uma humilde touceira de resedá. Sempre considerei, por conta própria, aquele resedá como se fosse um marco proposital para o fim do jardim. É uma das minhas fixas recordações de infância. O piso era forrado de seixos roliços que faziam ruído semelhante a dentes gigantescos mastigando. Cada vez que eu pisava nas pedras – o que fazia todos os dias, tinha a impressão de que uma bocarra misteriosa, invisível, mastigava ruidosamente imensuráveis grãos de milho seco, ou talvez pedregulhos. Era impossível transitar pelo jardim sem que se fosse denunciado para as salas e quartos, dos quais as janelas se abriam para o jardim com a festa das cortinas alvoroçadas pelo vento. Todas abriam-se justamente para o jardim. O jardim era uma festa de todos os dias, sem outro motivo que não o prazer de estar entre canteiros, observando a mastigação dos pedregulhos, que mudava o ritmo de acordo com os passos que eu ficava variando por pura diversão. Calada, provocando e ouvindo. Mania minha, muito guardada, jamais revelada a alguém.

Havia um pé de acácia amarela – não sei se devo dizer acácia amarela, talvez não exista acácia de outra cor, mas sempre falamos assim. Pois havia um pé de acácia amarela a um canto do jardim, bem na entrada. Debruçava-se para a rua por cima do largo portão verde da entrada do carro. Em dezembro floria. Os cachos amarelos eram quase escandalosos, na imodéstia com que esbanjavam ouro e alegria, quando o vento os sacudia na viração vinda do mar, que lá estava, a uns três quarteirões da casa. Então caíam lá do alto pequeninos anéis que eu nunca soube se eram pistilos pecos, ou se tinham



o propósito de sujar todo o piso, dobrando o trabalho do rapaz que o limpava.

Penso que foi aquele pé de acácia que me fez, toda a vida, achar que o Natal é uma festa amarela. Sempre tive o costume de atribuir forma aos nomes próprios, e ligar a cores todas as coisas e datas, com uma espontaneidade toda minha. Por isso, entre outras coisas que coloria, o Natal se me afigurou sempre amarelo. Não sei se por isso, dezembro, que ressuscita todos os anos, ora brilhante, ora sombrio, conforme a minha paisagem interior, na minha percepção aparece através da copa do pé de acácia, generosamente florida, sorrindo em ouro por cima dos seixos roliços do jardim de minha avó. Natal e galhos de acácia têm a proximidade mais íntima, incompreensível a quem deles eu falasse, já que todos vêm natal com pinheiros.

Um antigo jardim que hoje só existe no registro permanente ao lado de outros registros que não se apagaram, porque todo o vivido escreve uma história.

No seu lugar, agora, há de se ter levantado um edifício de apartamentos, no qual crianças, aglomeradas em caixas superpostas, espiam com olhos imensos e gulosos, por entre grades com as quais o progresso os defende da sanha urbana. Crianças que vêm Natais de cores metálicas, piscando e fosforescendo em néon, multicoloridamente artificiais, e nunca saberão que existem acácias que florescem nos dezembros. Ou floresciam. Nunca saberão que os jardins forrados de seixos roliços escondem gigantes e monstros enormes que mastigam pedregulhos toda vez que uma criança caminha por cima deles. Nunca saberão como os dezembros podem ter uma cor definida, e se tornar amarelos, e podem até pintar de amarelo todos os natais de alguém, para sempre. Ainda que o amarelo tenha se tornado menos forte e menos brilhante, continuará sempre amarelo, pois as acácias também podem perder um pouco do vigor da floração com a passagem dos anos, mas jamais deixarão de ser amarelas.

# *A menina da janela*

Indiferente à frieza e aos chuviscos, debruçada à janela, a menina -deve ter uns nove anos- observa alguma coisa que acontece na pracinha. Em que pensa uma menina de nove anos debruçada à janela da escola, assim ensimesmada, diante da pracinha? Quase imóvel, só lhe estremecem, levemente, umas poucas madeixas, que o vento da manhã molhada teima em tentar agitar. Não compareceu a professora, certamente. O inverno que, precoce, chega em maio, escandalosamente em aguaceiros, altera o ritmo da cidade, e atrapalha a rotina de muitos. Professores entre os muitos.

A menina está sem aulas neste horário. Por trás dela há cabeças que se movimentam ininterruptas. Colegas inquietos liberam a energia represada durante as aulas. A menina, porém, parece tranquila apoiada ao parapeito da janela, um braço dobrado com a mão imóvel voltada para perto da face, e o outro antebraço repousado na extensão do peitoril.

Cá embaixo, a manhã da pracinha segue a rotina quase perfeita. Ainda está o jornaleiro sentado no banco, embora a esta hora já tenha amenizado o fluxo dos carros que sempre diminuem a marcha para que alguém lhe compre o jornal do dia. Está a mulher com seu vaso de paçocas. Só não está o painel dos CDs piratas que também habita a calçada em dias mais enxutos. E transeuntes. Que será que atrai com tamanha atenção o interesse da menina? O que a toma tanto, até deixá-la desinteressada do movimento vivido pelos colegas atrás dela, provavelmente ruidosos? Ou não esteja sua atenção voltada para a praça e a menina apenas tenha ficado envolta por seus pensamentos?

Tento adivinhar o que se passa na cabeça de uma menina de nove anos quando se põe sozinha, completamente abstraída do seu redor. Em que pensava a menina que conheci mais de perto, quando tinha nove anos?

Também era pensativa muitas vezes, mesmo quando se envolvia com a graça de um livro. Também gostava de se pôr sozinha e quieta, para se dedicar ao que vivia em seu recolhimento. Inventava histórias e sonhava. Planejava realizar viagens para mundos distantes. Aqueles mundos que visualizava quando lia os contos de *As mil e uma noites*, transitar entre aquelas construções de torres em abóbadas, que via nos filmes em que se narravam enredos passados no Oriente. E fazia poesias, enfileirava versos no caderno que tinha na cabeça, para depois escrevê-los e guardar. Então não via o que estava acontecendo em torno, e se alguém a chamava nesses momentos, despertava com inevitável susto.

A menina da janela agora voltou a cabeça para o interior da sala. Alguém a teria chamado. Lentamente, deixa a janela, e na janela deixa os seus pensamentos. Seus sonhos ficam interrompidos para atender ao chamado. Seus planos abandonados, evanescendo no mármore do parapeito, para serem levados pela primeira lufada de vento desta manhã chuvosa, e perdidos, definitivamente. Como se perdem todos os sonhos de todas as meninas de nove anos que começam cedo a se abstrair da vida, para, em silêncio, fantasiar os seus anseios.

Quando os nove anos por alguns anos de multiplicarem, a menina entenderá a vanidade de todos os sonhos, mas sentirá saudades deles, como se os tivesse vivido, em algum lugar que não o peitoril da janela, e em algum tempo que, infelizmente, se perdeu.

## Dever de casa

As chuvas passaram, pelo menos diminuíram. O sol, com toda pompa e circunstância, declara aberta a temporada de malhação.

Recomeço a caminhar nas manhãs, que não sou de malhar em academia.

Chega de obrigações com hora marcada. Se as andanças satisfazem à prevenção para estimular o motorzinho que regula minha circulação, fico com elas.

Enquanto caminho na pista do meu prédio, vou considerando por que será que, dispondo de cerca de quatrocentos metros de pista, com três metros de largura, bem calçada, varrida e tranquila, em volta do corpo do edifício, protegido por muros altos no fundo e nos lados, e na frente por grades e porteiro, a maioria dos condôminos opta por caminhar na rua, geralmente no calçadão da orla? Compreendo o prazer da proximidade daquele marzão, panorama gratuito que ninguém nos toma, privilégio inviolável. Mas, em contrapartida, até chegar ao calçadão há o estresse das sinaleiras, há a atenção redobrada em relação aos trombadinhas que não escolhem hora para tomar posse dos celulares e correntinhas dos caminhan-tes. Será que compensa?

Enquanto isso, eu estou tranquila rodeando o prédio, e vou observando, sem indiscrição nem má fé, o comportamento dos meus vizinhos.

No fundo, ando pela ciclovia que só é utilizada pelas senhoras, ou suas domésticas, que levam os cachorros a passear e também resolverem as questões fisiológicas. Mas sem bicicletas. Tampouco levam pazinhas nem saquinhos plásticos. Ora, temos os zeladores, dirão... A convenção proíbe criação de cães no edifício, mas há uns quatro ou cinco poodles, um basset castanho, ontem encontrei um

spaniel cabeludão e lindo, e até já houve um enorme e velho boxer, mestiço com alguma raça de gigante, famoso no prédio, que morreu de senilidade, tendo sido pranteado pelo dono, um fisioterapeuta simpático, que por pouco não o acompanhou, passou uma semana sem se alimentar, desgostoso. Ao que parece, já reagiu, anda sorridente exibindo uma namoradina parecida com La Arósio, e agora leva a passeio um SRD malhado, pequeno e feio, mas bastante jovem.

Deixando a ciclovia, encontro o personal trainer, treinando a si mesmo, a fazer o circuito da quadra de basquete, ao mesmo tempo em que lê o jornal do dia. Sabe aproveitar o tempo, embora esteja despendendo o dobro de energia.

De vez em quando alguém retira o carro - há que ir trabalhar, não? - e vem maciamente atrás de mim. Protejo-me procurando o pé do muro, há espaço suficiente, e ele se vai. Então faço uma descoberta interessante: Crescem muitos pés de quebra-pedra, uma erva pequenina, cuja folha se assemelha à folha dos tamarindeiros, e que dizem ser muito eficiente para alguns males dos rins. Estão brotando justamente ao pé do muro, na junção entre o cimento do muro e o do piso, onde, ao que parece, não há terra. Não é à toa que tem esse nome. Receio que o jardineiro os arranque, e gostaria de pedir que não o faça. Mas entendo que tem que cumprir sua tarefa e garantir seu emprego. Por que tem que ser assim? Por que não existem regras intermediárias para assuntos especiais? Para tudo a norma é geral, por que tem que ser assim?

Na portaria, as auxiliares do lar estão chegando, parecem vir blocos na mesma condução, pois chegam aos lotes. Umam entram apressadas como se estivessem atrasadas, umas param e pegam o jornal dos patrões das mãos do porteiro, umas demoram para um papo simpático com o porteiro do horário, só depois da terceira ou quarta risadinha resolvem finalmente entrar. Lentamente.

Estou vindo da minha quinta volta. O sol se esconde de repente e começam a cair uns pingos grossos, que me obrigam a correr para descer, e me abrigar junto às garagens do subsolo. O porteiro que vai render o da noite está chegando. Ri um pouco da minha carreira, e brinca amavelmente: Ê, dona Gláucia, hoje a chuva não deixou! É o porteiro mais antigo, aquele que já é amigo de todo mundo, discreto

e educado. Também rio, confirmando, no subsolo entro no elevador.

Subo. Da minha sala olho a rua e, um pouco decepcionada, vejo que o sol já começa a abrir novamente. Os condôminos que caminham na orla estão retornando. A mulher das toalhas de pratos ainda está abrigada sob a copa do pé de ficus. Há uma fila de carros aguardando o sinal. Um Picasso cinza-metálico está se aproximando, e a mulher vai até ele exibindo as toalhas. O motorista não compra. Baixa o vidro, só um pouco, entrega-lhe alguma coisa. Algum dinheiro, suponho. O sinal mostra o verde, o Picasso se movimenta, a mulher acena em agradecimento e retorna à calçada de olhos na mão entreaberta.

A propósito, fico pensando se Picasso em vida teria sido generoso. Nunca li nada sobre isso. Mas não importa.

## Alegria e expectativa

Parece título de Jane Austen, o que muito me honra. Mas quero falar da minha Alegria maiúscula por ver o novo romance a nascer já já! Em vias de entrar para a gráfica, ungido e sacramentado. E expectativa por manuseá-lo, cheirar suas páginas, não se negará que livro novo tem um cheirinho especial, cheiro característico de... de livro novo, que é um aroma particularmente grato ao autor. A história que nos gratificou por todo o tempo em que fomos traduzindo do que nos inspirava a mente, ou é o coração? ou o espírito? ou é o inconsciente que no seu caldeirão de Grande Bruxo do Bem faz a sua poção de ingredientes colhidos no arsenal de lembranças antigas e recentes, de personalidades conhecidas e observadas, de fatos assistidos e vividos, e quando a sente no ponto exato, joga-a na mente e que o autor a defina em história, e se delicie enquanto a vai descobrindo, traduzindo, para narrá-la.

O autor é o primeiro a encantar-se com a sua própria história. Escrever é permitir a si mesmo a primazia mais importante: Saber de si mesmo como se mostra ao público na intimidade do seu ser mais secreto, sua personalidade. Suas vivências, e o que elas consequenciarão no seu íntimo. Afinal, tudo o que criamos tiramos do que temos em nós, sem consciência de que temos. O livro está pronto. Este livro depois de vários outros. E antes de outros que virão e novamente o caldeirão do Grande Bruxo do Bem, misturará as doses dos seus ingredientes e a poção trabalhada virá com novos signos e novas traduções a encantarem o autor no seu abençoado ofício. E, queira Deus, a alguns leitores também. Narciso é o meu amigo. Ei-lo aqui, sem dúvida! Mas este não muda um bom caráter, é só um mito vaidoso.

## *E a raposa disse ao Pequeno Príncipe*

“Corres o risco de chorar algumas vezes sempre que te deixares conquistar”. Concluindo: Se amares, corres o risco de chorar; se não amares, na solidão corres o risco de chorar. Com amor se chora, sem amor se chora. Se não existe escapatória, sofrer é uma destinação natural ao ser humano. A vida nos oferece mais uma das suas absurdidades, sofre-se COM ou SEM AMOR. Concluindo, chorar é destino infalível e absurdo da existência. Chegará o dia em que teremos que dizer, em verdade, a alguém que nos ama e nos faz felizes: Que maldade fizeste comigo: Me ensinaste a te amar!



# *Sem tédio e sem saudade*

Aqui não tenho ninguém comigo. Tenho a minha alegria particular. No meio da tarde apanho um chapéu e saio ao sol. Os gravilhões do jardim trincam sob meus pés, venço o jardim onde guardo os meus silêncios e venero as alamedas, as espirradeiras e as buganvílias, pela festa que me oferecem de graça. Caminho sobre areia da rua sem me incomodar com a poeira fina do verão.

A maré que subiu sem justificativa, inaugurando um dezembro qual se fora março, atravessou o cais e, arrastando-se até a rua, quase interrompe o meu percurso. Passa límpida e rasa a água franzida, tangida pelo vento, e eu entro por ela, sem descalçar as sandálias, divertindo-me com essa rebeldia infantil extemporânea. Caminho ao ritmo do chap chap que meus passos orquestram, rompendo a corrente leve, com a água me banhando as panturrilhas. É tão simples esse prazer simplório, mas agora é como se o tivesse pela primeira vez, e descubro o conforto da água fria na pele dos meus pés, que quase afundam na lama fina e clara e limpa da areia inundada. Arde o sol nos braços e no decote. Parece derreter o filtro que me protege. Fico cheirando a um coquetel de bronzeador com maresia, então sorrio de mim. Ando inclinada a me gratificar com esses pequenos grãos de satisfação. Eu já sabia que, quase sempre, os grãos são mais saborosos que as fatias generosas. Por isso tento racionalizar o meu momento para possuí-lo inteiro. Raros são os que podemos possuir inteiros.

Minha filha está em um curso na Espanha, minha irmã em uma excursão com amigas, eu acabo de desistir de uma viagem à Argélia (alô Camus, sem por isso deixar de amá-lo fielmente como aprendi). Estou plena e tranquila nesse esconderijo do mundo, uma ponta insignificante do continente, tentativa de voluntário exílio, entre nativos de corpos tismados e balaios de crustáceos, vivendo so-

lidão sem tédio e sem saudade. A mais que perfeita solidão. E isto também se chama Liberdade. Esta solidão – a que quero reter, cada vez que atravesso a baía retornando, e me enfio indefesa na guerrilha urbana, na qual inevitáveis punhais se nos apresentam, despertando nas gentes o primitivo impulso de fugir aos predadores, nossos próprios irmãos de espécie, quase em estado de canibalismo na concorrência pelo espaço, pela oportunidade, pelo ganho.

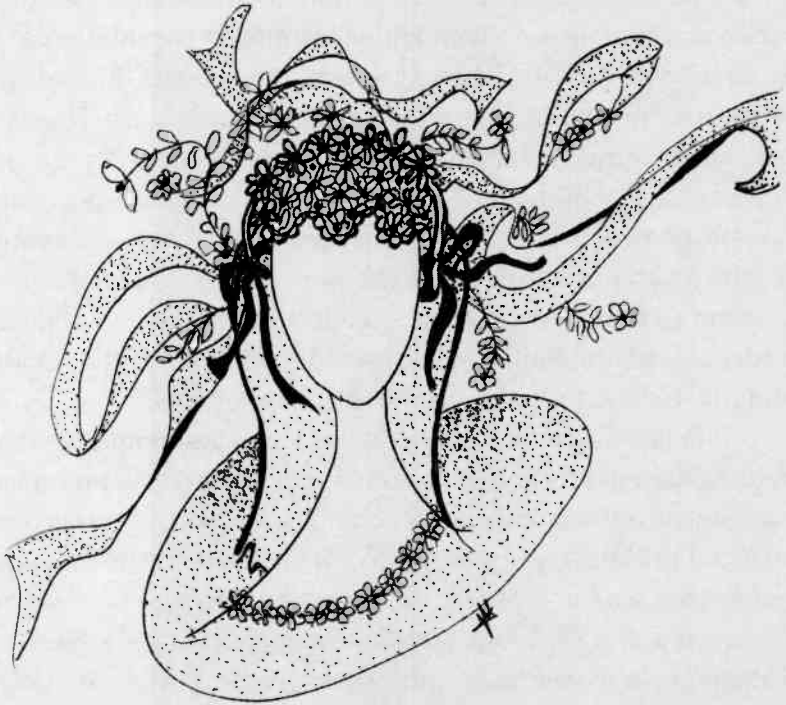
Aqui descubro o fascínio da fotografia, nas manhãs em que me aventuro pelos troncos cinzentos que a natureza retorce com arte somente sua; pelos arranjos eventuais dos barcos encalhados na maré-baixa, que nem sabem da harmonia e do ritmo que exibem em suas formas; no contraste dos galhos coleantes das graxas vermelhas, debruçados por cima dos muros em ruínas limosas. Descubro esse mundo e me apaixono, com a paixão guardada em pequeninas lentes de objetiva. É uma alegria nova, uma paixão solitária que se realiza em si mesma quase egoísta, refletindo para dentro de mim a criação que de mim foi descoberta, no encontro dos detalhes.

Retorno da padaria com os braços cheirando a pão quente. Pão de milho que aqui se faz com gosto de milho. Refaço o percurso da volta, com direito a novo mergulho de pés calçados, no transbordo da maré.

Há duas redes de madras esperando na varanda com a paciência monacal que só as redes nas varandas parecem ter. Chego-me, a concha me abraça. Capitu aproxima-se abanando a cauda e lambendo o sal dos meus pés que estão sobrando pela borda rendada, enquanto aguardo a revoada de periquitos que, a cada fim de tarde, atravessa o espaço no rumo do poente, espalhando pelo ar uma longa harmonia barroca em vários diapasões.

Esvoaça uma garriça no beiral da casa, onde adivinho um ninho. Um ninho é um berço de palhas, uma manjedoura... Natal é quase amanhã.

Fecho os olhos. Lembro-me de que ainda é tempo de acreditar. Acho que acredito em quê... Deve haver algo em que acredite! Na tranquilidade que pode ser. Ainda pode ser. Na alegria que é bonita e algumas vezes está guardada na fixação de imagem e na memória digital. Sobre tudo acredito na solidão perfeita. Sem tédio e sem saudade.



## Os segredos das estradas

Sempre que vou ao Vale do Capão faço a caminhada dos Gatos. Não pensem que se trata de caminhar em companhia de gatos, os felinos, tampouco na companhia de moços encantadores, sardos, aqueles de sorrisos fabricados para propaganda de dentifrícios, aos quais as mocinhas costumam classificar como gatos. Nada disso, o que não deixaria de ser agradável. Nem gatos nem cães são encontrados nessa caminhada. Embora certa vez um cãozinho, com cara de desamparo, estivesse parado em uma ponte e nos acompanhado por todo o percurso, até que, chegados a uma cerca, enveredasse por ela, como se finalmente tivesse encontrado seu rumo, e sequer nos agradecesse a companhia. Mas o episódio foi uma eventualidade. De ordinário, nem gatos nem cães desamparados.

O fato é que, no Capão, muitos locais têm nomes de famílias que os habitaram nos primeiros tempos em que a região foi explorada. Possivelmente seriam senhores de garimpos, no que a região era pródiga. Não tenho nenhum registro histórico em que fundamente minha suposição de que seriam senhores de garimpos, a hipótese fica por minha própria conta. A verdade é que existem locais com nomes de famílias que lá habitaram, sabe-se lá há quantos séculos, como os Brancos e os Gatos.

Tudo isso para falar que faço os Gatos todas as vezes, o que significa fazer todo o percurso do local chamado Gatos, em saudável e suarenta caminhada. Em uma dessas vezes, entre os amigos que iam no mesmo grupo, havia uma garotinha de uns dez anos, em companhia do pai. Muito esperta e falante, ficou a me observar enquanto eu fotografava as estradas que se ramificavam a partir da principal por onde caminhávamos, sempre que alguma me interessava. Não se contendo mais, falou: Ela está fotografando as estradas... Achou estranho que ao invés de fotografar as pessoas, eu estivesse fazendo fotos de chãos.

Outras pessoas não de ter estranhado também. Não estranhariam, se elas se detivessem no que me detenho quando vejo, em lugares primitivos, o serpentear de um caminho por entre alas de vegetação espessa, uma estradinha que, às vezes, parece não ter fim e que talvez se vá perder na serra que lá adiante se avista. Um caminho que algum dia, sei lá quando, foi apenas uma trilha rasgada por pés que pretenderam encurtar uma jornada, talvez alguém em fuga, um criminoso, um vingador, um perseguido, um infiel, que buscasse confundir o seu perseguidor e se atirasse entre galhos no mato fechado, na certeza de não deixar impressas na vegetação as pegadas deladoras de sua passagem, e aí começasse uma vereda.

Alguém um dia iniciou a trilha da qual nasceu a estrada que agora se oferece ao viajante. Aberta como uma fruta madura a qualquer fome, franca, lisa, no chão sem arestas, senão as da folhagem cinzenta que o vento joga dos galhos, onde secaram até o fim do seu tempo de verdor. Senão arestas minúsculas das areias que, em grãos, se espalharam arrastadas pelos ventos, fazendo a forração crespa dos caminhos. Que pés endurecidos e calosos de caminhadas, pisaram em primeiro passo, os galhos derrubados para abertura das trilhas que ali crestaram por ação da soleima ou da geada. Ressequidos, viraram pó e se desfizeram e se tornaram nada, justificando, no sacrifício de sua seiva, a abertura de um atalho. Por ele um garimpeiro alcançaria mais rápido o seu rumo. Chegaria mais cedo à grota na qual sua bateia perseguia a gema redentora da labuta da esperança. Ou mais rapidamente quando, no início da noite turva e gelada de neblina, alcançaria a choupana. Nela repousaria recuperando as energias, talvez ou certamente, onde o esperavam os braços mestiços e o corpo amoroso e aquecido daquela que seria todo o seu refúgio.

Quem sabe os segredos das estradas? Dos pés de ida ou de retorno, dos passos de fuga ou de regresso, quem viu pegadas, quem contou as histórias, quem conheceu os donos daqueles pés?

Ao aprendiz de fotógrafo, ladrão de imagens, que se permite violar as estradas para trazê-las impressas no egoísmo do seu prazer, cabe somente imaginar enredos. Ter o consolo de colher as sombras do arvoredo banhado de luz, que as projeta no claro-escuro da areia, enquanto seu espírito se perde nas interrogações que jamais terão respostas.

# *A meta, ou a saída*

Todos estamos tentando encontrar algum caminho. Entendemos que ele deve existir em algum ponto. Mesmo que tal não exista, urge que acreditemos. Enquanto acreditarmos em uma possibilidade, essa possibilidade existirá.

Houve um dia em que saímos. Não havia destino determinado, não fomos consultados, não que me lembre. Só me recorro de me descobrir a caminho, sem indicação traçada. Era preciso seguir. Não me entregaram bússola, nem mapa. Qualquer indicação. Apenas: Vai! Alcança tua meta! - E qual o código? - Ser bom e honesto - Não seria difícil.

É assim que partimos. Para onde? Por onde? Alcança tua meta... Mas que meta?

É assim que começamos. E começamos mais ou menos por imitação, imitando o que vemos. Escola, profissão, cumprimento de deveres. Regras entre o bem e o mal, o maniqueísmo imposto necessariamente em todas as questões. Amar, casar, reproduzir e assumir as responsabilidades consequentes. Um sistema a ser seguido, ou a marginalidade, ainda que não sejamos marginais na acepção pejorativa do termo. Cumprir, cumprir, cumprir.

Até que em dado momento, depois de todos os relógios cansados de girar, da exaustão de todos os momentos, do esgotamento de todas as pilhas da paciência e da coragem, começamos a perguntar se já não suamos todas as nossas camisas, se já não estragamos todas as solas dos nossos sapatos, se já não fomos bons em pelo menos 90% da jornada, e não fomos honestos em 100% dela. Honestos sim, em 100% dela, ainda quando, possivelmente, duvidaram da nossa honestidade. Então olhamos para os lados e ainda não há setas nem placas indicativas. Para a frente olhamos todo o tempo e só logramos avistar a poeira que ainda nos esperava a ser vencida,

sem certeza de para onde estarmos indo, sem companhia a suavizar e nos confortar a mão, porque a cada um cabe batalhar sua própria batalha. E a meta? O que é a meta? Onde ela está?

Inúmeras vezes nos equivocamos admitindo um objetivo e guerreando por ele, acreditando que nós próprios haveremos de eleger a nossa meta, embora não nos tenham avisado disso. No entanto, se alcançamos aquele objetivo, aturdidos, percebemos que à nossa frente a estrada continua, a neblina acima de um chão árido e acidentado se nos oferece a rasgá-la, e prosseguir, prosseguir a qualquer custo, não importa o calo no pé e no íntimo, a escara na mão e na alma, na qual já sobra o peso da bagagem. Buscando o que nos cansamos de buscar sem sequer lhe ter o nome.

Chega o momento da cabeça vergar e as pernas sangrarem. A bagagem que carregamos recheada dos nossos enganos, das nossas crenças e convicções, dos nossos êxitos ressaqueados do amargor das alegrias falsas, já zomba de nós, mais pesada que a capacidade de vergar-se da nossa coluna vertebral. E prosseguir com a nenhuma certeza, absolutamente igual à nenhuma certeza que tínhamos quando partimos. Isso quase nos convence de que viver talvez venha a ser uma pegadinha de muito mau-gosto, já que a estrada da procura se prolonga semelhante aos algarismos das periódicas que resultavam de algumas operações que aprendemos nos nossos primeiros tempos de matemática.

Acabamos por nos perguntar se será que há mesmo um caminho a ser descoberto, uma saída que resulte na solução para tão prolongada andança? Uma saída que esteja à espera de que a encontremos e possamos parar e respirar dizendo valeu a pena. Testemunhamos que nossos impasses se multiplicam. Não há respostas, no entanto precisamos acreditar que em algum momento as saídas se mostrem porque apenas se conseguirmos uma faísca de fé em uma possibilidade, essa possibilidade existirá, mesmo que não seja maior que o brilho de uma faísca. E urge acreditar. Todos precisamos crer que uma vereda se abrirá diante dos nossos pés, se não porque a mereçamos, ainda que cumprido o código do bom e do honesto, ainda que alimentados pela nossa boa intenção, se não porque a me-

reçamos por outros motivos ignorados por nós. Ao menos por um capricho do acaso, por uma lei qualquer entre as muitas leis naturais que, na nossa pequenez, nos parecem injustas, há de haver uma saída para os impasses de cada um de nós.

Sempre se pode imaginar uma fonte à beira de uma estrada, sentar, beber um pouco, lavar o rosto, as mãos, os pés, apanhar de novo a mesma mochila, e continuar, se possível como se fosse o princípio do princípio.

Porque, então, se assim não for... Viver será só isso?



# As quatro folhas do trevo

Descobri uma touceira de trevos em um canteiro. Há muito tempo não encontrava um pé de trevo para exercitar minha busca à felicidade.

Agachada, demorei-me mexendo nas hastes, frágeis, que mãos sem cuidado não podem afastar. Caçava um que tivesse as quatro folhas do talismã. Não havia nenhum. Essa incontida busca à felicidade... Estamos sempre a persegui-la, sem sequer sabermos onde, em qual objeto, em que ser, em que ação, em que pessoa daremos com ela. Nesta constante incerteza, nos confortamos com seus símbolos.

Fugitiva e escorregadia, ela nos escapa a cada momento, a cada tentativa. Ou somos nós que, na ansiedade por possuí-la, e não desconfiando sequer da sua forma própria, do seu impreciso conteúdo, ficamos a bater a cabeça, a gastar os sapatos e a ralar a alma, a nos animar com as miragens pelas quais ela nos ilude. É ela que nos ilude, ou somos nós que nos envolvemos prazerosamente nas ilusões que nós próprios criamos na pressa de tê-la? *Ela está sempre apenas onde a pomos / e nunca a pomos onde nós estamos.* Assim pensava Bilac (ou Vicente de Carvalho? Minha memória me trai.)

Mas nós não queremos a felicidade que manipulamos, que movemos de um a outro lado, que podemos por em algum lugar. Sonhamos a utopia de uma felicidade que lá um dia apareça de asas abertas, enormes, todas em plumas cor de ouro – ou brancas também servem - e nos envolva dizendo: Cheguei! Sou a tua felicidade! E ela nos entregue enrolada para presente - ou desenrolada mesmo - uma pessoa que nos ame definitivamente – nada de infinito enquanto dure, ame mesmo no duro, definitivamente, sendo sob medida para os nossos braços como quer a canção, mas não só para os nossos braços, também sob medida para as nossas emoções. Que não ronque muito

alto à noite, não tenha mau-humor, não seja arrogante, nem irritadiço, e venha envolta em uma nuvem – que pode ser uma suave nuvem – de paciência para a TPM e o atávico consumismo feminino. E sobretudo que, de vez em quando, se lembre de que a mulher existe ali bem perto dele, e lhe ofereça um sorriso de graça.

Queremos uma felicidade que nos traga aquele emprego cujo chefe seja generoso e bem-educado, e compreenda que competência nada tem a ver com gênero, ou de preferência sejamos o chefe de nós mesmas, pois sabemos ser suficientemente responsáveis. Que o nosso salário cubra não só as nossas necessidades, mas também os nossos sonhos. Queremos que ela nos traga filhos, ah! como prescindir dos filhos? Filhos que nunca adoçam, porque mãe morre a cada vez que um filho tem febre, que nos amem e reconheçam que fazemos tudo para que estejam bem, e também entendam que pais são humanos e erram. Filhos que, acima de tudo, se sintam muito, muito, felizes.

Não nos conformamos com a felicidade minguada que possa caber nas nossas inexpressivas mãos, para que tenhamos o arbítrio de manejá-las. Essa é sempre pouca para nós. Felicidade que se preza, e que nós merecemos, há que ser monumental e alegórica.. Porque tudo, enquanto sonhamos, é monumental e alegórico, temos a psicose do grandioso para podermos sofrer a inacessibilidade a nossos sonhos.

E assim vamos nós, até que um dia, entramos naquele restaurante pequeno, modesto e aconchegante, no qual costumamos almoçar quando estamos na praia, e somos recebidos com o abraço do dono, na sua sincera simplicidade. Com o sorriso de quarenta e quatro dentes feitos de coco, daquele cozinheiro que é mestre e doutor no mais delicioso ensopado de mariscos, e nos sentamos ao lado de um jardim de graxas, simplesinho, protegido por uma cerca rústica e sem pintura. Escutamos o silêncio de uma rua tranquila, nos entregando aos toques de uma brisa levíssima como um adejo de beija-flor, com a alma em paz mais que sempre, fechamos os olhos, e então nos descobrimos esquecidos da monumental alegoria da felicidade que sonhamos, e pensando: Isto, este momento, é felicidade.

É verdade que passa. Saímos do estado de divindade e voltamos à guerrilha da cidade grande, retomamos as defesas para não

sermos engolidos pela competição. Pelo banditismo das ruas. Não sermos pisados pela inveja dos concorrentes, pela intriga do mauca-ratismo, pela falsidade de alguns nos quais acreditamos, pela fome de destruição dos nossos semelhantes, tão dessemelhantes. E cá estamos outra vez mexendo nas touceiras à procura de um trevo que tenha bro-tado com as quatro folhas do talismã, mais uma vez brincando de ilusão.

No entanto, enquanto isso, quem sabe, acontece o beijo es-pontâneo de um filho, a palavra de um médico confirmando a saúde, a presença de alguém inaugural adentrando os portais da nossa vida solitária. Acontece o telefone anunciando o prêmio que se estava dis-putando, o encontro e o abraço caloroso do antigo amigo de quem se tinha até esquecido há tanto tempo, e você, e eu, voltamos a pensar: Isto, este momento, é felicidade! Porque nada é constante, e é a al-ternância o que nos leva aos sonhos e aos desejos nos quais temos os sustentáculos dos nossos dias.

# Filosofando com manteiga

*“A felicidade pode ser um par de botas.”*

Machado de Assis

Venho tentando compreender o mistério que estabelece uma ponte entre a sensação do paladar e o universo complicado das recordações.

O advento das dietas vem nos submetendo à obrigação de negarmos um dos grandes prazeres da nossa condição humana: Comer o que satisfaz a nossa aprovação gustativa. Assim, o melhor do ovo, rejeitamos, e nos contentamos com a sengracice da clara, em nome do colesterol. Devemos dizer não a nosso purê amanteigado, à santa macarronada do domingo, à pizza de quatro queijos, às maioneses, e substituí-los pela verde mistura folhosa de lindo visual e gosto duvidoso, pela secura do filé de frango grelhado, pela grosseria da pizza de massa integral e pelo borrachudo queijo frescal. Carboidratos, lipídios e que tais, inimigos nossos irreconciliáveis que merecem o nosso sincero desprezo, atormentam nossa vida, limitando os nossos almoços e jantares.

É assim que também riscamos a manteiga da nossa lista de compras, um dos mais deliciosos resultantes de um processo laborioso. O que passarmos no pão nosso de cada dia? Geleia? Nunca, é preciso cuidar da glicemia. Queijo? Só se for o frescal, com aquele sabor do leite vertido pelo sapoti verde. Resta margarina, mistura química que dizem ser vegetal, mas acabamos por ingerir, sem certeza do que estamos somando à poluição das nossas vísceras. Pois, não é que ando comendo cream cracker com margarina há muitos anos?

Numa dessas manhãs, porém, uma caixa amarela com rótulo vermelho, em cujo conteúdo um dos meus filhos exercita sua rebeldia, por não se render ao dissabor das margarinas, lá estava tentadora à minha frente. Seduzida, já que também não sou de ferro, entreguei os pontos – faça de mim o que bem quiser – rendi-me ao fascínio, e eis uma tênue espatulada de manteiga no campo retan-

gular do meu cream cracker. Uma mordida. Uma mastigada. Uma revelação!

Redescobri a alegria da infância. Alguma coisa naquele sabor me transportou para uma intraduzível sensação. Digamos que foi felicidade, como havia muito tempo não me fora dado sentir. O sabor do biscoito com manteiga – atente-se que não era um manjar, uma ambrosia, um pudim especial, um pastel-de-Belém, era um mero, o mais comum dos biscoitos conhecidos, um apenas cream cracker acompanhado de café-com-leite – me transportou a momentos muito vividos do meu primeiro decênio de vida, o do café da manhã antes de ir à escola, naquele tempo despreocupado e meio irresponsável, em que vivemos só porque nos colocaram no mundo. A vida não tem arestas nem tristezas, não tem vazios nem culpas, não tem tédios nem mágoas, a vida corre deslizando como as águas límpidas de um rio. A vida é somente Vida, para que a possamos colher, porque acreditamos para isso estar no mundo. Entendi então que, naquela época, nunca observara quanto sabor havia no biscoito com manteiga – claro, ainda não havia margarina nem colesterol, eu comia manteiga todos os dias sem restrições para o meu prazer de degustar.

Mas nessa manhã descobri que a satisfação do paladar também é como o encontro de um caderno de anotações que se guardara no fundo de uma velha e emperrada gaveta, e que, folheado ao acaso, reconta horas encantadoras das quais até pensávamos nos haver esquecido, em um regozijo de alegrias físicas, vivas e pulsantes. Pode ser uma ponte que conduz a nosso íntimo mais profundo, e alvoroça lembranças e sensações. Para o que às vezes não é preciso mais que um biscoito sem nobreza, e uma pequena transgressão.

A gente vive aprendendo e se surpreendendo, e exercitando o poder e o direito de filosofar, até mesmo sobre um pouco de manteiga em um biscoito cream cracker.

# Manhã

Pela manhã os pombos vêm. Esvoaçam, irresponsavelmente, e se empoleiram na fiação elétrica. Não ficam. Só alguns. A maioria retoma o vôo, manobrando com graça as asas simétricas, à pouca altura, planando como se um grande prazer lhes chegasse da exibição no espaço, na frouxa claridade semi-aberta. O vôo é uma suprema beleza inatingível a muitos. É um poder. Não só de Ícaro foi o maravilhoso sonho. Todos, alguma vez, elaboramos nossas asas de cera e nos alçamos à meta de algum sol. Inútil tentar saber quantos terão se erguido da queda; quantos terão carregado uma sutura no rosto, um coração transplantado, um pé defeituoso, uma cicatriz no peito, resquícios do seu sonho de Ícaro. E todos continuarão tentando, faz parte da programação existencial. Quem a teria traçado?

Não está fazendo muito sol nesta manhã. A luz vem coada, lembrando manhãs mal acordadas de cidades da Chapada, ou pós-madrugadas de beira-mar. Tampouco está frio o clima; há uma perceptível friagem, que mais parece umidade, muito confortável para se sentir. Silêncio de templo e nenhuma ventilação. Só agora, neste mesmo momento em que escrevo, uma folha da begônia vermelha no cachepô de bambu, em um ângulo da sala, se põe a tremer levemente, anunciando um princípio de aragem.

Ao longe tem início um ronco de motor, como ronronar de gato. Pressinto que principia a findar este momento de paz. Uma hora, na eternidade, de absoluta paz, que raramente se deixa acontecer, pelo menos para mim, que pouca importância tenho para as horas todas da misteriosa eternidade. Hora episódica, como toda paz. Sem calor, sem ruídos, sem preocupações, sem cobranças existenciais, sem discursos, sem insistência de luz intensa ferindo a vista. Instante de comunhão com beleza e bem-estar. Comunhão com Deus.

Os ruídos dos ônibus lentamente vão se multiplicando. Vão conquistando espaços a poluir, dentro do espaço límpido, puro, belo, tranqüilo, que os antecede. O relógio badala sete vezes. A campainha da porta vibra, chega a titular da cozinha. Minha manhã acabou, tem começo a manhã de todo o mundo.

Ouçõ, dos longes da minha memória, a voz de Agostinho dos Santos: A felicidade é como a gota de orvalho numa pétala de flor. Não sei se Agostinho sabia que cantava a verdade. Felicidade é fugaz, está no script: Cai como uma lágrima de amor

# Não faço parte do pacote

Há coisas que, provavelmente por tradição, se tornaram comuns a quase todas as pessoas. Parece que um dia um toque de reunir determina: Todo mundo tem que ter celular; toda mulher tem que ficar loira depois dos 50; toda pessoa culta tem que endeusar Chaplin e tem que ter lido Proust (mesmo quem não endeusa e quem não leu, afirma que sim!). Nos meus tempos de universidade, todo jovem tinha que ser de esquerda, tinha que estar “conscientizado”. A partir do século XX, toda mulher tem que ter braços e pernas finos como cambitos, e vastos peitos de silicone. Em todos os tempos todo mundo tem tido um diário no qual anota seus feitos, defeitos e mal-feitos para a posteridade nele basear seus conceitos referentes ao autor. E, não sei desde quando, a humanidade tem feito uma lista de intenções a cada novo ano. Sem falar no carro, obrigatório, para enfiar no calvário do trânsito, item obrigatório! Um amigo até me disse certa vez, que quem não tem carro não existe. Desculpe, eu não nasci, e nem tinha percebido. E não vou me matricular em uma auto-escola, só para justificar meu registro de nascimento, tampouco lhe apresentar minha declaração de rendimentos para lhe dar o direito de me cobrar, o que quer que seja.

É assim que as coisas caminham socialmente. Como se todos nós, membros de uma sociedade, fizéssemos parte de um pacote, para cuja inserção fosse imprescindível semelhança de gostos e de perfil. Mas não é bem assim que as coisas acontecem individualmente. Acho pouco inteligente deixar-se empacotar. Às vezes uma mulher sessentona prefere cobrir as melenas grisalhas com tonalizante cor-de-cobre, por questão estética, ou por gosto pessoal, ou até por não desejar fazer parte do bloco das coroas tingidas de loiro, e ficar com cara de todo-mundo. Pode ser alguém como um certo professor que não compra celular porque não gosta de ser procurado onde quer que



esteja, não quer ninguém no seu pé. Às vezes é o caso uma pessoa muito tensa que não tem tranqüilidade para se envolver na pressão do trânsito, e prefere andar de táxi. Não será o caso de pessoas como esses exemplos postos à toa, serem personalidades fortes que não se incomodam de estar ao arrepio do convencional? Pessoas que tem sua própria opinião?

Considerações à parte nas quais me prolonguei, volto à origem deste texto que foi inspirado na observação de que eu fico à margem da tradição em alguns itens. Principalmente, jamais consegui manter uma agenda de compromissos, embora seja muito organizada, a ponto de desarrumar a mesa posta, para ajeitar a toalha se tiver ficado torta. Mas se algo for anotado na agenda, esqueço de consultar e perco a data. Para meus compromissos escrevo bilhetinhos e colo acima do espelho interno do meu armário de roupas, por ordem de datas.

Também não mantenho um diário, já tentei inúmeras vezes, desde a adolescência. Prefiro fazer anotações e comentários esparsos, divagações até mesmo muito pessoais, em agendas (que ganho e não uso) e vão sendo atoamente registrados. Se alguém quisesse o meu perfil a partir daí, nunca encontraria o fio da meada. Felizmente ninguém está interessado nisso. No entanto, se estou trabalhando um livro, com disciplina religiosa diariamente volto a ele e nessa dedicação esqueço as horas.

Nem faço listas de intenções. Nunca fiz. Obviamente sempre tive sonhos, algumas vezes tive esperanças, muitas vezes fiz planos, faço planos, como viver sem eles? Mas sem tempo definido. Durante 40 anos sonhei construir uma casa com a planta que eu queria, uma casa sem corredor. Sonhei e esperei. Morei em casas e apartamentos, menores ou maiores, condenando toda perda de espaço e de iluminação dos respectivos corredores. Na infância nossa casa era grande e antiga, tinha um corredor largo e longo, que nunca mais terminava, para ele se abriam todos os quartos que, se não estivessem com luzes acesas, ficavam penumbrosos, acho que eram assim todas as casas antigas. Eu tinha medo de escuro, e fazia o percurso do corredor com o coração aos solavancos, porque ainda que o corredor estivesse iluminado, havia as portas abertas dos quartos grandes e sombrios.. Nunca mais acabava aquela caminhada, pois as crianças eram proibidas de

correr dentro de casa, era preciso andar...embora morrendo.

Sonhei longamente a minha casa sem corredor, sonhei sem planejar, esperei sem ansiedade, nem perspectiva. Quarenta anos depois a construí. Exatamente como sempre a desejei. Toda ao gosto pessoal somente meu. Ampla, clara, mais larga que comprida, rodeada de varandas nas quatro faces dos pontos cardeais, e sem nenhum corredor. Sem luxo, não preciso dele, confortável sim, mas era aquela, a casa que eu queria.

Não sei se os quarenta anos de sonho sem planos, e de esperança vazia, me ensinaram a vanidade dos planos e a fragilidade das esperanças, não me firmo nessa experiência para nada, mas pode ser isso pensado como um testemunho da impotência humana, e da dependência das coisas em relação às oportunidades. Quando a oportunidade acontece, chega a hora de nascer em carne-e-osso, em papel-e-tinta, ou em tijolo-e-concreto, aquele desejo que envelhecia sem perder o vigor dentro de nós. Teria sido exatamente assim, e nesse mesmo tempo, se eu tivesse delineado o plano e padecido a longa ansiedade. Porque assim é que seria.

Não é por isso que não faço listas de intenções a cada novo ano. Tudo o que desejo, espero. A oportunidade virá. Ou não. Seja qual for o objetivo. Nada, nem ninguém, merece que nos descabelemos, nem que ganhemos cabelos brancos.

Neste ano falei: Quero fazer novos amigos. E quero. Mas só falei, expressei um desejo. Sem ardor nem expectativa. Não vale a pena. Não faço listas porque não acredito nelas. Em que será mesmo que acredito?

# *Pelos umbrais da catedral*

A página branca à minha frente. Branca e em branco. Ainda não sei como vou usar este espaço generoso que se me oferece. Mas vou fazê-lo, sim. Ando com saudade de escrever minha crônica, o que uma fase mais tumultuada me tem impedido. A gente se acostuma com todo fazer prazeroso.

Quando assinava coluna em jornal, a abertura da coluna era o melhor momento do trabalho, por ser a hora de redigir a crônica. Em seguida vinham os drops noticiosos que não requeriam mais do que dar forma agradável às notícias da hora na minha área. Era um trabalho que eu gostava de fazer, era a minha comunicação com o mundo, aquela que ia ao público com o imediatismo que não se encontra em nenhuma outra comunicação pela linguagem escrita. Em compensação ela é também a única que vive tão pouco, a menos duradoura, e nisso perde longe para os livros. Consumida, consome-se também sua razão de ser, e geralmente é esquecida.

Nunca tive mais profunda compreensão da tamanha brevidade, do que diante de uma desagradável coincidência que me ocorreu. Desagradável na época do fato.

Uma manhã eu saía de uma farmácia na avenida Joana Angélica, tinha chovido à noite, por isso a rua estava molhada e havia muitas poças, principalmente nas calçadas que sempre foram mal conservadas. Cuidadosa para não enfiar os pés em uma delas, caminhava olhando para o chão, quando recebi a surpresa. Em um farrapo de jornal, molhado, amarrotado e sujo, identifiquei sem dificuldade um pedaço da minha coluna publicada na véspera. Justamente em uma parte do meu texto a folha fora rasgada. Minha crônica ali, emporcalhada e pisada por quantos transitavam na avenida, foi como se alguém me aplicasse uma bofetada. Precisei con-

versar comigo mesma, demoradamente, respirar fundo, para deixar de me sentir insultada, e poder entender que aquele é o destino dos jornais. As pessoas lêem e jogam fora, tudo o que há nele é descartável, não é desimportante, mas descartável. São muito breves os seus cinco minutos de estrelato.

Na minha infância, com jornais se embrulhava sabão nos balcões dos armazéns de secos e molhados, antecessores dos supermercados. Os textos assinados por mulheres menos vaidosas que eu e por todos os demais jornalistas estavam destinados àquela sorte. Por que eu estaria tão ofendida? Tive que me curvar àquela realidade e aceitar que a vida dos textos jornalísticos é breve, por sua própria natureza, ou finalidade.

No dia seguinte, lá eu estava escrevendo minha crônica, que saía quatro vezes por semana, e burilando a redação dos drops para melhorar a secura das notícias, com cuidado e não emprestar literatura à objetividade do jornal. Aí, já bem consciente de que viveriam o tempo de uma flor de hibisco, não mais, e renasceriam no dia seguinte, sob outras formas e outras palavras, obedecendo ao ciclo vicioso das colunas de jornal, porque todos temos os nossos destinos e também temos que considerar os destinos das coisas e das palavras.

Mas, o vírus da crônica não tem cura. Cá estou, pelos umbrais da catedral, nas páginas deste livro, cronicando com capricho que tanto bem me faz, e, afinal, eu não sei mesmo fazer outra coisa que não seja arrumar palavras.

Agora a página branca ainda é branca, mas não está mais em branco. A não ser que esta reflexão egocêntrica sobre o meu próprio fazer, e os laços que nos atam àquilo que criamos, não equivale mais que a uma página branca em branco. Ademais, eu mesma concordo que os egocêntricos são muito tediosos!

## ⓪ *tal universo paralelo*

De vez em quando ficam em moda determinados assuntos. Aparecem líderes, quando é o caso, ou os donos da verdade, quando se tratam de descobertas. Em consequência crescem facções, quem é a favor, quem é contra, quem acredita, quem nega, quem não está nem aí.

Foi assim anos atrás, quando alguém ouviu, ou leu, a respeito do universo paralelo, e o assunto virou até música de Gil. Sei quase nada sobre o assunto, somente - resumindo - que seriam doublés de cada pessoa, que existiriam em uma outra dimensão, portando as mesmas características nossas, isto é, dos que vivem aqui nesta nossa dimensão, no nosso mundo material. Sou pessoa de credulidade muito rala, a quem qualquer coisa não convence facilmente, por isso nunca me interessei em me inteirar com profundidade. E mais não sei.

Os fatos da vida vão se juntando, nossos, como dos nossos circunstantes, e lá um dia a gente se pega à toa, sem propósito, matutando sobre eles. Vamos juntando coisas e quase sem querer, como quem junta peças de jogo de armar, vamos tirando conclusões, às vezes lógicas, às vezes hipotéticas e até fantasiosas.

É assim que estou acreditando que todos nós - ou pelo menos razoável maioria - temos o nosso universo paralelo. Mas não pensem que aderi à teoria do duplo, para mim bastante improvável. Um universo aqui mesmo nesta nossa dimensão material suficientemente pragmática que é a nossa realidade. Será o universo pessoal, privado, oculto, no qual vivemos paralelamente ao universo social do qual participam familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos, enfim todos com os quais socialmente participamos da existência, inclusive os nossos mais íntimos.

Vejam: Quem não tem, no caminhar da existência, um fato ou um ato guardado lá no escaninho mais estreito da memória, ou do coração, não importa há quanto tempo, que não abre para ninguém? Pode

ser um fato inocente, até que não passaria de bizarro, ou mais grave e até criminoso que macularia a dignidade. Uma gafe em local inconveniente, um escapar de uma eructação em público, ou em presença cerimoniosa, (uma moça terminou um namoro porque o cidadão em um momento infeliz não conseguiu segurar um leve arrotinho), uma infidelidade amorosa, uma taça que se entornou em uma mesa de festa, uma traição a amigo, uma mentira injustificável, um amor impossível e condenável que não se esqueceu? Este conteúdo, que não se revela, no entanto, não há tempo que o apague - porque já diz o ditado que palavra dita e pancada dada nem Deus tira - causaria constrangimento se conhecido, ou condenaria às labaredas do inferno segundo o arbítrio dos justos. Este conteúdo permanece no nosso universo que cá está paralelo ao universo social do nosso cotidiano. Oculto, mas vivo, seguindo paralelamente a nossos passos.

Sabemos de pessoas, casais, que um dia se conheceram em circunstâncias normais, e, sem a intervenção da vontade, de mera conversa se identificaram como se houvera anterior entrosamento, o sentimento se fazendo mais profundo que a fugacidade da paixão, ou a embriaguez do encantamento. E daí nunca mais foi possível se separarem. Quem entende dos mistérios que transitam entre uma mulher e um homem, quando uma verdade se impõe entre os dois? Solidificou-se um sentimento que socialmente seria condenável, por haverem implicações anteriores. Separam-se, mas permanecem, um na vida do outro em silêncio, e nem sob suplício chinês o revelariam a quem quer que fosse. Esse amor está vivendo no universo paralelo dessas pessoas. Seja vivido ou renunciado, está tatuado em suas vidas.

Ou não se separam e optam por vivê-lo perigosamente, como quem furta a própria felicidade, usufruindo outra vida, ao lado da vida social que continuam mantendo, e que é a que todos conhecem. Quem não presenciou ou soube de alguns quadros semelhantes? E esse é só um exemplo entre muitos, por ser o mais comum, de vidas que pulsam em um universo paralelo, o do segredo da transgressão. Ninguém vê essa realidade, mas ela existe, nesse universo inviolável que todos temos. Paralelamente.

Estou convencida de que o universo paralelo existe, no qual não temos um duplo nos representando, somos nós próprios, unos e indivisíveis, vivendo as circunstâncias inevitáveis que nos colhem, para o bem ou para o mal.

## ① *dragão da bicicleta*

O herói chegou à escola e correu a procurar o maior amigo. Tinha o sorriso mais radiante dos seus 8 anos. Já tirei as rodinhas da bicicleta, estou andando sem as rodinhas, e não cai nem uma vez!

Era uma das suas primeiras vitórias sobre um desafio. Daí em diante estava pronto para tirar as rodinhas de todas as bicicletas da sua existência. Era um forte! Começara cedo a se superar.

Entendo que a vida não é mais que uma sucessão de desafios que se nos impõem. Um após outro, desde que começamos a viver, somos desafiados diante de tudo. Ainda na vida intrauterina, inconscientemente temos o desafio de chegar a termo, e vir à luz. E a partir daí as circunstâncias nos colocam, a todo momento, questões a serem vencidas pelo nosso esforço, nossa capacidade, nossa competência, nosso bom senso, nossa habilidade. Conseguir firmarmos de pé e caminhar, aprender um vocabulário que nos permita comunicação, depois de nos mostrarmos capazes de articular palavras, mediante um esforço que ninguém nos poderá ensinar, e por conta só do nosso pequenino cérebro. E vem mais desafios, aprender a ler, fazer contas, passar de ano, os primeiros encantamentos amorosos, a ansiedade das paixões adolescentes... Quanto mais fortes, maior a inibição diante do objeto que a inspira. Que desafio formidável o romper da timidez, claudicar na inexperiência, e falar dos nossos sentimentos!

Então nos tornamos adultos carregando nos ombros uma certa bagagem que mistura os afagos dos êxitos aos calos dos fracassos, porque, embora não tenhamos ainda consciência disso, estamos arrastando tudo desde um passado que então, para nós, já é mais ou menos distante. E ficamos adultos para nos defrontarmos com novas questões: A concorrência em todos os âmbitos da sociedade, na qual tudo acaba configurado em desafio, por menores

que sejam os obstáculos. O emprego, a profissão, a família, a vida amorosa, as implicações financeiras, a educação dos filhos, o contexto social no qual estejamos inseridos, o êxito profissional. Tudo isso depois de, lá bem atrás, nos termos iniciado na conquista do difícil equilíbrio em cima de um selim, para nossa locomoção sobre duas rodas pouquíssimo calibradas, que, a seu tempo, tinha peso de pódio de fórmula um. O que vale ressaltar, porque sabemos ser esta uma das grandes conquistas da infância no nosso primeiro decênio.

Devo confessar que, nesta bravata, me defrontei com o maior desafio de toda a minha existência. Aquele que se impôs à minha carência de habilidade, e nunca fui capaz de vencer. Ainda bem para minha cabeça, que tirei de letra outras situações com maior ou menor dificuldade, e, a algumas coisas que, a outras pessoas, poderiam afigurar-se mais penosas, fui empurrada pelas circunstâncias e pude garantir suficiente fortaleza. Não me considero frustrada sob nenhum ponto de vista. Todavia fui vencida pelo monstro da bicicleta.

No caminhar destas reflexões, estou pensando se uma certa covardia que me é inerente, uma acentuada indecisão na hora de olhar de frente algumas das bicicletas que a vida tem me apresentado, não poderão ser filhas da minha antiga inabilidade diante daquele desafio que, ao me por em brios, ganhou de longe, para mim.

Aquele garoto pode ter fortalecido sua perseverança e sua auto-confiança quando foi capaz de se libertar das rodinhas. Quem sabe se não teria crescido inseguro e tímido, se, como eu, nunca houvesse logrado vencer o dragão da sua bicicleta ?



## *Autumn's leaves & gaiivotas*

A senhora grisalha recostou a cabeça na almofada do espaldar e se entregou à contemplação da dança das gaiivotas. Uma coreografia contínua, sem jamais se repetir. Sempre amara as gaiivotas. Nas excursões costumeiras eram elas o seu espetáculo preferido. O marido não saíra naquela manhã. Andava indisposto. Seria um mal-estar passageiro, era melhor que ficasse lendo no camarote. Ele não gostava de excursionar, acompanhava-a para ser gentil, preferia uma rede na varanda com um livro policial diante dos olhos. No mar, qualquer motivo servia para permanecer lendo, recolhido, não deveria aborrecê-lo. Ficaria em companhia das gaiivotas. Era gostoso o silêncio do convés. Só o ruído das ondas e agora a música de algum rádio, a pouco volume, iniciando os compassos de *Autumn's leaves*. Fazia tempos não escutava aquela melodia. Lembrava uma excursão, há quantos anos? Trinta? Era solteira ainda. Dançava nas festinhas a bordo. O rosto iluminou-se. As ruguinhas dos cantos dos olhos como que desapareceram, a pele como que se aveludou novamente. A brisa agitou-lhe os fios grisalhos, desfazendo o penteado simples, de cabelos aparados.

Dançara *Autumn's leaves* noite adentro e depois fora para o convés com o rapaz, aproveitar a lua cheia. Era um rapaz moreno de olhos azuis, tão azuis! Namoraram durante toda a excursão e, encantados, olhavam juntos as gaiivotas. Onde andaria agora aquele moço, tão docemente recordado trinta anos depois?

Aquela senhora, parecia já tê-la visto em algum lugar. O sorriso. Era o sorriso, era o jeito de postar-se no convés olhando as gaiivotas. Lembrava alguém. Seria possível? Os cabelos grisalhos curtinhos... Ela possuía uma bela cabeleira castanha, caída sobre os ombros. Bobagem, seria a sugestão da manhã amena, do vôo das

gaiivotas, daquela música, no ar. Aquela música... Não, não parecia exatamente com ela, apenas fazia-o lembrá-la. Estava ficando um sentimental com o passar dos anos. Boas lembranças não precisam ser esquecidas. Para que as vivemos senão para poder recordá-las? Era uma moça alta, esbelta, aquela parece um pouco menor, e os olhos, os dela eram maiores. Mas o sorriso e o jeito de postar-se no convés. Coincidência. Apenas coincidência.

- Bom dia, senhora. Gosta de olhar as gaiivotas?

- São lindas.

- É verdade. Também perco horas acompanhando seus passeios pelo céu.

- Eu acho que ganho horas olhando para elas. Ganho também em recordações enquanto as contemplo. Muito boas recordações.

- Como eu. Muito boas recordações.

Os olhos azuis e os olhos castanhos encontraram-se e riram ao mesmo tempo demoradamente, muito demoradamente!

- O barco está atracando. Foi um prazer conhecê-la, senhora.

- Também tive prazer em conhecê-lo, senhor.

O senhor moreno avançou pelo cais, lentamente. Nos olhos azuis luzia um sorriso do mesmo jovem. A senhora grisalha aconchegou o cachecol ao pescoço do marido, apoiou-se em seu braço e começou a caminhar com ele. Sorria. Um sorriso de trinta anos atrás.



## *Certas músicas*

Desperto para a manhã quente de um verão sufocante. O pensamento é o mesmo de alguns dias, ainda não consegui me livrar dele, e não creio que o queira perder. O mesmo pensamento vem tomando todo o meu tempo e espaço, e não entendo por que finjo querer dispensá-lo, se tenho consciência de que ele me dá prazer. Está como certas músicas que às vezes teimam em freqüentar nossa mente sem qualquer motivo que não o registro de alguma coisa. Desde o dia em que cheguei da última viagem comecei a cantar: Deixei eu dizer que te amo, deixou eu gostar de você. Amor I love you, amor I love you. Mal acordo e aqui está como um pano de fundo bem dentro em mim: Amor I love you, amor I love you. A melodia se repete e estou a cantá-la mesmo em silêncio

Por entre as faixas frágeis das persianas, listras de luz se projetam e desenharam um simétrico painel na parede clara. Brinco de este-sim-este-não, com o olhar saltitante entre elas, procurando ocupar a mente com outra coisa. Lá fora o amolador de tesouras sopra um realejo em escala cromática agudíssima. Então, imediatamente penso em André que se incomoda com o som dessa escala. Já perguntei: Por que não gosta? – Não sei, não gosto. Foi bastante. Aquela gaita é ele. É curioso como certos sons estão ligados a certas pessoas e a certos momentos. O amolador de tesouras e meu neto André. Amor I love you e uma imagem fixa no meu pensamento, como se fosse possível reter uma figura, como diria aquele menino maníaco por inglês, as time goes by. E a repetição desse compasso está agora outra vez interrompendo o meu desejo de continuar esta crônica, que me acordou logo pela manhã para a luz e os suores do verão, e era desse verão que eu queria falar. Um pensamento, uma imagem insistente e um pedaço de música que se casa perfeitamente com a sugestão da imagem.

Falo *As time goes by* e a expressão remete a Casablanca, o filme. No último sábado o vi pela terceira vez. Agora em DVD. Quando foi lançado, eu estava saindo da puberdade, idade de sonhos de amores eternos e de inabalável fé na eternidade do amor. *As time goes by* cantava na boca de todos os adolescentes como um hino e uma profissão de fé. Por tudo e por nada se repetia: Toque outra vez, Sam. Um equívoco, a frase no filme é Toque uma vez, Sam. (Play once, Sam). Mas era constante.

Eu estava nos meus primeiros anos de ginásio, e no meu primeiro encantamento sentimental. E acreditava que amaria por toda a eternidade aquele menino franzino, branquinho, de cabelos negros sempre caindo um pouco sobre a testa, numa madeixa luzidia e teimosa. Enfim, a eternidade está dentro de nós. Era meu vizinho de bairro, tinha olhos grandes e, na boca pequena, um sorriso bonito, quase inocente, e pouca idade mais que a minha. Onde abri as mãos e o perdi? Se é que o perdi. Em que trecho da vida o deixei, que ele continuou a vir comigo suave como um vôo de pássaro que me acompanhasse por todos os lugares, com todas as poucas companhias que tive, em todas as perdas e todos os êxitos, e ainda o tenho, mesmo agora quando sei que está morando em algum ponto inacessível à minha compreensão, onde moram todos os mistérios que estão encravados na eternidade, ainda o tenho *as time goes by*. Amor I love you, amor I love you.

## Conversa puxa conversa

Arrumo a mesa, guardo livros que estavam empilhados. Amasso papéis inúteis, cupons de compras, rascunhos vencidos. Sento-me finalmente para começar a trabalhar. Puxo a mesa portátil para mais perto. Caneta na mão, meus olhos tropeçam nos CDs que comprei há uma semana e não escutei nenhum deles. Estive envolvida pelas coisas pequenas que levam as horas quase em arrastão. Eu os esquecera. Agora os reencontro e Benito de Paula logo em cima, pisca levemente para mim.

Cantor dos anos 60, talvez. Sempre gostei de ouvi-lo. Não tem nada especial. Canta o que todo mundo cantava naquela época, independente dos Beatles, os mesmos sambas de refrão, lentos, e eu, fissurada em Louis Armstrong de quem comprava tudo o que podia, apaixonada por jazz, parava para ouvi-lo. Por quê? Não tem explicação, como não têm explicação tantas outras coisas que preferimos. Tem alguma explicação para gostar de coca-cola? E de pipoca? Mas todo mundo gosta, ou quase todo mundo. No entanto, nunca adquiri uma gravação de Benito de Paula. Com minha mania de cantarolar baixinho, por uma época, vivia cantando “ em retalhos de cetim, eu dormi o ano inteiro, e ela jurou desfilar pra mim...” trecho de um samba de Benito..

Semana passada comprei uns CDs e, entre eles, o meu primeiro de Benito de Paula. Vou escutá-lo. Deixo a caneta e ligo o som. Ele começa “Tire o seu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor”. Eu ouço música popular analisando a letra, e não resisto a este momento: Quem disse que música popular não tem poesia? E lá vai Benito: “Não precisa me perdoar, basta me compreender e me deixar ficar.” Pois é, queiram ou não, muito samba antigo diz umas coisas que alguma vez a gente quis dizer e a covardia

não deixou. Mais adiante: “Você me olha desse jeito, meus direitos e defeitos querem se modificar (...) mas se não for amor, não diga nada por favor, não apague esse sonho. “ Quantas esperanças, quantos propósitos já desabrocharam ou ainda, a partir de um certo olhar, às vezes apenas vago ou eventual. Quanto da nossa vida vem expresso na inspiração de um compositor que, sem saber, nos emprestou o seu momento para o prolongamento do nosso sentimentalismo adolescente, seja qual for o nosso patamar etário. E lá se vai Benito...

Conversa puxa conversa, dia desses assisti, no programa Saia justa, às apresentadoras se expressando sobre o verso mais bonito do cancionero brasileiro. Vastíssimo o nosso cancionero, e rico. Naturalmente esqueçamos o contemporâneo axé, por motivos óbvios, com todo o respeito pelos seus cultores, que todos têm direito a seus próprios gostos. Tratando-se de composições legítimas, de eternos como Pixinguinha, Ari Barroso, Cartola, Sérgio Bittencourt, Paulo César Pinheiro, Noel Rosa, e que tais, convenhamos que fica difícil eleger a maior entre as maiores. Sem me recordar dos respectivos autores, só por exemplo: “Tire o seu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor”; “mas a lua furando nosso zinco salpicava de estrelas nosso chão”; “simplesmente as rosas exalam o perfume que roubam de ti”; “minha voz na voz do vento indo em busca do teu vulto”; “a escura fumaça que sobe apagando as estrelas”; “as paralelas dos pneus na água da rua, são duas estradas nuas, em que foges do que é teu”.

Neste momento, antes que me recorde de outros versos, alguém inspirado, lá embaixo, muito respeitoso ao bem-estar dos condôminos vizinhos, abre as janelas do carro, e, a todo volume, um CD atualíssimo, gravado por algum dos geniais compositores contemporâneos neste Brasil, está lançando aos quatro pontos cardeais desta manhã amena, esta jóia musical: “Abaixadinho, abaixadinho, abaixadinho, abaixadinho...”

Estamos vendo, não se trata de patamar etário, sim de oportuno paralelo. E Benito nem precisa ser Beethoven para merecer uma avaliação consciente ante o exemplo que nos afronta de imediato.

Volto ao som, Benito de Paula já escreveu minha crônica de hoje. Repito o CD, vale a pena. “Tire o seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor, se na sua vida eu fui espinho, espinho não machuca a flor.”

Estou pensando que Jorge Ben Jor talvez estivesse ouvindo essa gravação, quando começou a compor: “Sai da minha frente que eu quero passar.” Quem sabe, também havia um certo sorriso no caminho do autor do Patropi?



# Trem de ferro

É uma saudade boba a minha nostalgia do trem de ferro – eu que nem viajei muito.

Se pudesse alimentar um hobby caro, certamente colecionaria pinturas e desenhos, e faria fotografias, de trens de ferro. Teria Almiro Borges na minha sala, teria O trem sob a neve, de Monet, viajaria para fotografar tantos quantos tivesse possibilidade, todos com sincera reverência.

Sinto um élan de vida no trem de ferro. O poder das rodas mastigando os trilhos, extensos trilhos, infindáveis trilhos condutores dos viajantes de todas essas terras de Deus. O apito, um gemido de partida que nos penetra fugidio como um suspiro que escapa forte, e vai-se esvaecendo até morrer suave, em derradeiro soluço, fiapo de som. Outras vezes, o mesmo apito é o álaçre aviso de chegada, clarinada de anúncio de regresso, véspera de abraço quente, beijo misturado a risos, café na mesa, lençol lavado cheiroso a ervas, e novas histórias a serem contadas. Por onde andou, o que trouxe, Poeiras, velhas cercas enegrecidas margeando a ferrovia. E mata-gais, porteiras e rebanhos. E pontes oscilando por cima dos magros rios, bebedouros de animais. E vilas de gentes famintas e reclusas com seus calcanhares rachados, que têm sua festa só quando passa o trem rangendo os ferros, apressadamente, compridamente nos seus comboios, e elas acenam às janelas, aos rostos anônimos, acenam, acenando a ninguém. Que de ninguém sabem, e, para aqueles rostos nas janelas, também elas são ninguém.

Não sei que lembranças me vem do trem de ferro. Imagem evocativa do nada inflama a emoção sem motivo, sentimento vazio, pois nunca vivi aquelas vilas, não conheci a alegria de esperar o abraço dos que chegam nos seus vagões carregados da ansiedade do

regresso. Nunca padeci a ausência de quem se distanciasse no apito sofrido, agudo e fugidio da partida do trem, para sofrer a angústia do espaço alongado. No entanto, toca-me por ele melancolia estranha e suave saudade. E um magoado desejo de seguir também para algum destino que não sei, mas, insistente me chama.

# Fogueiras, enquanto existem

Este ano vivi um São João aquecido. Fogueiras, muita fumaça carregada pelo vento noturno, muito espoucar de bombas, e danças de faíscas pelo ar. Muito vulcão jorrando das calçadas e tanta espada arriscando a segurança dos combatentes corajosos. Fogo no espaço, enfim, uma noite iluminada por uma luz que negava a nossos olhos o prazer tranquilo de contemplar as luzes das estrelas.

Havia muitos anos eu não via fogueiras. O fogo é um elemento que nos proporciona um especial espetáculo de beleza. O braseiro tem um vermelho particular, brilha sem fosforescer na raiz da chama, enquanto essa se inflama amarelada quase da cor da abóbora, evoluindo sorrateira e inconstante, elevando-se volúvel como em uma coreografia mentirosa, sem jamais se fixar, e acaba sendo uma ilusão que fenece sem cinzas. A chama é apenas uma ilusão.

Há muita verdade na associação do fogo aos sentimentos do coração. Paixão que arde como fogo, chama de amor, morte de amor associada a cinzas, e por aí vai.

Quanto a mim, prefiro dispensar a chama dessa paixão e acreditar no sentimento escondido que permanece na raiz da chama, no braseiro que queima quieto, e ainda permanece por muito tempo depois que a chama se extingue. E ainda quando aquele vermelho da brasa, por força das chavinhas que sempre caem nas noites de São João, as mais frias do ano, quando ele arrefece e já não brilha para o sabermos vivo, o carvão que se apresenta negro, e aparenta frieza, permanece ardente, queimando em segredo. Se lhe dermos um sopro vigoroso, estalará de leve, e se mostrará na força do braseiro que alimentara a chama anterior. Assim é o fogo das fogueiras, assim são os sentimentos amorosos mais profundos, quando os chuviscos das noites juninas da vida os ameaçam e os cobrem do negrume do car-

vão aparentemente apagado. Um sopro, e voltarão a arder. Porque a chama é ilusão, mas a brasa é a verdade do fogo.

Fico horas contemplando uma fogueira queimando, uma fascinação. Optei por esse privilégio, neste ano. O São João que não é mais, e nunca mais será, como as noites de junho da infância da minha geração, sequer da geração dos meus filhos, ainda é uma festa de alegria, embora tenha perdido a graça da credulidade nas adivinhações tão comuns e praticadas pela juventude de ontem. Não é preciso espírito saudosista para comparar as melodias ingênuas e o ritmo dos baiões do Gonzagão com a invasão sem propósito de outras músicas da atualidade.. Até o forró que era dançado alegremente aos pares frente-a-frente, agora está contaminado por passos mirabolantes de rock. A dama há que se embolar pelas costas do cavalheiro, de vez em quando, e outras acrobacias. O advento do progresso às vezes invade indevidamente alguns espaços que, por tradição cultural, deveriam ser preservados. Incluindo a solta dos balões que pontuavam o espaço com suas luzes cada vez mais distantes, cada vez mais distantes, romanticamente viajando para o nunca mais, e que, por motivos mais que justificados e corretos, foram apagados definitivamente. Mas é inegável que façam falta na paisagem noturna dos festejos. No entanto, ainda temos os bailes nas cidades pequenas, os forrós puxados a sanfona ou a CDs, as fogueiras estalando, fabricando fumaça espessa, e tirando lágrimas dos nossos olhos. E o sempre licor de jenipapo, ainda bem que o conservam, para os que dele não se apartam, brindando ao santo de sacrifício tão cruel, cuja homenagem faz a festa mais brilhante do calendário.

Um louvor a São João, enquanto ainda tem festa! Enquanto! Sabemos que com mais alguns decênios ele só existirá nas lembranças dos bisavós, e depois, com a passagem do tempo, restará como uma lenda e alguém dirá: Contam que há muito tempo atrás, na noite de 23 de junho, acendiam fogueiras nas ruas, soltavam foguetes, e as crianças ganhavam uns brinquedos que funcionavam acesos com fogo, como tochas, uma maneira primitiva de homenagem a um santo, se não me engano era chamado João.

# *Apaineira*

No Campo Grande, em um ângulo que confina com a Avenida Sete, cresceu de semente tangida pelo vento, ou foi plantada em hora de inspiração, uma paineira. Não é uma paineira, é um colosso, uma obra monumental da natureza. Sempre que passava por ali, nos meus tempos de Escola de Belas Artes, me punha ao pé do tronco, rugoso e formidável, cuja circunferência denunciava séculos de existência, e olhava para o alto a contemplar a fronde. A graça da imensa galharia espalhada em folhas e floração rósea, frutificada em paina, larga, imensa e majestosa no seu domínio do espaço. Não sei se ainda lá está, mas desejo profundamente que lá esteja..

Sempre pensei em quantas coisas, ao longo dos séculos, seus ouvidos – se ela os tivesse – teriam escutado. Confidências e inconfidências, contratos e conluios de fugas e de vinganças criminosas, ternas palavras de idílios proibidos, traições e vidas negociadas. À sua sombra, quando menos alta a fronde e menos grosso o tronco, quanto forasteiro sedento, adentrando a cidade, teria parado, para do albornoz empoeirado sacar o cantil e matar a sede. À sua sombra, quanto escravo teria estacionado seu tabuleiro de peixes, seu balaio de frutas, para rápido repouso das pernas nodosas da sempre jornada no ganho das patacas que apressariam a compra da alforria.

Seus olhos – se acaso os tivesse – a quantos fiéis teriam assistido, sob os véus nas cabeças contritas, os chapéus nas mãos, seguindo charolas e andores de imagens nas numerosas procissões. Quantas liteiras passando a conduzir sinhazinhas, mal escondidas por entre as sanefas das janelas, a furtar com olhos disfarçados os olhares do cavalheiro postado sob a paineira, na hora exata de vê-las passar.

Quantas vezes terá visto transitarem os condenados vestidos nas alvas, a caminho do sacrifício, em lúgubre acompanhamento

de padres e carrascos, até a força armada na praça da Piedade, seguidos do ímpio cortejo de curiosos. Quanta vida pulsante a seu redor e quanta morte inútil, quanto gesto amoroso, quanto sinal disfarçado, quanto crime inclemente, quanto discurso vazio, quanta intriga, quanto carnaval inconsequente, quanto sonho, quanta dor, quanta história a paineira teria para contar.

Houve um tempo em que, tomada por esses pensamentos, até pensei em escrever um livro que seria uma conversa com a paineira, ela me contaria tais segredos, e eu teria uma história muito rica. A idéia ficou, a inspiração não aconteceu, porém.

Às vezes me pergunto se as árvores não terão, como os insetos, o seu sistema de comunicação. Se no farfalhar das folhas não conversarão com suas semelhantes, um pouco que seja, das coisas que acontecem, dos fatos que presenciam, dos flagrantes da história, dos costumes dos homens. Se elas se guardam com suas memórias – se as têm – que se irão fragmentar no dia em que, abatidas, se tornarem tábuas, virarem toros, se transformarem em papéis. Talvez papéis que venham a fazer livros, nos quais a posteridade aprenda coisas escritas pela humanidade, muito diferentes daquelas coisas que eles já trazem na memória remota das suas próprias folhas. Nunca terei esta resposta porque ela vive o absurdo da minha fantasia. Mas tenho quase certeza de que um livro em branco não está de todo vazio. Ele tem na memória da madeira de que foi criado, todas as histórias que por ela foram presenciadas, enquanto árvore vegetal vivo, e nela permaneceram, no silêncio da sua condição. Somos nós que não sabemos ler o que ele guarda.

# Catimplora

Se você é da geração-internet, ganha um sorvete, se souber o que é catimplora, sem recorrer ao Google, ao Houaiss ou ao Aurélio.

Por falar em sorvete, hoje eu estava me proporcionando uma rara transgressão sabor-chocolate, e sentenciei que quem inventou o sorvete está no céu. Eu tenho a pretensão de conceder um lugar no céu a todos aqueles que inventam ou descobrem alguma coisa que me seja útil ou agradável. Quem inventou a lava-louças está no céu, quem criou as receitas de todos os pudins do mundo está no céu, e por aí vai também o inventor do sorvete, essa divina delícia. Meu filho embarcou no meu delírio e brincou: Foi alguém que pôs o suco para gelar, perdeu a hora, o suco congelou, ele bateu no liquidificador, e assim começou o sorvete.

Brincadeiras à parte - que a gente às vezes precisa de um tantinho de brincadeira para refrescar a cabeça - não conheço alguém que não goste de sorvete. Não há inverno que dispense um sorvete na sobremesa do almoço.

Passados das primaveras etárias, começamos a descobrir a dieta dos diet e dos zero. E entram os sorvetes diet e os zero-gordura, e -Deus do céu!- os zero-açúcar. A pergunta é: Com o que são adoçados os sorvetes zero-açúcar? Aspartame? Invade as gavetas da memória sem pedir licença e embola tudo o que encontra por lá. Eu até já ando pensando dez vezes antes de entrar em uma conversação, porque é certíssimo que, acaba sempre me fugindo a palavra principal da frase iniciada. Isso graças a um decênio ingerindo o famigerado aspartame.

Se não o adoçam com aspartame, talvez o façam com ciclamato. Deus que nos defenda! Dizem que é cancerígeno. Mas o sorvete de framboeza zero-açúcar é adoçado com alguma substância, sim senhor, é gostosinho, eu o degusto todos os dias, embora ainda não

saiba de onde vem a leve doçura.

No entanto, que saudade! Nada se compara ao sorvete da infância, no tempo em que não havia carrinhos de sorvete rodando pelas ruas do bairro, badalando um sininho que era uma senha para o despertar de todas as crianças que estivessem no mais profundo sono da tarde. Anterior ao carrinho de sorvete da geração dos meus descendentes, houve um tempo em que não se vendia sorvete industrializado. A gostosura era fabricada por mãos hábeis não sei de quem, preparada sem essências artificiais que mudam o sabor, e sim com frutas, ou coco, ou chocolate ou favas de baunilha. O sorveteiro o trazia em um recipiente semelhante a um balde de madeira grossa, que continha um outro, cilíndrico, de alumínio ou de flandres, rodeado de pedrinhas de gelo e de sal grosso. Ainda não existia o isopor que hoje nos socorre.

Quando, no meio da tarde, o sorveteiro gritava na esquina da rua o pregão esperado Sorveeeeeeeete! Chocolate, coco e baunilha! A maciez gelada já começava, por antecipação, a se fazer sentir na língua, e a descer lentamente pela garganta, como a sensação mais agradável que poderia ser proporcionada a uma menina de nove anos. Era o momento em que a menina acreditava que Deus existia e gostava muito dela. Desde aquele tempo eu acredito que quem inventou o sorvete está no céu. Acho que com muito merecimento, é, ou não é?

Ia me esquecendo de contar que eu não compreendia como era que o sorveteiro, aquele mensageiro dos deuses que me fazia feliz todas as tardes, suportava carregar na cabeça aquela catimplora tão pesada. Por que era que a minha alegria de todos os dias precisava pesar tanto na cabeça daquele homem abençoado, e teria que estar guardada naquele vaso de nome tão esquisito.

Mas hoje a minha preocupação vai mais longe, penso em quão mais triste seria o mundo se a alegria de uns tivesse sempre que estar presente através de um peso para a cabeça de outrem. Então, por questão de consciência, a quantas alegrias seria necessário renunciar, além das muitas a que já renunciamos por motivos os mais variados, para não nos sentirmos culpados nos nossos prazeres mais simples? Enfim, a própria vida já é contraditória: Ela às vezes é tão má, tão sem contemplação, no entanto, é tão bom viver!



## Esse prazer sem nome

Apago a luz do teto, deixo o abajur quase em penumbra, e fecho os olhos.

A cabeça permanece a trabalhar no mesmo ritmo em que passou todas as horas do dia. Percebo que na agitação em que a tenho, não há cristão que repouse, como dizia minha mãe. Falta música. Música que me possua e me relaxe. O remédio santo e o sublime prazer. Uma faixa de Louis Armstrong vai me tomar todo desassossego, e dissipar a tempestade, o que nunca é difícil escolher.

What did I do to be so, pouco a pouco me vai envolvendo. Sem demora o som do trompete modula, e já não sou a mesma. Divino Armstrong.

Em alguma encarnação fui uma negra em New Orleans, frequentando os cafés nos quais os blues imperavam absolutos. Em um ângulo qualquer do salão, um negro dedilhava uma guitarra chorosa, tirando o jazz, repetitivo e monocórdio, no improvisado do lamento a prantear a infância ao abandono, uma mãe embriagada, um pai morto na linha do trem, e etcetera, etcetera e tal. Ninguém lhe concedia atenção, pois qualquer um outro ali estaria, fazendo a mesma coisa, e ninguém lhe daria atenção. O quadro fazia parte do contexto.

Em uma plataforma um sax-tenor, um cover de B.B. King, animava o salão, permanecendo por exaustivas horas a se encantar na busca à blue note fugidia.

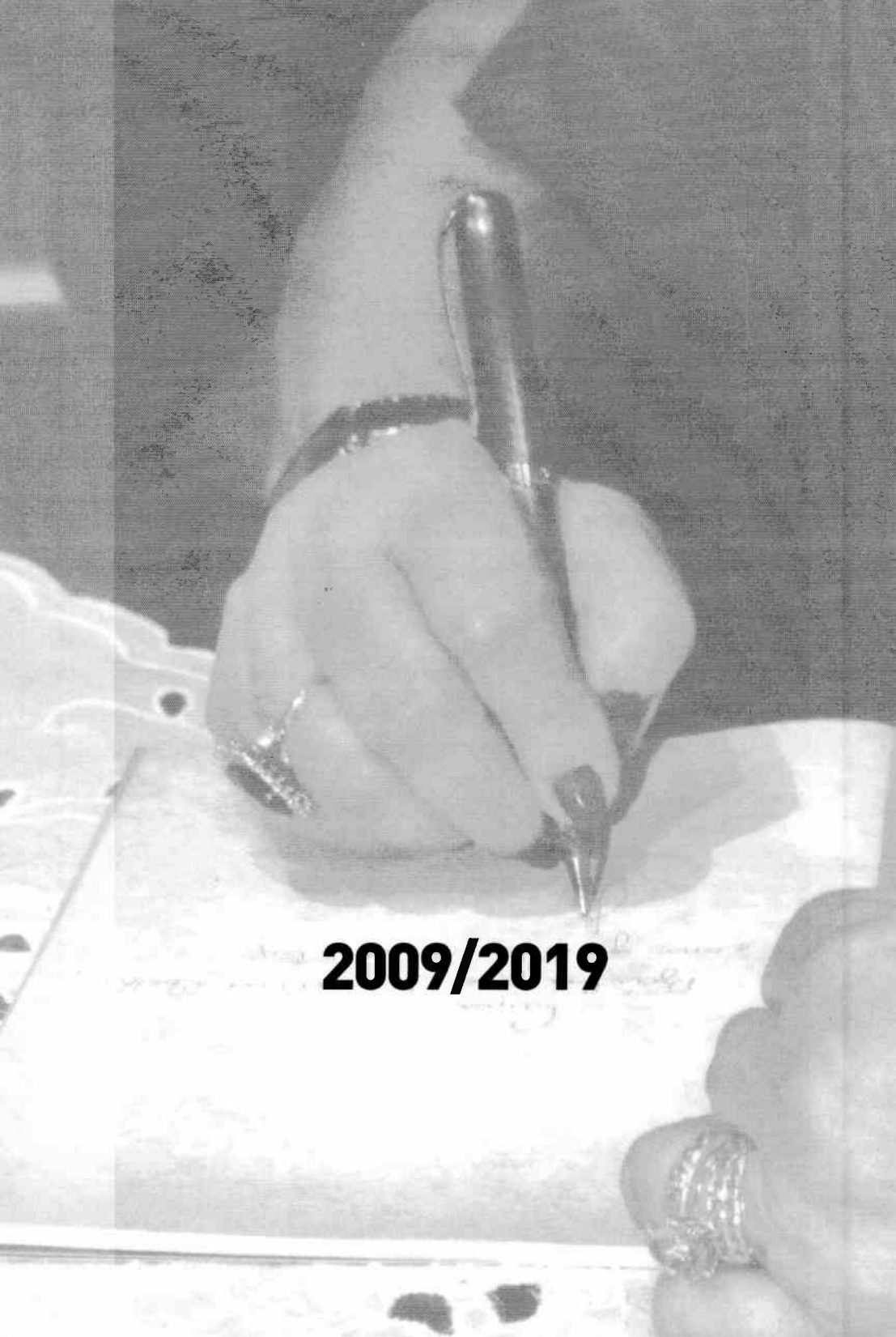
O som de Armstrong me penetra. Eu tinha um cansaço, tenho agora a magia da música que me absorve o coração e a alma, na voz rascante, e me convence de que jamais saberei expressar o que se passa em mim quando me entrego à possessão de um blue. Eis um prazer sem nome. Sinto desfalcado o meu vocabulário, souro a carência de palavra nova, alguma especialmente moldada ao

sentimento no qual eu, inteira, me envolvo, desfeita e misturada - fisicamente misturada - como uma massa amolecida e amalgamada aos sons, à melodia e à harmonia, aos acordes e aos arpejos. Sinto-me despersonalizada, deixo inteiramente de ser, até o agudo final, limpo e declinante, do trompete que se perde quase sem sentirmos, como em um gemido macio que arrematasse um abraço amoroso. Assim é Louis Armstrong, assim é Miles Davis.

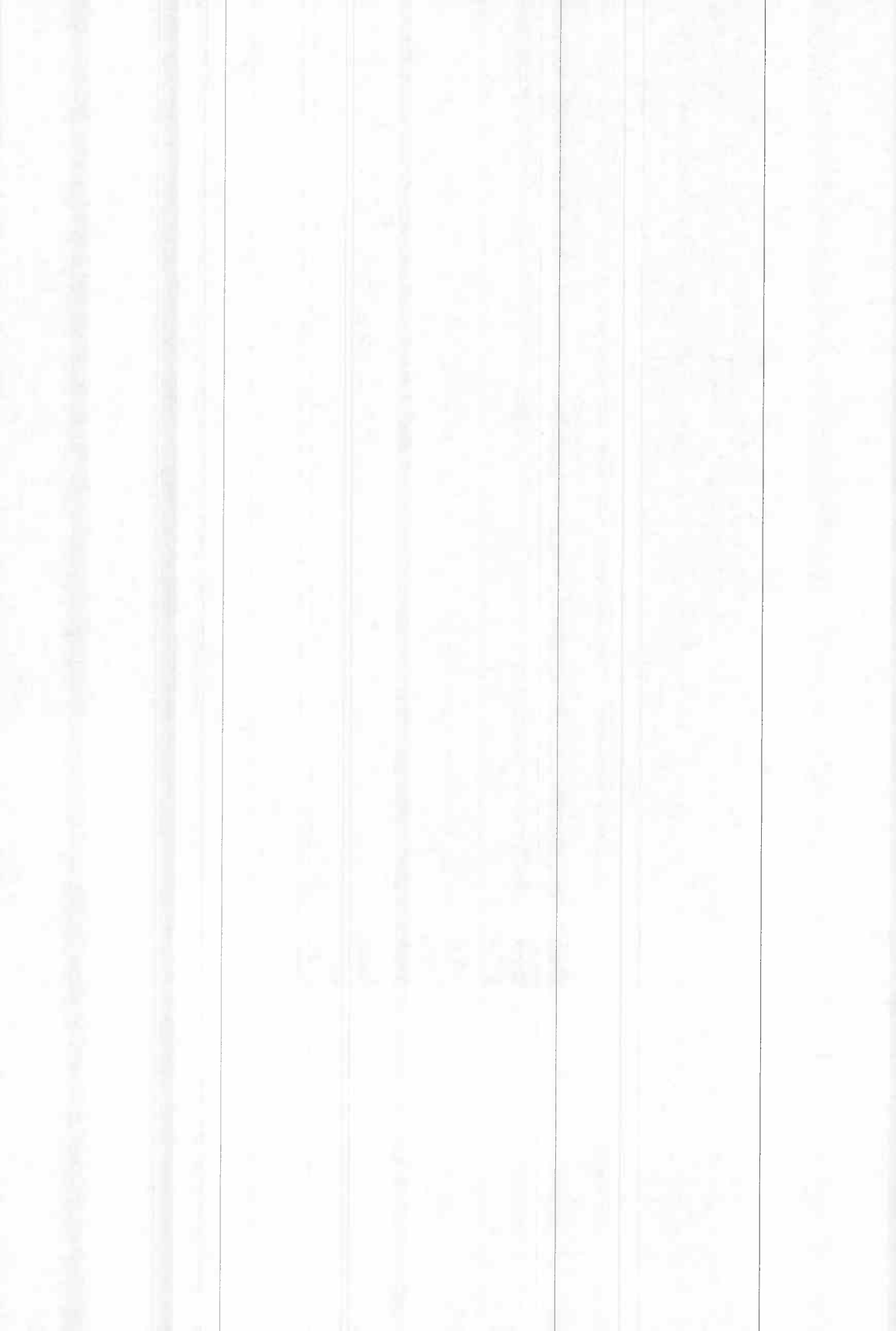
Em algum tempo perdido na eternidade – se eu tivesse suficiente credulidade para afirmar que vivemos diferentes tempos – fui plantadora de algodão às margens do Mississipi, e entoei spirituals em templos anglicanos. Minha alma teria sido impregnada dessa cadência nostálgica, e dessa melancolia sensual que embala e comove. Teria sido amante de algum Louis Armstrong, ou abandonada por um Coleman Hawkins. Ou simplesmente teria sido glorificada por algum mero plantador de algodão das margens do Mississipi, que cantasse gospel nas igrejas, e frequentasse os cafés escuros de New Orleans, como eu. Se assim eu tivesse sido. Se eu acreditasse na existência de outros tempos nos quais houvesse vivido e convivido.

Estou no meu tempo e no meu espaço, corre na minha seiva uma mistura ibérica de complexa definição, meu coração brasileiro assim é cada vez mais. Sou amante de Armstrong com o amor amado nas faixas dos CDs. Jamais serei abandonada por Coleman Hawkins, obviamente, ele não se evadirá das faixas em que o tenho gravado. Quanto ao plantador de algodão, ainda não conheci nenhum, e pelo pouco interesse que voto àquelas bandas, não tenho a menor intenção de ir a New Orleans ou a qualquer das outras cidades daquela União.

Estou novinha em folha, minha alma apaziguada, dormirei tranqüila. Amanhã talvez faça um belo dia de sol nesta minha cidade que amo. E continuarei a escutar os blues que me enternecem e me proporcionam imenso prazer, por aqui mesmo, verde-amarelamamente.



**2009/2019**



# Traga amoras para o Natal

Alguns escritores falam do sofrimento no seu ofício, de como se atormentam durante a criação dos seus textos. Respeito todo pensamento, todo sentimento alheio. Comigo, porém, tal não ocorre. Fico particularmente feliz sempre que estou com um livro em andamento. Sinto prazer com este trabalho, É verdade que, dado o texto por concluído, vem aquela demorada fase de revisão, cuidados com a coerência, com os possíveis cochilos ortográficos, e gramaticais, com a busca da melhor sintaxe. Todas estas filigranas indispensáveis a uma obra para se possa dizer literária. É trabalhoso, mas um desafio que me empenho em vencer com o melhor de mim.

O mais difícil e pleno de dúvidas é para mim a escolha do bom título. Partindo da indecisão natural a minha personalidade na maioria das situações que tenho a viver, esta etapa torna-se quase obsessiva.

Sendo este o meu primeiro livro no gênero, cuidei de escolher por antecipação, e o título me parecia perfeito.

Cá estava a autora feliz a reunir suas crônicas e revisá-las, quando um colega de ofício anunciou o lançamento de mais um livro de poesias. E o título? Bastante parecido ao meu escolhido. Quase irmão gêmeo.

A quem já sofre de indecisão crônica, imagine-se o que significou voltar ao ponto de partida, para garimpar um novo título, satisfatório a quem vinha acariciando esta publicação como a um bebê em formação, que refletia a alma e o pensamento mais autêntico da sua autora! Sabendo que não lhe serviria qualquer título. Haveria de ser bonito, incomum, que instigasse o leitor a vivências cotidianas - porque assim são as crônicas - Todavia sem o prosaísmo inerente a nosso dia a dia. Alguma coisa com uma dose de lirismo possível à rotina

mais comum do mundo, qual vem a ser a rotina na qual se perde e se encontra todos os dias a própria autora. Com um encanto subjacente em uma expressão cotidiana, capaz de surpreender pela simplicidade, mas encantadora. É isso o que eu queria. Contudo, onde buscá-lo?

Voltávamos de divertida festa de aniversário, durante a qual, convocada por Júlia, na sua meiguice, aceitei participar de um jogo eletrônico. Cometi inúmeras gafes por ser ignorante no assunto. Isso a levava a boas gargalhadas. Ainda no clima dessa animação, retornamos. Ao saltar do carro, a meu portão, entre despedidas, beijos e risadas, já na calçada, ouço Júlia encomendar, falando alto: Traga amoras para o Natal!

Há uma amoreira no jardim do meu prédio, que nesta época está carregada de frutinhas roxas. Dias atrás um garoto meu amiguinho subira a seus galhos e gentilmente com elas enchera as minhas mãos. Nada disso me ocorreu. A voz de Júlia soou com tal encanto! Que frase bonita! Foi como o acender-se de uma estrela em minha mente, Ganhei o título do meu livro. “Traga amoras para o Natal”. O que melhor para um livro de crônicas? Talvez só um livro sabor amoras maduras.

## *E é segunda-feira*

O que estou pensando em uma segunda-feira preguiçosa, apesar do que transbordante de obrigações. Não são compromissos, mas deveres que DEVEREI tornar compromissos a que terei que corresponder. De verdade? Estou tão cansada do contexto que se eu fosse um livro sendo escrito - e não deixamos de ser um livro em andamento - eu confundiria tudo o que o meu autor escrevesse e o mandaria ver se estou na esquina. E faria o que comigo, personagem desistente de uma história?

Escaparia para um lugar à beira-mar, a pescar siri, conversar fiado com pescadores e marisqueiras, aprender a vida com eles, que são pobres de dinheiro, e sempre se dizem felizes com seu jeito de filósofos da tranquilidade. E sábios.

Teceria amizade com os cachorros perambulantes da praia que se aproximam pedindo farelo de carinho, carentes como nós, a maioria das pessoas. Sentaria nas rochas dentro do meu silêncio, até a lua nascer, me deixando contemplar o horizonte. Aquele horizonte recortado como desenho em cartolina, tão distante quanto todas as minhas utopias perseguidas e inúteis, pensando em nada. Abandoná-las de vez, por inúteis.

Permitir-me só sentir a paz das ondas chiando na areia, a parecerem um velho cio insatisfeito, mansamente chegando a meus pés.

Haveria uma porta pequena de cujo interior viria o cheiro de mariscada fervendo em frigideira de barro queimada em fogo de lenha, para a fome do corpo. O que a urgência da alma carece encontraria naquela paz sem compromisso, sem dever e sem satisfações a dar, nem a receber, sem relógio e sem cobrança. Sobretudo sem fugir no mais íntimo de mim a disposição para me aprontar a assumir tudo o que uma segunda-feira preguiçosa, ensolarada e de asfalto

fumegante, tem programado, e me agendou para cumprir, só porque é preciso seguir o dia a dia, seguir o fio do novelo que continua a se desenrolar, indiferente à nossa exaustão de tanto desfazer de nós.

Cumprir. Ainda é a palavra. Bom dia, sol, você está feliz não é? Com tanta luz e tanto brilho. Olhe só quanta gente sorrindo porque você veio!



# Inverno

Chove ininterruptamente. Uma chuvinha pirracenta, fina, sem ruído, deixando os ruídos para a ventania deles se servir sem cerimônia. As copas dos oitizeiros da rótula embarçam-se como cabeleiras de folhas que se emaranham selvagememente.. Os galhos dos dendezeiros ressecados como palhas de fartura espinhenta, que a depredação dos arranchados - com colchonetes e fogareiros e coisas de quem está de veraneio em plena praça do bairro alheio - ainda não conseguiu destruir, agitam-se surrando-se mutuamente, em briga ferrenha com a folhagem de um amarelo seco e opaco. Um amarelo pardacento que me lembra dos olhos das hienas. A rua adormece invivida, oferecendo seu asfalto úmido aos poucos carros que rodam, sabe Deus a que destinos, sob a friagem melancólica da noite que ainda não envelheceu.

Pelas frestas mínimas da janela bem fechada, consegue penetrar o sopro leve e gelado como numa brincadeira de medir forças com as persianas corridas. Solidão mais sozinha.

Dostoievski nas “Notas do subsolo”, conversa comigo em seu monólogo, e nesta noite se faz meu companheiro, a confessar as frustrações do confuso senhor narrador de seus traumas e prevenções. E eis que se sai com uma afirmação, dentre muitas, bem própria ao profundo pesquisador da alma humana que foi o autor. “...para a mulher é no amor que está contida toda a sua ressurreição, a sua salvação de qualquer tipo de desastre e todo o seu renascer, e não pode se manifestar de outra forma que não seja essa.” Dostoievski já sabia disso. Mas ainda há muitos homens a afirmarem que a mulher é difícil de ser compreendida!

E a noite prossegue muda, no frio incômodo de mais um inverno, bem parecido com todos os invernos que conheço.



# *Toda maneira de amor vale a pena*

Paixão... Amor... Amizade... Conversas e comentários frequentes tem me levado a refletir e concluir que toda expressão de sentimento que nos impele à aproximação com o outro, agradavelmente, deve conter um componente amoroso. Seja paixão, amizade, afeto, atração, admiração, em maior ou menor grau implicam em aprovação, que, por sua vez, transitória ou duradoura, intensa ou leve, acaba sendo uma forma de amar.

Não estou incluindo o desejo sexual, o impulso fisiológico que leva à busca da satisfação para uma necessidade natural, instintiva que, por um bonito artifício da natureza, nos impele a procurar justamente as pessoas pelas quais estejamos em estado de aprovação, seja por questão estética, por encantamento, por afeto anterior, por admiração, etc. Então, à necessidade dessa satisfação chamamos amor, o que se torna preciso para que não nos relacionemos intimamente obedecendo ao mero instinto, o que nos reduziria ao comportamento dos animais da escala inferior. Envolta em poesia, a manifestação da libido se torna gentil, linda e enternecedora.

Devo pedir licença aos psicólogos por estar invadindo um terreno no qual não tenho qualquer direito. O que estou dizendo aprendi com eles próprios, concordando por reflexão e atestando por observação.

À parte aquela manifestação amorosa, quero me referir ao amor sentimental, aquele que nos inclina a buscar a companhia de determinadas pessoas e não de outras. É esse amor que acredito estar fragmentado na amizade, na admiração e até na paixão como obsessão que escraviza e leva a extremos. E que alguns afirmam não ser amor, por associarem amor restritamente à finalidade sexual.

Sempre me demoro refletindo em torno dos casos com os quais nos defrontamos todos os dias, ao longo da vida, considerando a variedade

de uniões que, no entanto, se me afiguram —e são realmente— outras formas de amar, ou de configurar o amor que a essas pessoas convém. Aqui cabe a pergunta: toda maneira de amor vale a pena? Os conservadores do alto dos seus preconceitos afirmam que não.

Eu não me meto a defender nada de nada. Só observo, reflito e estabeleço a minha opinião.

Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, casal dos mais famosos, foi ligado durante a vida inteira, morando em apartamentos separados embora próximos, cada um livre para os namoros que lhe aprouvesse, e estavam felizes. Mais perto de nós, porque brasileiros, Bruna Lombardi e Carlos Alberto Riccelli, sob o mesmo teto, vivem um casamento aberto, semelhante ao do casal antes citado. Casais homossexuais masculinos e femininos, todos conhecem às dezenas, cada vez mais frequentes dado o avanço com que a sociedade se conscientizou do respeito pelas diferenças na natureza humana. A imprensa badalou enquanto pode a cláusula do casamento de Jacqueline Kennedy Onassis com o armador grego, pela qual o casal, habitando o mesmo espaço, dormiria em quartos separados e não teria nenhum contato íntimo. Quem não conhece casais que habitam cada qual seu próprio teto, mas mantém o dever de fidelidade recíproca e estão muito felizes? E outros que se amam e se entendem às maravilhas, vivenciando um amor apenas sentimental e respeitando a fidelidade dos casais mais completos?

Embora o mais comum ainda seja a tradicional união, isto é: heterossexual, ambos sob o mesmo teto, ambos comprometidos com fidelidade, é inevitável que aqueles outros aos quais ligeiramente acabo de referir, aí estejam, tendo encontrado sua fórmula de felicidade, aquela que satisfaz, ou a seus interesses, ou a suas conveniências, ou a suas necessidades mais íntimas, e não seriam felizes se tivessem que se enquadrar em um outro formato de vida.

Todos somos diferentes entre nós, ainda que participantes de uma mesma espécie da criação. Ninguém é xerox do próximo, física ou psicologicamente. Quando se encontram duas pessoas que afinam dentro de um novo esquema satisfatório para ambos, acredito que encontraram o mapa da mina, e aposto sinceramente que vivem o sentimento amoroso profundo sem o qual a vida deixa de ter

sentido. Não há o certo, não há o errado; há o diferente, há o novo, há a fórmula que cada casal encontra para ser feliz. A partir de que não estejam prejudicando nem a si mesmos nem a outrem, e vivam suas escolhas com dignidade, toda maneira de amor vale a pena, toda maneira de amor vale amar.

## *Reflexão em um final de noite*

Quero sempre me lembrar das pessoas que amei e que amo, que me amaram e que me amam. Nada, mas nada mesmo, é mais importante de que amar alguém que nos ame a nos faça sentir felizes com este amor, Nada, mas nada mesmo, preenche a vida mais de que tal sentimento.

“Nada é mais difícil de que aprender a esquecer alguém que aprendemos a amar”. Li isso em uma postagem de amiga. Nada, mas nada mesmo, faz valer a vida, com seus percalços, suas obrigações sacrificadas, suas lutas vãs, seus desejos esvaziados, suas ingratidões e exigências extremas, suas pequeninas esmolas de pseudovitórias e alegrias, senão um amor centrado na certeza e na reciprocidade que nos alimente e leve a esquecer todas as vezes em que a vida nos diz Não. Que a vida nos diga Não muitas vezes, se o amor nos disser Sim de uma vez para sempre, temos um motivo fundamental para viver e agradecer.

Tomara que esta reflexão chegue a algum longínquo espaço, como um recado especial, neste final de noite sem graça e sem porquê, e alguma pessoa se beneficie com ela.

Hoje tem lua nova, sabiam?

## *Domingo toda semana*

Bom dia, Saúde, bom dia, Alegria, bom dia, Vida!

Hoje amanheci pensando que não adianta torcer os caminhos, dar nó nas trilhas, fazer zigue-zague nas estradas. Não há cai-pora nem moleque Saci que assombre os turvos dos arvoredos, nem as clareiras de descansos das florestas. A estrada real que a natureza desenha para que viandantes prossigam e se encaminhem em paz, lá estará sempre conforme o Grande Geógrafo a projetou. Queiramos ou não, somos insetos do chão, insignificantes. Ninguém se angustie com facilidades ou tropeços. Tudo é como tiver que ser, porque assim a natureza de Deus nos comprova dia a dia. Para que tentar colher romãs antes de estarem maduras? É preciso respeitar a sabedoria do tempo e a sua paciência, para ensinarmos à nossa.

Nós merecemos!

# Santo Antônio - o grande milagroso da corte do céu

Considerado o santo mais devocionado do mundo, Santo Antônio é invocado em várias situações e louvado por milagres dos mais diversos. Ganhou fama de casamenteiro, mas nisso já li que perde para São Gonçalo que tradicionalmente é mais hábil achador de maridos. Também dizem as más línguas que Santo Antônio dá qualquer marido, mas quem dá um bom marido, responsável, amante e fiel é São José que é o chefe da Família Sagrada. Eu não sei. Jamais procurei marido em qualquer parte, ou pedi a algum santo. Quem me deu o único marido que tive foi a Literatura. Em uma reunião de grêmio literário o conheci. No caso de um segundo marido, por certo haveria de ser também presenteado pela Literatura, que outros caminhos, infelizmente, os meus pés não marcaram. Sou a pessoa que menos diversidade de rumos conheceu. Mas com alguém voltado para livros posso estar em boa companhia.

Por aí pelos recantos do Brasil, ainda se reza e se dança em homenagem a Santo Antônio e se brinda com os indefectíveis licores de jenipapo. Na juventude, era nas festas de Santo Antônio, em casa de primos, onde mais dançava em toda a minha vida. Pena que juventude passa e passei a dançar entre fraldas e mamadeiras e o tempo foi cumprindo seu círculo e me levando junto.

A gente cumpre seu tempo dentro de uma programação difícil de ser entendida, mas que nos estimula a voltar nossa crença à realidade de um Determinismo do qual jamais conseguiremos escapar.

Mas hoje é 13 de Junho. Ainda hoje vamos rezar o último dia do Tríduo e mais uma vez implorar ao Glorioso Milagreiro que volte para nós e nossas famílias, nossos modestos sonhos e nossas necessidades mais prementes, as suas bênçãos e a sua atenção, pela nossa profunda fé e grande confiança.

Ave, Antônio Santo de Jesus amado!



## Morre a cultura

Existe uma manchete tão triste para a capa do Caderno 2 do sábado como a que noticia o fechamento de uma orquestra? Pois esta tristeza hoje me recebeu ao abrir minha assinatura de a Tarde. A Orquestra Brasileira São Salvador da Bahia do maestro Fred Dantas fez sua última apresentação no dia 10 deste junho. Não assisto sempre à apresentação das orquestras nossas ou de fora, por limitações de sair sozinha à noite, pegar táxi etc. mas cresci, vivi a minha infância rodeada de música, vivendo música, ouvindo gravações de óperas e estudando partituras clássicas. As circunstâncias existenciais me distanciaram desta vivência afetiva, sem afastarem o meu espírito do envolvimento que a música me causa. Algumas vezes tenho ido assistir à OSBA apresentando-se no convento de São Francisco sob a regência brilhante do maestro Carlos Prazeres que também tem muitas dificuldades para manutenção da OSBA. Criminosas as atitudes governamentais indiferentes a seus reflexos na Cultura, como sendo a Cultura item despido de prioridade, e assim impossibilitando, entre outras coisas, a continuidade das orquestras. Embrutecem cada dia mais, os espíritos, as sensibilidades deste povo brasileiro, no particular, do baiano, já tão desassistido pelas más ou inexistentes escolas de formação em humanidades, e de tudo o mais que lhes proporcionaria crescimento intelectual, elevação dos seus valores e estímulo para lutar pela sobrevivência com dignidade de povo que tenha motivos para se acreditar capaz. Mas temos que fazer registro da gravidade do significado de encerramento de uma orquestra. Não só mais desempregos, como menos cultura oferecida. Uma nota para menos, no registro do encerramento da Orquestra Brasileira São Salvador da Bahia. Que pena, maestro Fred Dantas! Lamento com você.

# Surpreendente "Cândido ou o otimismo" - Voltaire

Como fazer literatura de narrativa despojada. Sem preocupação com descrições, com explicações demoradas e minuciosas. Rapidamente o personagem de Voltaire viaja de Paris a Marrocos através de uma simples frase que anuncia por exemplo: Cândido saiu de Paris e foi para Marrocos em companhia do maniqueu que conheceu na taverna. (Sem aspas porque não se trata de citação do texto), simplesmente, sem retórica, sem considerações em torno de nada mais. E assim se desenvolvem os 30 capítulos da obra, que tem o objetivo de fazer um enfrentamento entre o Otimismo de Cândido, aprendido do filósofo Pangloss, e a realidade com a qual vai a defrontar-se por longo percurso, em busca da amada Cunegundes, e consegue este enfrentamento com narrativa envolvente, leve, agradável, sempre neste despojamento verdadeiramente surpreendente. Não me atrevo a mais de que um comentário de leitora ante um posfácio assinado por Italo Calvino.

E ao término da obra me convenço de que acabo de receber valiosa aula ministrada por Voltaire, a respeito de estilo. Recomendo às pessoas que se interessam por leitura de ficção - para usar um termo de Barthes - por fruição, querendo algo mais de que apenas ler uma boa história.

Candido ou O Otimismo - Voltaire - Trad. de Samuel Titan Jr - Ed. 34 Ilustrações de Paul Klee.

## De frases inesquecíveis

“Todos os dias arranco o meu coração e ele torna a crescer”  
Esta é uma frase de diálogo de um dos filmes mais humanos e bem feitos que já tive oportunidade de ver, mais de uma vez. “O paciente inglês”.

Suponho que já tenho abordado este tema por aqui.

Hoje, não sei por que motivo, esta frase me acode á mente e não me liberta. Deve haver um motivo. Deve haver alguns motivos. Enfim, nós também escrevemos o nosso próprio filme. Cada um de nós. Quantos também vemos os nossos corações tornarem a crescer todos os dias, depois de os havermos arrancado inutilmente! Para o bem ou para o mal.

Melhor mudar de assunto.

Setembro é mês de primavera, logo as begônias estarão desabrochando vermelhas e ardentes.

## De objetos de desejo

Os faróis sempre foram para mim objetos de grande atração. A sua necessária solidão, suas noites poéticas em misterioso idílio com os mares conhecendo as marés e seus segredos, exercem sobre mim um fascínio inexplicável. Donde até a inspiração para o romance que mais me moveu as emoções ao ser escrito, o “Bicho de conchas”.

Conhecer a Bretanha, região a noroeste da França, onde se situa o farol La Jument, está a 300 metros da costa da ilha de Uschant. Não poderia deixar de se tornar um dos meus objetos de desejo, ao saber sobre o arquipélago no qual se encontram a ilha de São Malou, de atraente imagem cinzenta e uniforme, qual desenho caprichado, e a ilha de Ushant.

De Ushant se avista, a 300 metros da costa, o rochedo Jument, com 6 metros de altura, em cima do qual foi construído o farol de igual nome, iniciado em 1904 e concluído só em 1911. É mais um gigante solitário, a prestar indicação a navegantes, com seu aviso de luminoso silêncio.

Uma foto foi buscada na Internet, ao sabê-la famosa mundialmente. Nela o faroleiro de pé à entrada do farol não se apercebe da imensidão da onda que, crescida, ameaça abraçá-lo e levar o homem com ela. Diz-se daquelas ondas, serem traiçoeiras, nas quais acidentes têm deixado registros, o que não impede, porém, que corajosos navegantes se aventurem. Como, pois, não ver na Bretanha um desses curiosos objetos de desejo, se sonhar ainda permite que nos concedamos momentos de envolvente poesia? Sonhada Bretanha!

À falta da oportunidade para passeio a esse objeto de desejo, também vale atravessar até Itaparica, nossa ilha possível, que nos oferece todo encanto que caracteriza os mares da minha terra.

# São Francisco de Assis

Hoje é dia de São Francisco de Assis. O piedoso santo dos animais. O que decidia falar para os peixes já que os homens não o queriam ouvir. O que pregava a pobreza e a fraternidade entre todas as criaturas de Deus, sem distinção de reinos da natureza. Somos irmãos de todos os seres da Criação divina. Sobre sua vida assisti há alguns anos um belo filme intitulado “Irmão Sol, irmã Lua”. Hoje, ao fim da tarde vou pesquisar na grade da TV algum canal que o esteja apresentando mais uma vez, em homenagem à data.

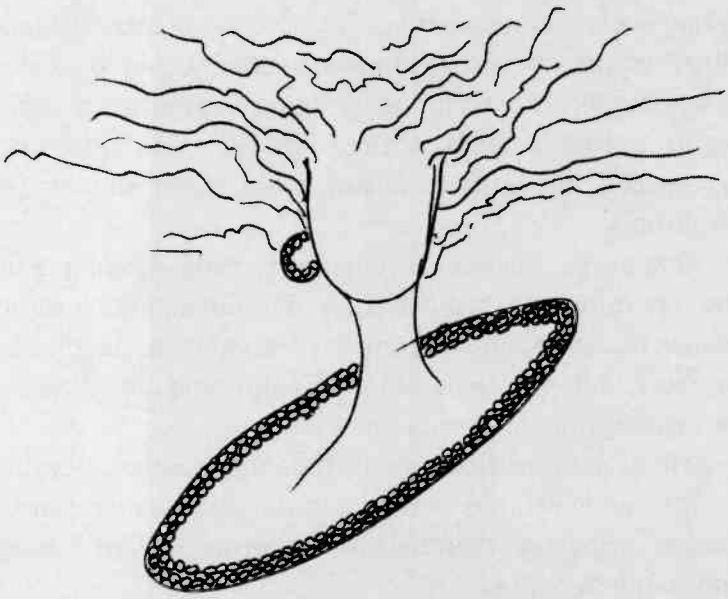
## Seis da manhã

A sala vazia. Claridade sem graça principiando pela vidraça da porta larga. Nos vasos da varanda a folhagem ainda adormecida, ignora o início de brisa. Tudo ainda muito quieto aqui dentro. As almofadas desarrumadas alternam vermelhos intrusos por cima da sisudez escura dos sofás. Mas a persistência do silêncio pesa como mágoa. Há uma orquídea no topo da haste impondo elegância fria e desgastada de flor que murchará com mais dois dias. Uma última pétala amarela do lírio do sábado despenca por cima do rendado, perigando afogar-se na sobra de coca-cola de um copo esquecido.

Os meus olhos estão parados no paradeiro da sala, como se fosse a primeira vez que me encontro com ela, a minha sala, do meu apartamento. Defronto a mesma sala de todos os dias, eu a flagro numa manhã preguiçosa de se deixar acontecer. Aqueles quadros não falam mais, de cansados que estão das mesmas paredes e dos mesmos olhos que nem os contemplam mais há muito tempo, de muito que já os conhecem. Os mesmos olhares cotidianos, jamais um outro de alegria que os festeje em uma noite nova. Tudo parece pesado. Guardado em forma de gesso. A solidão rejeita anunciar o dia que começa. Mal consegue respirar nesta sala, como num conto de uma lenda manchada de alguma dor calada. Quem sabe a lenda de uma resignação que se recusa a chegar. Descubro a mesma sala vazia, às seis da manhã. Vazia e fria, parecida a tudo o que se guarda por trás de olhos que a redescobrem num instante silencioso de uma manhã ao acaso.

Alguém ressonou forte por perto. Eu prossigo. A vida é bonita, a vida se me oferece. Forço a manhã a nascer e ela vem com o sorriso do Sol.

Ainda há tempo. Eu desafio o tempo !!!



# Reflexão necessária para o dia

Por mais grave que pareça a situação, jamais tenho desesperado. Não sei se os anjos têm tempo para se deter nas pequeninas coisas que sufocam à morte cada um de nós, diante dos grandes e complexos problemas mundiais que eles têm nas mãos. Todavia, enquanto não encontramos a saída, que às vezes, já quase caducou de tão antiga, sempre no mesmo impasse, vamos seguindo a vida, obedientes à nossa diretriz, na linha reta que nós próprios desenhamos para seguir, porque nenhum princípio de coisa é infinito, tudo que um dia começou, um outro dia levará ao fim, até mesmo um problema complicado.

Quando se está perdido em uma estrada, dizem que se deve caminhar em linha reta, sempre em frente. Em alguma hora se chegará ao mar ou à montanha. Se chegar à montanha, há que se subir e do topo será mais fácil vislumbrar no panorama uma direção a ser tomada. Se chegar ao mar, então navegar!

Há de ser uma fuga sim, de todo modo, uma solução.

Mas onde estarão os mares deste mundo, meu Deus? Que tanto tardam a aparecer diante da minha jornada? Perdi a conta das montanhas que transpus.

Contudo, ainda há lua cheia. Se calhar, pode ser um belo momento para finalizar um dia.



# Primavera

Na infância, na escola, meus 5 anos, declamava  
“A primavera opulenta  
rica de encantos e cores  
palpita, anseia, rebenta  
em cataclismos de flores”

Depois ficava cismando o que seria “cataclismos”? Quando me explicaram, dei-me o direito de me por a censurar o poeta pela impropriedade de dizer que tantas flores eram uma calamidade!

Atrevimento crítico não tem idade, pode começar cedo!

Que venham sobre todos nós as flores da paz e das alegrias.  
Primavera é sempre, quando estamos realizando.

## Os santos gêmeos - São Cosme e São Damião e Ibeji

Ontem, após o terço das Ave Marias, emendei assistindo à Missa de Aparecida. O padre que oficiava referiu-se aos santos do dia como sendo São Cosme e São Damião, que eram irmãos e foram santificados por terem tido uma vida inteira de dedicação à saúde e à vida dos pobres. Examinavam e medicavam, pelo que são tidos como protetores dos médicos, enfermeiros e farmacêuticos. Confesso que estranhei que ontem, sendo 26, a igreja os festejasse como os santos do dia, quando sempre soube ser o dia 27, o dia dessa louvação. Certamente sou eu quem está equivocada, não seria a igreja católica.

Também o chamado Povo de Santo festeja com um Caruru em cujo prato uma deliciosa variedade da culinária africana já o tornou objeto de desejo do mês de setembro. Acontece que o Caruru de São Cosme há muito passou os limites dos terreiros e entrou a fazer parte da cultura baiana. Semelhante ao Presente de Iemanjá, do Dois de fevereiro, que saiu da exclusividade do Povo de Santo e se estendeu a todas as esferas da sociedade, sendo incorporado aos nossos costumes, independente de religião, à exceção, naturalmente, dos evangélicos. Por outro lado, as ruas ficam mais frequentadas por crianças que habitualmente não se encontram em algumas vias públicas, para aproveitarem do costume de algumas pessoas que, neste dia, distribuem balas e doces às crianças que encontram, agradando aos Ibeji, como no candomblé são denominados os santos gêmeos, pelo sincretismo.

Neste caso, católicos de terços, missas e muita fé, baianos que somos - e João Ubaldo Ribeiro já declarava com grande acerto que ser baiano é ser diferente, é ter características próprias - às velas e missa na igreja, somamos à mesa, o caruru delicioso, bem amarelo,

que a religião dos nossos ancestrais africanos nos legou, em tão boa hora. Um Viva aos Santos gêmeos, orações e velas, e uma reverência aos erês aos quais os terreiros oferecem hoje seus pratos coloridos e saborosos. Flores para todos eles. E bom apetite!

## *Era uma vez um anjo*

Eu criança? Tenho comigo poucas fotos em criança, mas ainda sou um pouco - ou um muito, a depender do momento. Confesso gostar mais da minha fase criança que do vivenciar a adultice. Fui criança alegre comigo, atrevida e curiosa da vida, tornei-me adulta severa comigo, tímida, mas ainda curiosa do mundo. Não sou justa comigo, para compensar, alimento quanto posso a criança que vive aqui dentro, minha literatura que o diga. Este é também por justiça um motivo para no dia das crianças lembrar-me de um anjo que me criou, uma simplória babá,. Lia lentamente e escrevia mal, mas para quem fui criança até que, adulta, me casando, deixei a minha casa de origem. Um louvor a ela que me cuidou com paciência, sabedoria, dedicação, tendo um colo carinhoso e uma incansável disponibilidade para nós meus irmãos e eu.

No Dia que se convencionou dedicar à Criança, não é justo expor uma foto da minha infância, mas a daquela que fez da minha infância um universo de ternura, de histórias fantásticas, contadas à beira da cama até que o sono chegasse, ou esperava por ele cantando cançõezinhas e parlendas aprendidas na sua própria infância de orfanato de freiras, para tornar os nossos sonsos mais ricos de sonhos agradáveis. Quando ela morreu, na casa da minha irmã mais velha com quem permaneceu vivendo, eu sei que não foi senão mais um daqueles anjos que Deus predestina a servir, e só servir, como exemplo de desprendimento e retidão, que ELE mesmo, Deus, resgatava, sob a justificativa de “Missão cumprida”. Tinha 99 anos e apagou-se como a luz de uma vela cuja cera se esgotava. Porque ela não era menos que uma Luz.

# Sobre respeito humano

“Talvez a história do homem seja um longuíssimo movimento que nos leve à humanização. Talvez não sejamos mais que hipóteses de humanidade e talvez se possa chegar a um dia, e isso é a utopia máxima, em que o ser humano respeite o ser humano. Para se chegar a isso se escreveu “Ensaio sobre a cegueira”, para perguntar a mim mesmo e aos leitores se podemos continuar a viver como estamos vivendo e se não há uma forma mais humana de viver que não seja a crueldade, a tortura e a humilhação, que costumam ser o pão desgraçado de cada dia.”

Este trecho de “As palavras de Saramago” pag. 298, hoje me ocorre, quando considero como o ser humano se brutaliza a cada dia, em movimento contrário ao que se espera da evolução de um ser vivo. Não sei o que ocorre com a sociedade que sempre foi o resultado da união das células constituídas pelas famílias, o que ocorre com estas famílias nas quais já não se transmitem valores morais, dentre os quais o primeiro deles, o básico, o mínimo a ser observado há que ser o Respeito humano.

Eu te respeito em todas as áreas da vida, e tu me respeitavas na mesma medida em que todos precisamos nos respeitar como primeiro movimento para a paz e o entendimento satisfatório entre as pessoas. E que os meus atos não atravessem a tranquilidade dos teus direitos. Não existe mais. As pessoas priorizam seus interesses mais egoístas e atropelam um mínimo de consideração aos demais, desrespeitando direitos ou situações e circunstâncias das outras pessoas. Assim, na política, nos ambientes profissionais, nas relações de amizade, nos meros relacionamentos sociais.

A humanidade naufraga e se afoga em uma gigantesca poça de detritos, que leva aqueles que ainda respeitam o dever comezinho de respeitar, a um inevitável e profundo sentimento de nojo e repulsa. Para onde caminha a humanidade, não é possível sequer imaginar.

Estas pessoas destilam mau cheiro quando se aproximam de nós.

# Arrumando livros

Afinal o marceneiro trouxe o último módulo que falta à minha estante. Começo a por nova ordem a meus livros, trabalho que jamais se conclui. Bibliotecas domésticas, modestas que sejam, crescem inevitavelmente. Arrumá-las é demorado, vamos pegando um livro, outro, aquele que não abríamos há tantos anos e redescobrimos coisas, páginas que nos parecem jamais terem sido conhecidas... Coisa engraçada o elo que nos prende a estes amigos silenciosos e sábios como poucos. Nesta tarefa a que me tenho proposto por estes dias, curiosamente dois livros meus escritos em idos de 2001 e 2002 me prenderam, porque dificilmente teria porque buscá-los. Foram escritos por contratos, e são memórias, embora queridas memórias.

O primeiro “Salvador era assim - Volume 2” para o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. A mim foram entregues depoimentos prestados por historiadores e pessoas de idade avançada que tinham condições de falar da Salvador antiga Os depoimentos gravados, transcritas as gravações, sendo este material passado a mim para a redação literária conveniente. Tomou-me alguns meses de muito trabalho. No entanto, tarefa das mais agradáveis e interessantes. Apesar do material recebido, estar um tanto confuso, exigir-me maior dedicação para organizá-lo, conhecer uma Salvador encantadora, de costumes meio provincianos, na qual o baiano vivia docemente, muito entranhado das suas características que a fazem uma cidade bonita de se ver e muito autêntica de se reconhecer, como só assim ela é, neste vasto Brasil.

O livro foi editado pelo IGHBa. sob a coordenação do saudoso escritor Jafé Borges, então um dos diretores do Instituto, depois dos depoimentos terem passado pela competente revisão do professor Cid Teixeira, evitando, por ação do tempo decorrido, alguma traição

da memória de algum daqueles que os prestaram. É um bonito livro de se manusear e de se conhecer o seu conteúdo. Mereceria ter sido, ou ainda ser, mais difundido. Uma riqueza da história social e dos costumes desta amada Salvador, infelizmente não amada convenientemente pelos que deviam por ela zelar com mais cuidado.

A propósito, e por falar em belezas de Salvador, ir ao píer do Museu de Arte Moderna, assistir ao pôr do sol, alguma tarde, ainda é uma oportunidade entre mil, para contemplar a mais colorida e irrepetível obra da Arte do maior dos Artistas do universo.

# Nossa Senhora da Imaculada Conceição

Hoje 8 de dezembro louvam-se mais a Imaculada Conceição de Maria. Nossa Senhora da Conceição de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e tantas outras invocações, referem-se, todos sabemos, à mesma Maria, escolhida pelo Senhor de todas as coisas, onipotente e onisciente, para Mãe do filho de Deus, Redentor de todos os pecados da humanidade, narra a Sagrada Escritura. Mitologia da religião católica romana, ou Verdade histórica e sagrada, que seja conforme a sincera fé de cada um, ou ausência dela. A verdade incontestável está na validade de todos os ensinamentos de Jesus. Dois mil e dezessete anos após, a Sua palavra continua atual para as diversíssimas situações existenciais. O Homem de Nazaré, o Santo Homem, ele ainda é o Mestre a ser seguido com sabedoria, sempre que a dúvida silenciar o nosso raciocínio na gravidade de uma situação.

Confesso que há uma situação que minha humana arrogância não consegue assimilar: Oferecer a face a uma segunda bofetada. Minha imperfeição só me concede o afastamento imediato. Perdão, Senhor, vós sois Santo, eu sou imperfeita.

Louvemos, pois, hoje mais uma vez e sempre, a Santíssima Imaculada Mãe daquele que se rendeu ao sacrifício infame da cruz, contam as Escrituras, para redimir a humanidade!



## *Da indignidade da turba*

Tenho tentado acostumar-me a me recolher mais cedo que antigamente quando assistia à noite cansar-se de si mesma, e virar madrugada para ver o sol chegar. Lendo ou escrevendo inúteis páginas, mas verdadeiras. Meu organismo adapta-se fácil. Por isso mesmo atualmente pela madrugada o sono está vencido. Tem início a sessão de monólogos com a solidão e o silêncio.

Sou uma incorrigível observadora da vida q se vai tornando inconformada com os rumos que se desenham na sociedade. Do que enveredo a compreender aqueles que - aos moldes de Greta Garbo e de tantos outros q se recolhem a conventos ou a cidadezinhas e vão plantar hortas para se ocupar da simplicidade coerente com a pureza da vida higiênica, - fecham as cortinas e se voltam para as verdades do seu próprio ser. Ou ainda, mais indignados ou mais tristes, ou mais decepcionados, desistem de viver e, não esperando que chegue o fim, apressam o seu encontro.

A gente vive inocentemente até que descobre que não basta seguir à risca os valores que a mamãe ensinou, a vida é muito mais. E é ainda, muito pior. Até a idade da universidade convivemos com pessoas que estão descobrindo a vida, em processo de desenvolvimento de personalidade, de conhecimentos, de encontros com verdades ou com enganos, mas pessoas ainda em condição de mudanças, melhores ou piores, como nós também estamos. Mas chega a adultice, e logo os primeiros passos da velhice, e pensamos já ter visto e sabido tudo de tudo e de todos. No entanto, vemo-nos arqueólogos, encontrando nas pessoas - estas já formadas plenamente no seu jeito de ser e de agir - a já histórica disseminação dos egoísmos, das egolatrias, das megalomanias, da frieza e crueldade diante dos partícipes das mesmas necessidades e dos mesmos interesses de toda sociedade humana. So-

mos apenas mais um caminhante a ir calmamente na sua trilha, com perdão pelo lugar-comum, e num lapso de segundo se vê atropelado por animais desembestados que em seu tropel pisam seus cascos por cima de corpo e cabeça do viandante perplexo, que só queria fazer seu percurso e buscar seus sonhos e seus planos.

Enganam-se os que esperam a compensação na realização profissional. A glória é muito pobre para suprir os desenganos, e não há aplausos que preencham a solidão depois que se apagam as luzes. O escritor português Mãe muito bem definiu “Quando se volta para casa a solidão é a mesma.”

A quem observa de cima, como um pássaro a sobrevoar uma sociedade apinhada de todos os tipos de personalidades, de infelizes e bondosos, de saudáveis e de psicopatas, de puros e de malélicas criaturas, esta sociedade, uma pirâmide de impreviões, causa horror e leva a sentir-se um ser à parte da espécie humana com a qual tem que conviver, sem fresta de escape. Esta pode parecer a amargura de quem, perdido o sono, monologa com o silêncio e a solidão, mas não é só, é a coragem de por em foco a demorada observação das vivências cotidianas. Não há muitas Irmãs Dulce, ainda bem que houve. E era, e é, Santa. O que não minora a solidão de cada um.

## *Da indignidade do pouco*

O que escolhes ser, que o sejas muito. Não te bastes com migalha da tua possibilidade. Não te envergonhes da tua ambição de ser e de sentir.

Se és bom, não te satisfaça apenas ser bom, sê generoso. Sê bom também contigo. Perdoa teus próprios erros e vacilações com igual grandeza tal aquela com a qual perdoas os erros dos teus semelhantes. Haja bondade na atmosfera de todo o teu percurso, despreocupado de retribuição, porque escolheste ser bom, muito bom, sem motivo, e hás de ser bom, tão bom quanto os melhores, para que não te humilhes à mediocridade. Somente porque é bom ser bom sem troco. Mas não aceites a mediocridade na tua escolha. Vê que pior do que não ser, é ser medíocre, ser perdido na insignificância da turba. Sê muito mais, em tudo aquilo que assumires.

Se és alegre, sê mais que alegre, sê contente, sê irradiante, sê feliz. Explora todo o teu potencial de alegria e gozo, engalana e badala sinos à tua festa, já que, quando fores triste, serás muito triste, irás a toda a profundidade da tua tristeza. Escolheste a tristeza, deverás vivê-la total e plenamente, que não sobre espaço em ti que se negue a teu desalento. Nada fiques devendo à tua dor. Tudo o que fores, sê sempre muito. Não vivas nada pela metade.

Quando amares, ama inteiramente, ama com toda a alma e com as tuas entranhas. Supera todos os limites postos por Deus e pela humanidade para os teus sentimentos. Ama sem perguntas e sem cuidados, doa-te ao estado de amor e vive-o com toda a tua respiração. Com paixão e desespero, com ímpetos ridículos de subir ao Morro do Pai Inácio e bradar às galáxias que estás apaixonado, e seres capaz de beber sal e comeres erva daninha para provar o ter amor. Não ama simplesmente, é pouco, ama muito! Pois quando o amor deixar de ser, ou

de estar, hás de chorar e substituí-lo em ti por uma saudade que precisará sentir maiúscula. Entrega-te para que a saudade seja muita. Que te leve o sono, que te feche a boca, que te consuma as horas e as carnes e te faça escrever infinidade de versos horríveis e molhados. Chora todas as lágrimas que tiveres até sentires o cansaço da tua própria saudade e dores no osso frontal, mas chora muito, exageradamente, para não te deteres na metade da saudade que escolheste sentir. Sê muito, assim deves ser.

Quando precisares esquecer alguém, um amigo, um amor, um hipócrita, um traidor, faze-o como quem passa o aspirador no cantinho mais escondido, naquele cantinho que fica atrás da estante mais pesada, onde as formigas costumam esconder-se das vassouradas. Deixa-o limpo. Esquece muito e sempre. Esquece todas as borboletas e também esquece todos os escorpiões que recebeste. Não permitas fragmentos de lembranças que te façam sentir medíocre na tua assunção ao esquecimento. Esquece nomes, endereços, números, palavras, sons de vozes e melodias, gestos e gentilezas e mágoas. Tudo. Nunca esqueças um pouquinho, ou lembra de vez em quando, é pouco. Esquece muito e profundamente.

E até se preferires ser louco, sê completo, não te conformes em ser mero idiota. Os idiotas são enfadonhos. Escolheste a loucura, sê logo o rei dos loucos, não um simulacro. Nada de ser mais um Napoleão de manicômio, mais um faraó de carnaval. Sê Nero. Toca fogo no universo e sê aquele que escolheu as consequências da revolução dos tempos, e do final da sua própria existência, o resultado da tua escolha. Mas sê muito em tudo. No ser e no sentir. Pouco é indigno de ti. Pouco é um pedregulho que se atira ao rio, vai até o fundo e lá fica. Nem ao menos acompanha a viagem das águas para onde forem. Vai criar limo verde e lodo negro, e ter sempre a insignificância dos que se finam insignificantes.

Mas se escolhes ser santo, não sejas menos. Sê santo honestamente, impermeável à profanação e à hipocrisia. Muito santo. De jejuns e flagelações. Santo de castidade e morte em cruz. Sem mais ou menos. Completo e inteiro. Santo de penitência, vigília e adoração, de sono em catre e beijo em pestilentos, portanto, muito santo. Santo de humildade e de coragem de permanecer muito santo diante

dos homens de punhais nas mãos e nas línguas. Muito santo, ainda quando tiveres no teu peito encravada uma bala perdida. Sê santo além dos comuns, acima dos medíocres.

Se possível, escolhe bem o que ser e o que sentir, escolhe muito, e sê, e sente, intensamente, nunca te confundas com o meio-termo. Cuida de escolher muito para que tua escolha não se volte contra ti. Mas não fiques devendo nada a ti mesmo, nem a teu coração, nem à tua vida. Cumpre tudo o que escolheste, inteiro e intensamente, e sem resquícios a te arrastar atrás.

Só os que se fazem muito, e riem muito e sofrem muito, vivem, e estarão prontos para o fim do seu próprio tempo sem a indignidade de se terem deixado ser pouco, e sentir porções minguadas do que lhes cabia. Prontos e liberados das suas próprias cobranças. Quites consigo mesmos.

# Tempo não retorna, apenas vai

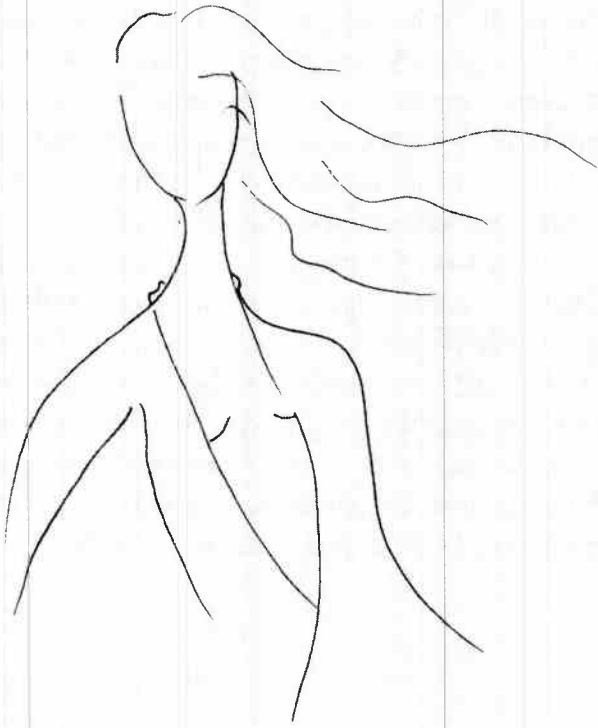
A cada manhã olhamos o espelho e a imagem que nos recebe é aquela a que nos acostumamos e que vemos várias vezes no mesmo dia, a cada vez que nos buscamos. Enquanto lavamos as mãos, escovamos os dentes e os cabelos, limpamos a maquiagem e passamos hidratante. De tão acostumados, não notamos que o tempo está marcando aquela imagem, sutilmente, que o olhar tem brilho menos doce, a pele menos cetim e as têmporas alinhavam-se cada vez mais. É o tempo passando por nós. Porque sempre sorrimos, desconsideramos o quanto de gentileza contém as interjeições: Você não envelhece! Está ótima! A alegria do geriatra: Prepare a festa dos 100 anos! A cortesia do vendedor na véspera: Obrigado por seu sorriso, alegrou a manhã desta loja! A graça do amigo, você é a própria Pollyanna, só falta casar com o Cândido de Voltaire! E a gente sorrindo, acostumada a tudo isso.

Chega, porém, a realidade dos últimos dias do ano, e há aquele momento em que é preciso questionar a sensatez que ano após ano nos tem empurrado para a timidez, ou a conveniência, de quase desistir de tudo. Então nos perguntamos para onde foram os adiamentos de todas aquelas coisas das quais precisávamos, mas adiamos em nome de uma circunstância, ou de uma consideração, ou de implicações de outrem. As muitas vezes em que abrimos mão do nosso oxigênio para que vitalizasse outros interesses que não eram nossos. Adiamos para tempos mais propícios, indefinidamente, a urgência da nossa própria circunstância. Abrimos então a nossa compreensão para a verdade de que o tempo sempre vai e não retorna. O tempo não é meu aliado, nem seu, nem de terceiras pessoas. O tempo segue. Não existe tempo mais propício de que Agora. Não existe circunstância mais digna de respeito de que a minha circunstância. É com ela que

me preocupo porque ela é que me pertence e de mim é que espera a satisfação que a realize. A minha individualidade faz de mim a responsável por tudo o que me diz respeito, minha saúde, minha alegria, meu crescimento, minha realização emocional, a verdade do meu sorriso. Não preciso ser perfeita, só preciso ser boa e honesta, mas quando esta bondade tocar à borda da minha própria felicidade, é o momento para ela considerar o fim da linha, e optar pelas minhas necessidades mais legítimas e naturais.

É preciso renunciar aos adiamentos como se fôssemos morrer na morte do dia de hoje. Amanhã pode ser tarde demais para todas as coisas. É hoje que sabemos estar respirando e com o momento de hoje é que temos o nosso compromisso de realização. A bomba atômica não manda aviso, nem o enfarte, nem a bala perdida, nem a pane no motor do avião, nem o esquecimento daquela pessoa que amamos.

Todos precisamos estar atentos a isso. Cante hoje, viaje hoje, leia hoje, escreva hoje, passeie hoje, dance hoje, exija hoje o direito às suas satisfações sempre relegadas a segundo e a último plano. Não perca o espetáculo do pôr de sol de hoje, seja qual for o interesse de outrem. Acorde cedo hoje e ouça um bem-te-vi que canta na amendoeira, diga hoje que ama o outro, beije-o, abrace-o, ame-o. Dê-lhe o seu mais doce carinho se é ele quem você deseja. Beije seu filho hoje, repita-lhe quanto o ama, quanto ele é importante em sua vida. Hoje. Se possível, agora. Amanhã pode ser tarde demais.





## O paciente inglês

“Todos os dias arranco o meu coração e ele torna a crescer”

Esta é uma frase que não esqueço, assistida em um filme extraordinário, “O paciente inglês”. Um ferido de guerra, alemão, com o rosto inteiramente desfigurado por queimaduras em carne viva, mal conseguindo falar, é levado por engano a um hospital de guerra inglês. Assistido por enfermeira inglesa que acaba percebendo que se trata de um inimigo de guerra, mas não o entregando por dever profissional e por magnanimidade de alma. Até que, com a mudança dos postos a fugir dos bombardeios, ficam só os dois, ele quase á morte, abrigados em uma ruína de igreja, ela incansável a assisti-lo. Um dia, nas poucas palavras que consegue pronunciar sobre a sua própria história, ele confessa “Todos os dias arranco o meu coração, e ele torna a crescer”.

Mais que uma frase poética, uma confissão profunda da nossa impotência diante dos sentimentos. Arrancamos o nosso coração ante as vicissitudes da realidade que nos martirizam prontos a não nos voltarmos a comover pelos fatos nos quais somos colhidos, mas o teimoso, o insistente coração, volta a brotar das raízes que não conseguimos extirpar porque foram implantadas com profundidade na nossa natureza de ser humano sensível. Sobretudo de ser vibrátil.

Veza por outra eu a recordo, por quanto de significativa a sua poesia se nos mostra tocante. Perdi a cópia que tinha deste filme. Tentarei encontrar uma nova pela Internet. Filme magistral. Tem 2 lados de advertência: O sentimento de humanidade unido à ética profissional da enfermeira inglesa, e o aspecto sentimental do nosso reincidente coração.

# Espírito infantil

Estou com espírito infantil de quando cantava ciranda, mãozinhas dadas, cirandando.

Você gosta de mim, ô menino  
eu também de você ô menino,  
vou pedir a seu pai, ô menino,  
para casar com você, ô menino!  
Se ele disser que sim, ô menino  
tratarei dos papéis, ô menino,  
se ele disser que não, ô menino...  
Que desaforo! Agarro você pela mão  
e vamos embora correndo para sempre!!!

Só uma brincadeira que me permito à mercê da vontade. Imbui-me em excesso de uma orientação que me deu certa vez o saudoso mestre Mário Cravo, quando disse: o espaço do suporte é todo seu, você pode usá-lo conforme lhe convenha, inclusive cortá-lo ao meio para facilitar sua necessidade de espaço. Aprendi. Ele era o mestre e me tornei muito consciente dos meus domínios. Talvez demais. A ponto de brincar em meio a um trabalho que suponho sério. Como passar as crônicas de um livro.

É que estou extravasando uma alegria. Exames me certificaram de que estou muito bem, graças a Deus. Ainda tenho plena consciência do que faço e no que penso. Graças a Deus. Ser criança e entregar-se a isso é plenamente saudável e até aconselhável.

Vamos viver a vida e construir. Sorrir sempre que possível, sorrir e construir, apesar de tudo!

## Dia do beijo

Beijo, beijinho, beijão, beijoca, beijíssimo, beijo bom, bitoca, selinho. Todos os beijos do mundo merecem ser contemplados no dia que se convencionou dedicar a esta expressão de Amor, Amizade, Afeto, Cumprimento, Respeito.

O cancionero cantou, canta e sempre cantará os beijos de todas as maneiras que o poeta o deseje no momento da inspiração. Que me lembre: “O beijo dela é melhor de que doce de coco” “Beija-me, beija-me sempre” “O teu beijo perfumou toda a minha alma naquela noite calma...” “Igual aos falsos beijos que me deu, a mancha do carimim de mais um beijo” “A flor do seu último beijo” “Recebe as flores que te dou em cada flor um beijo meu”... e por aí vai. O beijo sincero é uma das formas de carinho mais significativas, a troca de energia entre os parceiros mais que um alimento ao sentimento amoroso que o inspira, é, dizem os que o sabem cientificamente, é um alimento que fortalece e estimula a vontade de viver.

Que se beijem sinceramente, e muito, todos os que se amam, que nos beijemos sempre que um desejo de acarinhar o outro e demonstrar o quanto o amamos e o sentimos importante para nós.

Mas o beijo de obrigação, jamais! Aquele que se estala no rosto do outro como quem bate um carimbo de bom dia - porque se acostumou através dos anos juntos, a dar aquele beijo de cumprimento que nada significa, - este que seja dispensado porque mais ofende que anima. Um Viva! Aos beijos sinceros, aos beijos de amizade entre amigos, aos beijos afetuosos entre irmãos e parentes, aos beijos amorosos e apaixonados entre os que se amam mesmo! Os que se amam verdadeiramente.

## *Dia da mentira - Primeiro de abril*

Nasci neste mês que começa com o dia da mentira, poucos dias antes de ser o meu dia. Mas eu tenho tanto desprezo pela mentira, a ponto de reduzir o conceito de uma pessoa em qualquer mentira em que a flagre. A qualquer preço, o correto é enfrentar a Verdade. a Verdade dos fatos, a verdade das suas faltas, de seus enganos, de seus sentimentos, de seus anseios. A maioria dos erros, aqueles pequenos do dia a dia, pode ser perdoável, quem não comete uma falta, por descuido, por preguiça, por qualquer motivo? Somos falíveis, mas não sejamos mentirosos.

Uma falta pode ser involuntária, uma mentira é sempre consciente. Quem sou eu para dar lições de alguma coisa? Não estou aqui para ensinar o que quer que seja, mas para desprezar o que me aborrece, posso estar aqui sim.

Aqui no meu espaço existencial, no pequeno espaço que, pedindo licença, tento ocupar na minha vida, no ínfimo pedaço que ocupo no universo, pelo que não admito que duvidem de mim.

Na maioria das coisas não me incomodo com as cabeças das pessoas em relação a mim, eu, pessoa, gente, mulher, eu pago minhas contas, não me importam opiniões. Mas me incomoda que duvidem de mim, que pensem que eu disse uma coisa que não era e me escondi de um erro, que escamoteei uma verdade. Que menti.

Por algum motivo nasci no mês da mentira, ou para ser ariana e leonina no ascendente, para tascar fogo no que me incomode injustamente. Dentre umas poucas, a desavergonhada mentira.

## *Domingo mais uma vez*

Sempre domingo. Ao trabalho! Não há domingo nem feriado quando a pressão do trabalho é maior. À tarde buscarei um filminho no cine Sofá da sala para me sentir feliz e bem acompanhada pelo suco de uva que me inspira, e hoje não esquecerei a pipoca. Sou fiel a minhas tardes domingueiras.

Neste momento uma Kombi doida, com volume a não sei quantos proibidos decibéis está desrespeitando o meu domingo e o meu trabalho sagrado e silencioso. Irritar, bem que irrita, mas vou brigar com o alto-falante de uma velha Kombi dirigida pelo coitado do moço que está ganhando pelas suas horas para me incomodar no meu sossego de trabalho? Se ao menos ele estivesse cabalando para alguém a ser considerado uma esperança, uma boa intenção, mas juro que são aqueles mesmos que vão fazer da cidade o suprassumo da modernidade e não conduzirão nem um centavo para mais alimentar sua conta bancária.

## De pequenas alegrias

Ganho flores com certa frequência. Orquídeas às vezes, por virem de um dos meus filhos.

Em uma ocasião recente, quando as flores murcharam na haste, depois de algumas semanas nos gratificando, a haste também secou. Notando as folhas ainda verdes, vi que não morrera, e coloquei-a na terra da jardineira, na esperança de tê-la a reflorir.

Não tenho vocação para jardinagem, e, sempre voltada para coisas mais urgentes, não me preocupei com ela. Passadas algumas semanas, hoje, descobrimos por acaso que uma nova haste brotara e estava florida com mais três róseas orquídeas pequeninas embalando ao vento.

Fiquei muito contente. Pequenas alegrias são importantes para quebrar o tédio da rotina. Tenho mais algumas mudas com folhas verdes, cujas flores já murcharam e ganhei esperança de que também estas possam voltar a florir.

Seja a vida, em algumas outras coisas, pródiga em reflorir, após o murchar da primeira florescência, como a surpresa desta pequena alegria.

Não preciso de muito para ser feliz. Não precisamos de muito para ter felicidade. Descobriremos isso se nos voltarmos para as satisfações que nos surgem inesperadas. Um sorriso de simpatia que alguém nos dirigiu, um encontro inesperado com aquele amigo do qual não sabíamos depois do último encontro. Damos afinal com o livro que procurávamos há tanto tempo, uma conquista importante em um assunto da família. Ouvir vindo de algum lugar o som daquela música de doces recordações, a felicidade de um filho pelo que quer que seja, ou três róseas orquídeas desabrochando na haste de uma muda que supuseramos morta. Morta, que palavra triste!

# A noite

E na roda do tempo e na ronda da solidão e do recolhimento, a vida prossegue. Cumprimos a tarefa de um degrau acima e outra vez o mesmo degrau porque ele desce a cada vez que o galgamos na invencível roda de Sansara. Uma versão do rochedo de Sísifo que desce a rampa, a cada esforço nosso para levá-lo alguns metros acima, à fadiga das costas raladas e doídas. A cada fim de dia, quando a amiga Noite nos toma no colo e seus dedos gelados e macios recolhem as nossas pálpebras em silencioso gesto de fechá-las, ao vazio das expectativas, nos certifica de que mais uma vez, temos que recolher as nossas velhíssimas interrogações e aceitar a entrega ao cansaço e à indignidade dos vencidos. Amanhã tudo continua. Agora é uma nova antiga noite. Há um vento batendo as palmas pesadas dos dendezeiros da pracinha, a trazer um rumor inquietante.

Os sonhos são flores que os sonos nos concedem. Que nos venham coloridos e olorosos. Amém!

# Ler para escrever

Não se trata de um texto de minha autoria. Compreendo, porém, serem palavras oportunas que interessam a todos os que se pretendem imersos, ou se iniciam, na atividade literária. Por solidariedade, divido com meus leitores este trecho de uma entrevista de José Saramago, ao jornalista João Céu e Silva, em 2009, na cidade de Porto, Portugal.

Coincidente com meu pensamento a respeito do tema, as afirmações do escritor contemporâneo, Nobel de Literatura, serão veículo para útil conhecimento dos que, possivelmente, não tenham tido oportunidade de lê-las.

O que nos diz José Saramago:

“Eu creio que o autor tem que ter consciência de que tem a sua voz (...) e de sentir que encontrou a sua voz. É a sua voz o que é? É uma forma de ver, de pensar, de sentir, de raciocinar sobre as coisas, uma perspectiva de futuro, outra perspectiva de passado, que há que vê-lo em perspectiva e com o domínio da língua. Um conhecimento dela tão profundo quanto se possa, que não tem que necessariamente passar pelos escritores para passar a língua. Não tem que estudar a língua, tem é de ler aqueles que escreveram melhor que ele. É a ler que se aprende a escrever, é a ler!”



## *Dia do escritor - este operário predestinado*

Todos os dias são dias do escritor. Todos os dias o escritor dá uma quota do seu tempo e da sua energia para adiantar aquele livro no qual está a trabalhar. Por mais que se esforce, porém, o escritor quase sempre vive guerreando a santa guerra para conseguir a liberdade necessária a usufruir de seu espaço de direito, onde se dedicar ao destino de criador de mundos. Ora por ter que responder ao dever dos compromissos que lhe permitam o ganho para a subsistência, já que, paralela à atividade literária que rende trocados -quando rende!- há que ter a que corresponda ao equilíbrio da sua folha orçamentária familiar. Ora quando tendo a subsistência garantida, por geralmente lhe serem cobradas com rigor e sem qualquer cerimônia, todas as outras obrigações que lhe são atribuídas. Sejam domésticas, sejam comerciais, sejam familiares, sem que o espaço de dedicação à sua criação seja tomado como prioritário na função existencial, a par do quanto para ele ela signifique.

Mesmo em famílias cultas e voltadas para os assuntos da inteligência como algo acima do patamar da técnica, ainda se sabe deste pouco respeito ao momento do escritor.

Em visita a personalidade cuja fama andava a bom caminho, considerei no apartamento, sua sala de trabalho, suas estantes organizadas, o silêncio reinante. Seu sagrado templo de trabalho era realmente sagrado. Fiquei sabendo que todos os dias recolhia-se a seu espaço e trabalhava. Criava, corrigia, revisava, e o mais importante: Em perfeita paz. Todos em casa sabiam que não deveria ser interrompido aquele ofício. Não havia telefone no gabinete. Na sala, alguém atendia e guardava os recados.

Comecei a considerar com muita razão: Assim fica mais fácil escrever, ser tranquilo e construir uma obra.

Sem inveja, com sentimento de justiça voltado à necessidade que todo operário precisa ter satisfeita, para bom e ótimo desempenho daquilo para o que afinal veio a este mundo, sem ter feito qualquer escolha, nem da vinda, nem do ofício.

E vamos guerreando a nossa santa guerra, cada um nas circunstâncias a que os fados lhe destinaram. E agradecer por termos sido escolhidos para o ofício intimamente tão gratificante!

# Amor à vida

Vale a pena amar a vida. Lembremos os bons momentos para agradecê-los e tentarmos renegar os maus e esquecê-los. O que retemos no pensamento estendemos e podemos reproduzir, somos uma bateria de energia. Não vale a pena desperdiçarmos as nossas com pensamentos soturnos. Para que reter e reproduzir o que nos fez sofrer?

Olhe o espelho, sorria, ficamos muito mais bonitos quando sorrimos e os sorrisos que distribuímos inspiram novos sorrisos e a alegria se faz de migalha em migalha.

Acreditemos sempre que os Anjos estão do nosso lado. Jamais neguemos que existe a inveja das bruxas que nos olham com rancor é verdade. Mas sempre temos uma reza do Credo todos os dias para cima dos invejosos, não faz mal algum e bem que protege. E haja bons pensamentos nos guiando em tudo. Acabam com ela.

Sempre olhar a vida com um sorriso de esperança que isso é da lei da qualidade de vida. Ela merece ser amada e nós merecemos o melhor de que ela disponha para dar, que isso é o que guardamos no espírito.



## Palavras de boa energia

A Seicho-No-Iê tem ensinamentos muito importantes. Tenho uma amiga que frequenta um templo de Seicho-No-Iê, e todos os inícios de ano me presenteia com calendários daqueles que viramos todos os dias a página no dorso espiralado. A cada dia vem um conselho importante, uma lição de vida que, parecendo uma simples frase, traz no conteúdo muita sabedoria. Hoje 2 de Agosto, o que ele ensina “A PALAVRA É FORÇA CRIADORA - Hoje é o melhor dia da minha vida. Sou alegre, sou feliz! - A palavra tudo cria. A boa palavra é um fortificante para a boa saúde, o bom ambiente, o bom destino. Por isso, todos os dias, use sempre boas palavras.”

A prova do quanto a palavra importa na nossa vida está em um exemplo simples. Todos sabemos de pessoas mal-humoradas, sempre pessimistas, insatisfeitas, reclamando de tudo. Se notarmos como a presença de uma pessoa assim muda a luz de um ambiente, torna o convívio pesado e até estraga a alegria de um momento feliz, teremos a prova flagrante da força da energia negativa que recebemos daquele humor e das palavras que aquela pessoa profere ao reclamar.

O contrário acontece quando se tratam de pessoas positivas, bem-humoradas, prontas para comentários animadores, as horas correm fluidas por mais cansativo que seja um trabalho, as conversas florescem alegres e como que iluminadas.

Bem haja quem cultiva a boa palavra. Quem dela faz uso para o cultivo do Bem e das horas felizes. Viva a Palavra! Meu material de trabalho mais precioso.

## *De um fim de tarde*

Estou muito cansada, trabalhei todo o dia na reescrita de um livro e agora só preciso repousar a cabeça e dar tranquilidade ao corpo. Não me insista para confessar coisas que não me ocorrem. Agora uma paz de lago dormindo, um sossego de capela, na qual nem o piscar das chamas denuncie as velas acesas, nem a brisa beijando vitrais ouse espiar para a sacralidade do ambiente. Agora preciso de descanso, e aqueles que não entendem do mourejar mental e insistem em descrer da fadiga de outrem, morrerão sem jamais ter experimentado o privilégio deste cansaço abençoado.

Sua morte não será chorada sequer pelo vento levíssimo da madrugada, que sereniza os repousos dos que se fatigam na minha fadiga de hoje.

Alguém, por favor, apague a luz que preciso fechar os olhos.

## Onde uma insônia entra sem convite

Ontem enfrentei uma insônia inconveniente. Deitei-me às 23 e às 4 da manhã, o sono não tinha se apresentado para a sua função de me fazer descansar. Preocupada com coisas existenciais que nos surpreendem a meio caminho do vôo, por menos que delas dependamos. De repente, somos colhidos. Isso me tira sono e apetite, e me transtorna o andamento rotineiro da vida.

Pela manhã, com olhos e ânimo de véspera, corro a cuidar de me livrar da coisa. Tenho a presença das filhas ao almoço, hoje tive as duas em conjunto, o que é um presente. Mas também vivem tangidas por compromissos. Quem não na modernidade de uma sociedade mal arrumada, na qual ou se persegue o objetivo ou ele escapa por entre os suspiros dos segundos?

Saio ao sol do meu bairro que amo, pelas calçadas tortas, derapantes, esburacadas no propósito definido de quebrar os meus saltos mais discretos. A cabeça arde, tomo dois sustos no banco com o caixa eletrônico defeituoso, faço um telefonema quase histérica, dou um susto ao meu interlocutor que esperava outro resultado. Por fim me comprometo “hoje resolvo isso nem que tenha que levar pessoalmente.”

Não sei como faria para tal, mas hoje eu até daria um nó em um pingão d'água. Finalmente, consigo solucionar com simplicidade, por um estalo de pensamento - um estalo de Vieira! Mas que me faltara de início, mando o depósito por cheque. A cabeça da gente... Às vezes nos faz parecermos tão incompetentes! Resolvi o problema como num suspiro.

Solucionado, retorno à casa, quente de sol, com pés doloridos e coração relaxado. Respiro. Aviso ao interessado pela coisa. Tão interessado quanto eu. Como um sanduíche, pois almoçara mal, apressadamente, e agora sinto fome. De repente sou tomada de um estranho sono que jamais me acometera anteriormente. Quase dor-

mindando em cima do copo de suco, caio na cama vencida pelo sono, confortada pela tranquilidade, sem mesmo tomar ainda o novo banho, depois de tanto ter andado ao sol da tarde. Durmo 7 horas e pesadamente. O sono do relaxamento das tensões que me tomavam desde três dias passados.

Às 23 horas um dos filhos me acorda preocupado, nunca me vira dormir tanto de dia a enveredar pela noite. Meus cochilos não passam de meia hora. Estaria doente? Não, estou tranquila, sem formigas na cabeça. Por agora.

Então me lembro de que preciso começar a escrever um novo livro.

Novinha em folha.



## Jardim das margaridas

Chove como Deus manda. Preciso sair. Gostaria de não precisar. Gosto de chuva em casa. Faz muito frio e o corpo pede agasalho, Não estou mais naquela de voltar da escola devagar para o prazer de me ensopar bastante. Caminhar enfiando nas poças da rua os pés calçados. Faz tanto tempo que fui criança que somente as lembranças como tais me fazem recordar de que houve um ano em que tive 9 anos, e no seguinte 10 e cada ano mais um, mas tinha o direito de acreditar que um dia seria grande o bastante para ser a dona dos meus passos. Acreditava.

Era aquela magricela, atenta ao que se falava, porque criança era proibida de prestar atenção às conversas de adultos e por isso mais se prestava a atenção proibida. Quantas eram as proibições à criança!

Mas havia um jardim!!!. E o jardim era o paraíso. Também proibido quando invernavia, porque criança não brincava no jardim com chuva para não resfriar a garganta e ter febre. Ver a chuva era o consolo, olhar da janela da sala da avó os pingos nos canteiros onde as margaridas eram tantas que nem se via onde estava a terra a segurar as raízes.. Margaridas brancas, infinitas margaridas brancas batidas pela chuva balançando para lá e para cá, enquanto a cabeça da menina que olhava da janela, pensava coisas, ao ritmo inseguro da chuva. Sonhava. Sonhando tanto e tão demoradamente que acabou acordando na manhã de chuva em que não há mais jardim de margaridas.

Da janela do apartamento em que se tornou a janela larga da avó, pelo milagre do tempo que engole os melhores anos, o que a vista alcança a contemplar a chuva é um piso escuro de asfalto, é a sarjeta por onde escorre um riacho à procura de algum esgoto no qual escoar as folhas secas da grama e dos papelinhos que o vento tangeu da pracinha mal cuidada. É a chuva no canteiro sem mar-

garidas, que divide as pistas da rua movimentada, pela qual agora mesmo chiaram pneus macios rodando na água.

Passaram-se tantos anos, é verdade. Mas não parece que foi ontem. Parece que foi sonho da menina que sonhava, olhando a chuva, enquanto empreendiam seu balé as hastes elegantes das brancas margaridas de olhos amarelos. E se perderam na grama seca e nos papelinhos que agora viajam à superfície das águas que escorrem por cima do fundo preto do asfalto.

# *A procura da infelicidade*

Assisti ao filme no cine Sofá da sala, só não levei as pipocas porque peguei a história começando. Não queria perder o fio, porisso evitei me levantar para providenciar. É um filme muito a meu gosto, diferente das histórias rotineiras, urbanas, sem maior interesse.

Toda a trilha sonora é uma delícia de músicas clássicas. Filme alemão, não consegui pegar nomes de atores nem do diretor.

Nos diálogos, a maioria bem inteligente, chamaram a minha atenção algumas expressões. “Se eu soubesse pisar nas minhas tristezas, poderia estar muito mais alto”, “Há pessoas que não conseguem ser felizes porque buscam a felicidade em coisas que no passado não deram certo.” e “Às vezes estamos tão preocupados com a nossa própria infelicidade, que não percebemos o quanto estamos felizes.” Expressões que nos levam a refletir em certas atitudes que nós mesmos assumimos contra a nossa felicidade. No entanto o filme não é panfletário, é uma história bem feita. Fotografei algumas cenas.

Reflico sobre o filme.

Às vezes sonhamos tanto com uma felicidade vestida de lírios ou de edelweiss, e nos fixamos na imagem, ansiosos por afastar as ervas pobres que temos à vista. E quando ela nos aparece em roupagem de flores do campo ou de miosótis, não conseguimos reconhecê-la, ou aceitá-la.

Ela não nos procurará muitas vezes, só raramente o fará. Mas a ilusão dos ouros e pedrarias, ou flores e ornatos orientais que deveriam orná-la, não nos permite descobrir que ela está a revelar-se nos miosótis e bogaris que vicejam diante de nós.

# Plantão do feriado

Fileiras de carros junto ao meio-fio. Os carros extras de condôminos que têm direito a uma só garagem por apartamento.

Os pombos estão espalhados, com passos miúdos e ocasionais voos, em sobrevoos ao piso da praça. O jornaleiro faz de conta que caminha em passos lentos e volteios de valsa, à espera de que o semáforo vermelho obrigue a pararem os poucos carros do horário em dias feriados.

Feriado é “dia de Maria” para mim, como aos domingos. A cozinheira vai tomar sua cervejinha para bem usar sua folga de direito.

Levanto-me com a má vontade de quem queria era pular da cama para a cadeira de balanço e agarrar-se ao livro do momento que está bastante interessante na página em que se encontra a leitura. Mas vou mesmo é cuidar da minha higiene para assumir o plantão na cozinha. Isso porque a cozinheira tem folga, mas a dona de casa deve cuidar da alimentação dos que nela habitam.

Às vezes tenho me posto a refletir se teria direito a rever o contrato que jamais assinei, para me certificar de que o prazo “ad quem” tão longo, já não estaria vencido sem que disso me desse conta. Consolo-me tentando agendar especial programa para este feriado.

Minhas opções não passam de ficar a tarde na rede da Internet em suas repetitivas e nem sempre interessantes conversas, voltar ao livro do momento que me toma os minutos restantes em todas as noites, ou procurar um filme em algum canal fechado, para variar a diversão noturna. Também posso rever algum dos meus filmes preferidos, como Bagdad Café mais uma vez depois de umas trinta vezes, chorar novas lágrimas de Meryl Streep em As pontes de Madison pela vigésima oitava vez. Convenhamos que não é tão mal! Nas minhas circunstâncias, não há para ninguém melhores opções, e vejamos que não são poucas!

Eu poderia, por exemplo, não ter uma cópia de Bagdad Café ou de As Pontes de Madison para ver toda vez que desejasse – como sou irreconhecida ante a generosidade da minha vida! – o que seria muito pior.

As circunstâncias rezam exercitar acomodação a depender dos limites das possibilidades pessoais de cada um. Até mesmo com alguma auto-ironia.

No Nepal é que há infelicidade. Neste feriado ver tanta gente desterrada, abre uma chaga na alma.

# Sintonizando com a natureza

Meu quarto está escuro, embora as persianas estejam abertas como todas as manhãs, para aceitar mais um dia. São 7 horas e 7 minutos mas a rua está turva como se fosse uma hora da madrugada de estação invernososa.

Chove sem muita força, suficiente para chiar nas folhas e nos galhos da praça, e pingar regularmente na minha janela cansada da repetida paisagem que às vezes me lembra as repetidas lições de matemática.

O céu tem cor indefinida entre o cinza e o branco, como uma fumaça difusa e permanente que ameaça termos que receber para sempre uma chuva monótona, aquela que não cede mas vai inundando todas as ruas e entrando pelas garagens de subsolos, enquanto zomba de todas as esperanças para o dia que se ensaia.

Há dentro de mim incômodo mal-estar. Sintonizo com a natureza como se fosse uma índia ou um gato. Quando a natureza está magoada afloram-me todas as desesperançadas perdas, toma-me a sensação de abandono e de naufrágio, deixando-me confusa. Assim nesta manhã.

Só aquele prédio infinitamente alto de alguma das ruas circunvizinhas aponta para o céu uma luz de para-raio como se qualquer sinal de segurança e de socorro não pudesse ser buscado senão onde a vista consiga alcançar, embora minha paupérrima agudeza, em algum ponto infinitamente distante, infinitamente alto, infinitamente inalcançável.

# Gramaticando afetivamente

Qual o tamanho da Alegria? O tamanho do sorriso de quem esteja alegre, bem pode ser. E quanto pesa a Alegria? Pode ser o peso da emoção de quem sente a Alegria.

Os substantivos podem ser concretos ou abstratos, além de outras classificações.

Você (como pessoa) é um ser concreto. Mas a palavra Você é um pronome pessoal. Você pessoa, tem existência física, posso vê-lo, tocá-lo, portanto quando digo Você referindo-me a sua pessoa, estou concretizando a referência, na pessoa de alguém, posso tocá-lo, abraçá-lo, beijá-lo, falar com, e ser ouvida por... Você.

Alegria é um substantivo abstrato porque posso senti-la, desejá-la, proporcioná-la a alguém, mas não posso tocá-la nem vê-la fisicamente.

Para mim, na minha mania de fantasiar, nem tudo nesta Gramática Expositiva está correto de verdade. Há uma gramática Afetiva, que se nunca existiu está nascendo agora, ocorre neste momento a meu pensamento contestador e à minha conclusão sentimental.

Fugindo, com respeito, aos ensinamentos da Gramática Expositiva, Alegria pode ser concreta quando se personaliza na presença do substantivo concreto representado por uma pessoa, pronome "Você" como expresso acima. Neste caso, Alegria deixa de ser abstrata e se torna concretizada quando se toca, se abraça, se beija, se fala e se é ouvido por outrem que representa a Alegria de quem está vendo, tocando, abraçando, beijando, falando e ouvindo.

Isso é uma Gramática Afetiva que talvez haja quem considere tolice de quem não tem do que falar no momento, se não tiver bastante sensibilidade para compreender. Mas será bem compreendido por outras pessoas que sentem a Alegria de tocar, abraçar, beijar fa-

lar e ouvir aquele outro, que seja a personalização do substantivo abstrato Alegria.

Entendo que isso é um pensamento mirabolante, por isso que se deve aprender a flexibilizar suas verdades fundamentadas, para poder elaborar o pensamento abstrato.

Nem toda conclusão sentimental se perde.

É questão de saber sentir uma Alegria personalizada na presença de alguém.

Mas, por favor, não deixe as crianças tomarem conhecimento desta Gramática Afetiva porque elas ainda precisam firmar seus conhecimentos dentro da Gramática Expositiva ensinada nas escolas de qualidade. Mais tarde, quando elas estiverem amadurecidas para tanto, a Gramática Afetiva terá muita importância porque também saberão concretizar Alegria nas pessoas que para elas signifiquem realmente o sentimento da Alegria. Sem ofender o bom uso da Gramática Expositiva da Língua Portuguesa que jamais será substituída por divagações sentimentais semelhantes a estas.



## O preço de uma espera

Há que se esperar. Esperar faz parte do script de todos nós. Sofrida ou comemorada por antecipação. Para mim sempre ansiosa.

Penduro-me aos ponteiros do relógio mas não é possível pendurar-me à rotação da Terra para acelerar os minutos e tornar mais curta a transição

Há mais mistérios entre os dias e as noites do que pode acreditar o meu próprio sonho. Há mais mistérios entre as palavras e os silêncios do que conseguem suportar as minhas próprias dúvidas.

O silêncio é uma casa fechada. Por trás das paredes murmuram compassados passos dos que são esperados.

Amanhã será sábado. Pode ser que se acredite que o segredo das palavras de uma ligeira manhã tenham narrado tudo o de que se pensava. Uma palavra doce, um acento sugestivo podem ser o botão da rosa rubra que desabrocha num adocicado cheiro. Como é faminto o coração humano! Como é pequena toda palavra por mais profunda, quando se esconde dos vendavais e dos ouvidos!

Preciso dormir.

Amanhã será sábado. Todas as vésperas são tristes e desgastantes. Todavia, preciso dormir.

Talvez amanhã haja dois sóis naquele céu escuro desta noite vazia, que se põe a preceder possíveis festejos de um dia pleno.

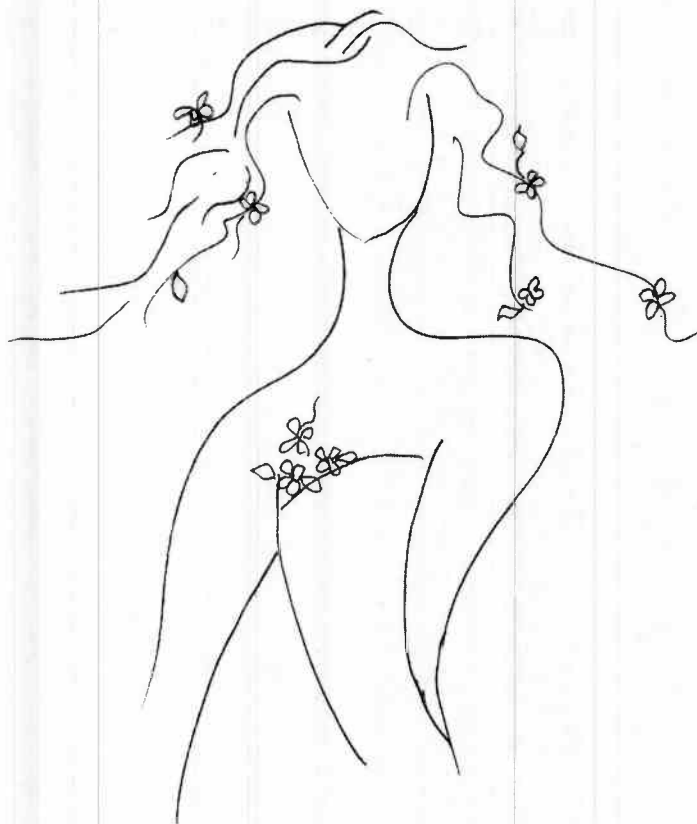
## *Chuva no fim da tarde*

Está começando a chover. Sutis e perversos, infiltram-se sopros frios pelas frestas das janelas fechadas.

Sábado marcado em cinzas uniformes, e molhado ao plano de fundo dos gigantes de ferro e argamassa que me ameaçam ao mero olhar pela vidraça! Todos os tons, todas as coisas, todos os minutos tem o poder de me ameaçar quando me tornei frágil e inútil dentro da existência na qual me reconstruí para ser poderosa e destemida. Todas as coisas me exibem a pequenez e a inutilidade do esforço por acumular conteúdo valioso a realizar a magia de me fazer sentir prevalente, menos estranha, menos menor, entre uns poucos. Sou inútil diante de mim mesma e da bagagem pesada de molhada experiência de sangue e lágrima e de recomeço das cinzas. Da carga de propósitos além dos limites emocionais, quando a cristalina imagem, a mera sombra sutil e sorrateira de uma saudade intrometida deita-se por cima de tudo e como uma asa transparente e gelatinosa envolve todas as coisas. O telefone, as gavetas, as almofadas e travesseiros, os arcos da cadeira e os pedais do piano, as molduras dos retratos mudos com que me enganava de ver gente, e o amado sorriso do papel de parede do meu celular. Os dorsos dos livros fechados não me encorajam mais, e os módulos das persianas e as borras das velas dos candelabros, de quando rezo pela força para ainda cumprir os propósitos aos quais me esforço a chegar. Todos envolvidos por uma saudade que sei materializada dentro de mim, inviolável. E carregar esta impossível paciência com que finjo assimilar em paz os pedregulhos inevitáveis. Ela, a saudade, leva junto todo o meu corpo indefeso, vibrátil e carente, a minha garganta estrelando-se na incontinência de uma dor viscosa e ácida.

Os pingos descem na vidraça escorregando, lentos, como

que oleosos e indecisos, mas retos e alinhados. E faz frio, e entra um frio malvado na minha epiderme que arrepiava os pelos que nunca tive nos braços. A maciez da minha pele sente a inutilidade da sua condição feminina. A inutilidade do seu poder inútil de ser, de precisar, e de precisar não ser. Esmagada por uma saudade cinza como os planos de fundo que agora esfumam os ameaçadores gigantes de ferro e argamassa que a turbacão envolve e escurece, até que além da janela tudo já se pintou de escuro e cegou, na noite que dominou estendendo-se o nada feio e frio. E chove. E faz frio. E eu inexisto.



## De olho nas hipérboles

O meu professor de Direito Canônico na Católica, Mons. Eugênio Veiga tinha preocupação com a correção de linguagem. Não falem em “O maior livro do mundo, o melhor lugar de todos, a coisa mais bonita que há” e expressões que tais. Será preciso conhecer todos os livros do mundo, todos os lugares, e todas as coisas, para ter condição de classificar. E por aí a fora, iam as suas precisas e preciosas recomendações. A este propósito, tenho pensado nos perigos da palavra TUDO, pronome indefinido. Pela sua indefinição já se mostra versátil, indeciso, perigoso, generalizante, indigno de confiança. Tudo tem uma abrangência infinita. “Você é tudo para mim!” Pensem na responsabilidade que alguém atribui a outrem, quando num arrobó de paixão, impõe às suas costas a carga de todas as coisas importantes e necessárias e indispensáveis à sua própria vida!!! Tudo não é brincadeira, é uma bomba-relógio.

Certa vez em uma roda de amigos referia-se a uma personalidade muito em evidência no momento, que aqui nomeio Zoroastro, pela absoluta diferença com o nome verdadeiro. Eu, por nada conhecer dos feitos do Zoroastro, mas ao saber das referências encomiásticas à inteligência, ao talento, sem que se citasse um dos motivos para tal, fazendo a advogada do Tinhoso, mas realmente curiosa, perguntei o que mesmo ele faz tão bem que se lhe atribui tanta fama. Eu só o vira tocando bumbo. Um dos presentes, por sinal pessoa bastante inteligente, respondeu com ênfase: Tudo! Peço: Mas tudo como? - Sim! Ele pode fazer tudo! Tudo mesmo! O cara é gênio!!! Volto: Tudo mesmo... Gênio! Faz cirurgia do pâncreas, faz enxertos de pavão com galinha d'Angola? Escreve partituras de clássicos, de improviso, descobriu um processo de inseminação artificial dos besouros, inventou uma nova peça mecânica para ligar a cafeteira com controle remoto,

faz arranjos de fugas de Bach para quarteto de cordas? Todos me olharam como se eu fosse louca. Mas, nenhum dos presentes respondeu objetivamente à minha pergunta.

O que este gênio faz de tão importante além de tocar o ritmo do bumbo que muitos outros já tocaram, e ainda tocam, para tanta badalação? Todos os que badalavam as fotos de Zoroastro nas muitas primeiras páginas de jornais com entrevistas de respostas auto-elogiosas a perguntas desgastadas do tipo Como você se sente? Nada responderam. Do Zoroastro que era Gênio nada de genial foi apontado. Mas constava que ele fazia TUDO. Ele era um gênio. Certamente continua sendo.

Cuidado com Tudo. Pronome indefinido. Tudo o que é indefinido não tem definição. E aqui o tudo está colocado com a precisão necessária. Seria preciso que ele já tivesse feito de Tudo pelo menos em uma determinada área. Não é mesmo, Monsenhor Eugênio? Saudades das suas aulas preciosas, meu sábio mestre.

# *Amor sem idade nem preconceito*

“O amor que une e complementa”. Dizia eu há pouco em um comentário a uma amiga querida, falando-se do amor de duas pessoas, um casal, desse agrupamento a que se costuma chamar “terceira idade”.

Imediatamente as minhas próprias palavras me levaram ao muito mencionado, porque muito lido, Saramago, em uma entrevista antiga, e corro a me socorrer de onde a lera para a transcrição do pensamento.

“Eu penso que o sentimento é como a natureza. Não podemos, em nome da experimentação, da frieza científica, da objetividade e de todas as coisas, expulsar o sentimento das nossas preocupações e das obras que vamos escrevendo. O sentimento estará sempre na moda, porque homem e mulher sempre sentirão amor. Não se pode matar o amor. Por isso ele tem uma presença tão importante nos meus romances.”

Entrevista de 1986 a Jordi Costa, em Barcelona, jornal “La Isla Ibérica”.

Não há preocupação literária no texto, só a expressão de um escritor, romancista, teatrólogo, poeta, autor português contemporâneo, e sobretudo, ser humano que não se preocupava em fazer gênero, a condenar textos que falam de “si mesmo ou da pieguice de sentimentos amorosos e suas dores, “ pretensão que todos conhecemos, nas palavras de alguns donos das verdades, e dos fiscais dos sentimentos alheios, mas em abrir os seus sentimentos mais humanos, sua condição de mortal de carne-e-osso e de coração suscetível às paixões, antes de ser o pensador do Nobel literário. Como qualquer um de nós, seus leitores ou não.

## *Boa noite com palavras soltas, doces palavras*

E afinal uma palavra me alegra. Hoje, sem motivo, ou com motivo adivinhado, amanheci cantando. Isto nem é novidade, tenho sempre uma cançãozinha na cabeça e na alma, mas hoje eu plantei uma alegria que saiu de mim como um involuntário acender de luz e todo o dia me senti iluminada e feliz por nada, por viver, por ser amorosa e por distribuir sorrisos em minha volta sem pedir troco nem resposta. Feliz porque momentos bons existem e se refletem ao redor de nós, como uma canção em ecos suaves vai-se expandindo em ondas, mais ondas, mais distantes até onde possa haver alguém sensivelmente capaz de captar seus últimos reflexos.

Viver é bom. Espere o bom e ofereça-o a todos e aos que se aproximarem, e retornará não o bom, mas o melhor que você transformará no excelente.

Sem ser preciso muito, uma palavra, um sinal, um minuto, um olhar, uma lembrança, um halo de perfume, um verso de poema, um eco de canção, uma pétala de flor, um reflexo de luz, um raio de lua, um mínimo de vida e de amor.



## *O cão azul na didática*

A gente gera um filho, cuida para que se torne o melhor possível, que tenha o mínimo de defeitos, e se os descobrimos corremos a retificá-los. E, adulto, nós o soltamos que siga o seu destino, a vida agora lhe pertence e ele vai pelo mundo dos mestres, das livrarias, das escolas, dos leitores, das bibliotecas, das mãos, dos olhos, das sensibilibidades. Então o retorno que esperamos, a simpatia, o afeto, o elogio, o reconhecimento chega-nos dando o estímulo para que prossigamos nos mesmos propósitos, aperfeiçoando-os, conscientes de que não estamos errados naquele rumo. Fazem-nos contentes. Curvamo-nos em agradecimento por estarmos reconhecidos.

Quando o retorno nos conta que mais de que alegria, mais de que festa ao espírito e ao coração, conseguimos levar ensinamento, conseguimos auxiliar a ciência que norteia os mestres, assessorar os seus conhecimentos e segurar um mínimo da lanterna do saber para as inteligências às quais ele está sendo destinado, então, mais de que competentes, nos sentimos úteis. E não só nos curvamos para agradecer, mais que isso, agradecemos de joelhos.

O Cão Azul tem sido útil aos autores de livros didáticos para ensino de Linguagem, e de Redação a nível fundamental.

Mais uma autorização para utilização de texto para livro de Escrever com Gramática para a 5ª série fundamental, estou assinando, para mais uma solicitação da Editora Saraiva. Sendo esta a 15ª solicitação desta editora, talvez algo mais que isso por eu ter negligenciado de anotar todas as editoras que o tem utilizado mediante autorização, de modo que O Cão Azul, na sua 6ª Reimpressão da 3ª edição, anda a invadir o mundo das obras didáticas. Para minha satisfação, passa a ser coadjuvante do basilar trabalho dos autores que se debruçam sobre o ensino da Linguagem, da Escrita e da Gramáti-

ca de Língua portuguesa.

Muito obrigada aos muitos autores de didáticos. Para servir é que andamos por este mundo, e quando a operosidade do nosso Fazer está Servindo, que mais podemos desejar senão a realização de conseguirmos ser úteis às crianças do nosso país, com o que sabemos fazer?

# A Era do Gelo - 5ª temporada

Não me incomoda quando alguém diz que pareço criança e ri com alguma coisa que eu fale. Acho engraçado e me divirto, porque é coisa muito natural. Eu mesma não entendo se pareço tão infantil, porque não se trata de atitude, sim de espontaneidade.

Crianças são puras e verdadeiras, são honestas e por natureza jamais traem. Reconheço que há uma porção criança acentuada nos gostos, nas alegrias por pouco motivo, e na afetividade espontânea. Todos temos um pouco da criança que fomos. Não faz nenhum mal.

Gosto de bichos de pelúcia, de desenhos na linha de Walt Disney, de comédias, de gente bem humorada, de cantar, de comer cookies de aveia com maçã, de chocolate. Meu estado natural é estar bem-humorada e tenho muita facilidade para me comunicar com os miúdos, haja vista para a minha literatura infantil; mas não sou retardada não, pago as minhas contas, levo a vida muito a sério, dirijo a minha vida com bastante sensatez, gosto de estudar, de ler Filosofia da Arte, adoro filmes de arte, As Pontes de Madison, Bagdad Café, Casa de Chá Luar de Agosto, e cumpro as minhas obrigações com responsabilidade. Porque sou como sou, e assumo sem o menor preconceito, gosto de filmes de piratas, morro de rir com as bobagens de Piratas do Caribe, acompanho os filmes tipo A Era do Gelo, assistindo a todas as temporadas, vi todas as fases de O Senhor dos anéis, já vi os pinguins de Happy Feet várias vezes, meu filme preferido é Cantando na chuva. Hoje fiquei muito contente com a notícia de que saiu a 5ª temporada de A Era do Gelo. Ansiosa para que passe na TV, e para adquirir uma cópia e ver inúmeras vezes. Rir com Sid, Diego, Mani, assustar-me nos perigos e ser feliz como todos os que sabem que a pureza das crianças ainda é uma das coisas muito valorosas para se conservar no caráter e no espírito. “Eu fico com a grandeza da pureza das crianças...” Gonzaguinha já sabia disso. Eu também sei.

## Dois olhos sorrindo

A noite está leve. O coração tranquilo, a mente em repouso. Meus sonhos esvoaçam acima do meu corpo cansado de um dia bem trabalhado. O descanso me chama e as dúvidas fugiram para a cesta de papéis mais próxima, onde repousam rascunhos rasgados, folhas machucadas, cupons de pagamentos, até amanhã quando a moça vier limpar este quarto.

Vi dois olhos sorrindo porque o sorriso me fazia feliz. É muito bonito o sorriso daqueles que sorriem pela felicidade do outro.

O mundo é um desencontro sem tamanho, mas na confusão desse pandemônio, às vezes há música, há flores, há poesia, há sorrisos e há gente que aprendeu a amar e não quis desaprender nunca mais. Como eu e você que não se incomoda de ocupar o seu tempo a ler estas coisas.

A propósito, está chegando o tempo das mangas Carlotinha. Sorria!

## Se eu tivesse juízo o que faria

Se eu tivesse juízo, hoje sairia para dar uma volta, sozinha mesmo, ver paisagens, olhar as nuvens, ver gente diferente das que vejo, ver rua, ônibus, lixo, povo falando. Atravessaria as faixas de pedestres, olharia as árvores, o asfalto, o mar sob o sol batendo nas pedras distantes da praia, faria qualquer coisa que não me deixasse pensar.

Pensar às vezes dói. Não que o pensamento queira doer, ou esteja mal por algum motivo negativo, não, pela ausência, pela irracionalidade dos sacrifícios que nos mostram fantasmas onde estão apenas os resultados da luz de encontro a nosso próprio corpo, a nós mesmos, as nossas próprias sombras. Paredes sufocam, repetem todos os dias as coisas que nós colocamos no ar quando estamos entre elas.

A natureza exagerou na minha cabeça, na minha alma, nos meus pensamentos, nas minhas emoções, na minha capacidade de transformar em palavras cruzadas as sílabas mais simples, as frases mais singelas, os menores gestos. E depois me enrolar nos meus próprios labirintos como em romances desafiados do qual se perdeu a ponta.

Se eu tivesse juízo, disse eu. Talvez não. Se eu tivesse juízo já saberia que complico as minhas coisas, sempre faço isso como doida, e pegaria aquele caderno de palavras cruzadas e iria treinar minha mente em palavras realmente cruzadas para não morrer do meu próprio veneno.

Por que não vou ao cinema aos domingos, sozinha mesmo? Nada de cine sofá com pipoca de microondas, estou cansada disso.

Afinal isso é mal de domingo, sempre me ataca aos domingos, já estou acostumada. Tanta gente pensa até que vai morrer em um domingo. Um dia ainda faço uma campanha para haver um decreto que pule os domingos, os sábados desemboquem diretos nas segundas-feiras.

## *Quer escrever romances, leia romancistas*

“Antes do interesse pela escrita, há outro, o interesse pela leitura. E mal vão as coisas quando só se pensa no primeiro, se antes não se consolidou o gosto pelo segundo. Sem ler ninguém escreve.”

Leio estas palavras do mestre, publicadas na Revista “Diário” da Ilha da Madeira, em junho de 1994, com um grande conforto, por serem uma das minhas crenças no particular, e o que costumo aconselhar sempre que perguntada em entrevistas, ou em conversas com escritores neófitos, que não tem condições ainda para avaliar sua própria produção.

Quem quer escrever romances, que leia romances, leia os bons romancistas, os russos, Tolstoi, Dostoievski, Puchkin, o argelino Camus. Leia a simplicidade de Joseph Conrad e a objetividade de Hemingway. Leia a delicada ironia de Saramago. Os brasileiros, Adonias filho, Graciliano, Antonio Torres, leia Viva o povo brasileiro e Sargento Getúlio de João Ubaldo Ribeiro. A literatura é vasta, Leia Moacyr Lopes e seus belos romances de mar. LEIA! Sem conhecer bons romancistas escreverá romances sequer sofríveis e não dará passos à frente.

Quer escrever contos, leia contos! Nenhum teórico ou crítico, ou jornalista, ou escritor tem condição de descrever estratégias para a escritura literária. A criação nasce de dentro para fora. As universidades não formam escritores, sim especialistas. Se for honesto, o solicitado a fornecer fórmulas do bem escrever, lhe sugerirá ler Julio Cortázar, Tchekhov, Maupassant, Machado de Assis, Lygia Fagundes Telles, Hélio Pólvora.

Não cito a prata da casa para não ferir suscetibilidades que são muitas e profundas.

Não tenho boa impressão de escritor que nunca está a ler alguma obra, a andar pelas livrarias conhecendo novos autores, que sai

da conversa quando se trata de comentar livros ou autores contemporâneos ou não; marcará passo sempre, até cair no cansaço. Fico muito confortável quando um mestre vitorioso e respeitável tem afirmativas como as palavras de Saramago que trago em epígrafe, que me reafirmam a experiência e a certeza dos meus próprios juízos. Que aqui repasso com as melhores intenções, podendo ser úteis a um que seja.

## A questão do tempo - quanto tempo temos

A gente vem, vindo, vindo, vindo -lições de pleonasma à parte - e aporta em um tempo em que manda um rabinho de olho para o percurso vencido aos trancos e barrancos, às vezes sobrevivendo aos ataques de feras, aos assaltos dos egoísmos, aos esmagamentos das esperanças, às chagas sob as muitas crueldades; e cantando imensas vitórias aos meros chuveiros de êxitos, minguaados que nem chegaram a molhar a cabeça, soltando foguetórios a quaisquer pequenas raias vencidas nas piscinas existenciais. Mas chega! A gente chega quase inteira. sorri para si mesma da bravata de ter chegado e diz: Cheguei até aqui, um pé calejado com uma bolha que dói como só uma bolha sabe doer, uma sutura no flanco, um braço na tipóia, uma cicatriz de apendicite, mas chega! Considera: Que idade tenho? A idade do tempo percorrido desde que nasci. Um pouco biônica é verdade, porque as lentes nos olhos já foram operadas e trocadas, em um ouvido já usa um aparelho de audição, e á noite uma mordaca para não roncar, Um pouco desfalcada, porque aquele molar é um implante. Mas chega em boas condições de reforma para viver ainda metade do tempo que já viveu! Então, depois da revista no já vivido, olha a perspectiva do que viverá. Do tempo. E considera: se tiver mais um terço do que já tive, com a saúde que desfruto para usar, estará de bom tamanho. E baixa o decreto definitivo: Não tenho mais tempo para me desgastar com as miudezas, as frioleiras do dia a dia. Não quero mais perder tempo com pessoas chatas ou aproveitadoras, ou inseguras, ou hipervaidosas, ou que não aprenderam a ser felizes. Ou que não conseguem olhar a vida com bom-humor. Não tenho tempo para me preocupar com conversas sem propósitos, egoísmos e egocentrismos, à exceção dos meus, dos quais não soube me livrar.

Artigo primeiro - Minha vida é preciosíssima. Minha prioridade única sou Eu, estendendo-se a quem dela participe por apelo do



coração, salvo se alguém precisar ter a vida salva ou a fome atendida.

Artigo segundo - Quem quiser andar comigo que me siga no meu ritmo e escolhas. Com mútuo respeito, e não me dê ordens que também eu não as darei.

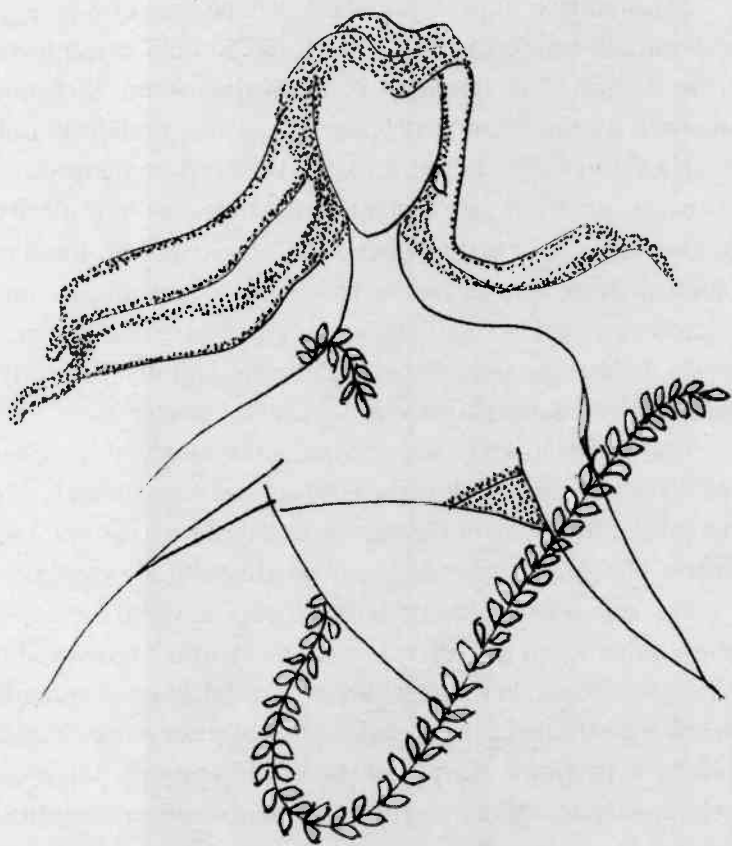
Artigo terceiro - Revoguem-se as disposições em contrário.

Resta olharmos para o mundo e avisar: Estamos conversados.

# Puchkin e o tiro

Passei a tarde lendo Contos russos, o primeiro tomo, uma tradução de Oleg de Almeida para a Martin Claret. Os contos são comentados e trazem rodapé referente a expressões russas utilizadas no Séc XVIII. Sou muito ligada aos autores russos, ainda não conhecia, porém, Alexander Puchkin tido como o maior poeta russo de sua época tendo escrito um romance inteiro em versos e iniciador de literatura moderna na Rússia. Nascido na nobreza viveu sempre implicado com suas posições políticas diante do czar e com suas dívidas. Escolhendo a “mulher mais bela de Moscou” para esposa, acabou morrendo dois dias após um duelo com um amante da bela Natalia, que não resistira à insistente corte do aventureiro francês, servidor da Rússia.

Puchkin chama a minha atenção nesta primeira leitura de sua autoria pelo conto “O tiro”, e é por ele que venho a este registro. Um dos mais estruturados e bem escritos contos que já tive oportunidade de ler. Aconselharia a todos os que se iniciam na elaboração de contos ler “O tiro”, de Puchkin, que muito tem a aprender com a espontaneidade com que o autor coloca as complicações da história, de maneira clara, suficientemente explanada, sem jamais perder a elegância e o tom literário indispensáveis ao texto de qualidade, nem deixar de guardar a cereja do bolo. E nos colhe, ao final, com uma peroração surpreendente! Só esta leitura preencheu sobejamente a minha tarde de um sábado que se anunciava sem a mínima graça e, de repente, tornou-se glorioso. Alexandr Puchkin, “o sol das letras russas”, tão merecidamente assim o chamaram.



# Sarabandas

Sarabanda é música popular da Espanha, que teve grande desenvolvimento no Século XII. Caracterizada pelo ritmo ternário e inspiração lasciva. Com o tempo, compositores foram incorporando as sarabandas a suítes, depois do Courante, e elas ganharam nobreza.

Há alguns anos, procurando partituras para piano em Salvador, nas casas que negociam instrumentos musicais, por incrível que pareça, não encontramos uma sequer. Minha irmã e eu fomos às casas de instrumentos que podíamos ir, e nada encontramos. Apelamos para a Internet e pedi às cegas alguns métodos para piano, com música barroca. Na mesma publicação com Bach, Handel, Scarlatti e outros, vieram várias sarabandas, em especial de Buxtehude e Handel.

Por circunstâncias existenciais que se vão sucedendo e a gente quase não percebe, acabei passando cerca de 30 anos ou mais, afastada do piano, o que me valeu um prejuízo na destreza no teclado. O que não se exercita vai emperrando, Mestre Cravo já me falara disso a respeito do Desenho.

De uns poucos anos até hoje retornei ao velho amigo que me preenche a alma, e, em dias de maior tédio, retorno. O meu velho Fritz Dobbert, agora com tecla muda, ainda me recebe sem má vontade para minhas mãos destreinadas, mas capazes de obedecer ao exercício da leitura perfeita da partitura, porque isso não se desaprende. Sendo como é, um excelente exercício para o cérebro, pois além de ativar a motricidade e coordenação de ambas as mãos executando simultâneas leituras diferentes, ainda põe em reatividade o aprendizado teórico adquirido na infância para a respectiva leitura. Hoje, enquanto me refugiava nas sarabandas, ainda pude merecer umas horas de unção abençoada que me fizeram recordar frase de Caetano em uma de suas velhas canções: “Como é bom poder tocar um instrumento!” Como isso faz bem a alma da gente!

Meu velho piano, sempre me aguarde.

## *Entre parêntesis ou entre aspas*

Achei tão interessante uma colocação de um senhor tio da Mari Barbosa sobre a moça, que pedi permissão para contá-la no meu espaço.

Disse o senhor Tio Manoel que alguém, talvez pai, marido ou namorado da moça, deveria colocá-la ENTRE PARÊNTESES (...), pois se a colocasse ENTRE ASPAS “...” ela seria capaz de escapar.

Onde já se viu uma alusão mais inteligente, delicada e respeitosa, referente a como se ter certa pessoa guardada em segurança?

Pedi licença a Mari Barbosa, e aqui deixo um cumprimento ao admirável senhor, Tio Manoel, autor da maravilha. Obrigada, Mari Barbosa! A partir de agora, vou tratar de guardar algumas pessoas entre parêntesis, por segurança. Sabe-se lá ao confiar nas aspas...

## Do que seja o bom leitor

Sempre que estou lendo um novo autor (novo para mim!) vou em busca de referências históricas sobre ele. Críticas de respeito, sua história, sua obra etc. O mesmo que faço quando ao ler um texto encontro menção ou transcrição de alguém que não sei. Pesquiso sobre aquele mencionado, para saber de quem me estão a passar o pensamento. Assim, meus livros de consulta vivem à mão, e Nabocov sem dúvida, quando é o caso. Em um folheio de “Lições de Literatura russa” de Nabocov, encontrei um trecho que divido com meus amigos, pela utilidade em ser levado em conta.

“(...) Deixem-me definir este leitor admirável. Ele não pertence a nenhuma nação ou classe específica. Nenhum tutor de consciências ou clube de livros podem gerenciar sua alma, sua abordagem de uma obra de ficção. Sua alma não é governada pelas emoções juvenis que fazem com que o leitor medíocre se identifique com este ou aquele personagem e ‘pule as descrições’. O bom leitor, o leitor admirável não se identifica com o mocinho ou a mocinha do livro, mas com a mente que o concebeu e compôs. O leitor admirável não busca informações sobre a Rússia num romance russo, pois sabe que a Rússia de Tolstoi e de Tchekhov não é a Rússia histórica mas um mundo específico criado e imaginado pela genialidade de um indivíduo. O leitor admirável não está interessado em ideias gerais e sim na visão particular. Gosta do romance não porque o ajuda a acompanhar o grupo (usando um clichê diabólico da Escola Nova): gosta do romance porque absorve e compreende cada detalhe do texto, aprecia o que o autor desejava que fosse apreciado, sorri gostosamente para si próprio e se encanta com as ilusões e mágicas do mestre em falsificações, do criador de fantasias, do mago, do artista. Na verdade de todos os personagens que um grande artista cria, os leitores são os melhores. (...)”

O texto magnífico prossegue, mas é até aí que me interessa para dizer, para que público é, exatamente, que um escritor talentoso produz a sua obra, para o leitor que vai além da historinha interessante, o de inteligência vivaz, que busca a magia com que aquele autor chegou até sua sensibilidade e a encantou.

## *Dia dos Namorados - sem certidão de idade*

Amanhã os namorados se abraçarão mais forte? Mais carinhosamente? O abraço sincero, carinhoso, da pessoa amada, aquele abraço demorado que aconchega mesmo, é ele que fala, que diz Eu te amo! eu te quero mais que às outras pessoas! Você é muito importante na minha vida! Io te amo, solo te! Solo te!

Este recado é, em especial, o que todos os amantes querem mais de que tudo no dia dos namorados e em todos os dias das suas vidas.

A troca de energias é tão importante para a vida das pessoas que os próprios médicos estão a recomendar a pessoas idosas que estão sozinhas, separadas ou viúvas, procurem novos pares, pois as pessoas que tem o par a quem se dedicar, que as abracem e lhes façam companhia, encontram mais estímulo para a vida, e psicologicamente se tornam mais preparadas para enfrentar dificuldades, seus corpos mais vivos reagem mais positivamente às possíveis enfermidades. Vamos nos abraçar! Quem estiver sozinho, decida-se! Não fique aí pensando que é ridículo amar, e que idade avançada proíbe alguém de viver!

Os cabelos brancos, a barriguinha, a papada, a careca, as rugas, os cabelos ralos e a pele flácida são ações do tempo, naturais em quem já viveu muitos anos, lutou, foi feliz ou sofreu, fez sacrifícios. São medalhas que honram quem as tem. Em nada ridicularizam as pessoas ou as fazem indignas de amar e de serem amadas. São belas!

Ridículas são aquelas pessoas cegas da alma, impossibilitadas de enxergar a beleza do Amor em qualquer idade. Ridículo é o sarcasmo dos seus sorrisos feios.

Façamos o 12 de junho muito mais bonito, com os cabelos brancos da nossa cabeça e da cabeça do ser amado.

Um dia destes ouvi de uma pessoa otimista e acreditei: Idade é só um número abstrato.



# Aniversário?

Ensinaram-me que nasci no dia 9 de abril, em uma quarta feira às 14:35. Eu não me recordo, mas já que a informação veio de fontes confiáveis, assimilei isso. É bom? É ruim? Não sei.

Como todo mundo na meninice andei lendo signos do zodíaco e encontrei a minha data em um decanato do signo de Áries que é presidido pelo elemento Fogo, e mais tarde alguém fez umas contas para um mapa astral e me informou que o meu ascendente estava em Leão, na hora do meu nascimento, e, mais uma vez, presidido pelo Fogo. Tive que me acostumar à verdade de que, pelo menos para mim, a sina seria viver pela assunção a uma obrigação de ser forte e enfrentar muito incêndio que eu haveria de apagar com grande habilidade para conseguir dar seguimento ao dever do qual fomos responsabilizados sem sequer ter havido a menor consulta. Registremos que o planeta que preside aos nativos em Áries é Marte. Deus da guerra dos gregos.

Felizmente para aliviar a carga de responsabilidades, herdei de um certo elemento a que deram a sigla DNA, uma voracidade por livros e tudo acabou se tornando mais leve e muito mais agradável.

Assim desde a iniciada infância, comecei a ler e apeguei-me a esta viagem, sem saltar em nenhuma das estações que a vida me tenha mostrado, ou eu tenha decidido passar. Lá vou eu. Muito bem, obrigada.

Com uma fé cristã que me ensinaram na infância, e nenhuma paleta de outra fé cujo leque a existência tenha me apresentado, me convenceu de responder mais perto das minhas necessidades espirituais. A Igreja Católica permaneceu na minha fidelidade. Por convicção, depois de ter sido por formação.

E lá vou eu. Muito bem, obrigada.

Há muito tempo, há tanto tempo que às vezes eu quase cedo a me sentir cansada, e começo a me repetir os pensamentos do amigo

que descobri, porque pensamos de modo igual neste particular, quando o espelho me mostra Sísifo a empurrar o seu indefectível rochedo. Então ele, Albert Camus, me sorri e voltamos a conversar sobre a Absurdidade da existência. Mas, para ela nasci. E descobro que faço aniversário todos os anos.

Sem festas, não há porquê. Só com afetos, por estes, sim.

## *Fim de semana*

Sexta-feira começa o fim da semana. Muitas pessoas comemoram porque amanhã é sábado, tem 2 dias de folga para se divertir, descansar, esticar as pernas, encontrar amigos.

Algumas pessoas, porém, o sentem com algum ressaibo. Nos fins de semana cansam-se mais, tem mais obrigações, já que há mais gente de folga no seu espaço. Não encontram as pessoas que gostariam de ver e de conversar, aquelas que só podem encontrar como concessões da vida. Na segunda-feira estão cansadas e com sensação de frustração, de alguma coisa perdida.

Aqui sentimos que estas pessoas precisam se reprogramar, perder o medo de começar de novo, entender que todos os dias a vida começa, limpando velhos receios. Desacomodar-se.

É preciso não temer a ruptura do estabelecido. Alguma coisa convencionalizada que serviu para um tempo, às vezes enferruja e pede renovação. Aos que olham para frente é que a vida descortina perspectivas novas. Um passo depois do outro nos encaminha para um novo olhar, merecer um novo panorama e perguntar às suas necessidades mais imediatas o que elas reclamam com prioridade, e não ter medo de caminhar para elas, com propriedade, autoconfiança e respeito próprio.

Assim, em sextas-feiras vindouras essas pessoas poderão também dizer: Amanhã é sábado, tenho 2 dias de folga para descansar, me divertir, esticar as pernas e ver a pessoa que amo - se necessário uma nova pessoa. Caso aquela das sextas-feiras pregressas nada tenha feito para acompanhar a renovação.

Amar é saudável e cada um de nós tem a responsabilidade de ser feliz conforme a felicidade se lhe pareça satisfatória. Cabelos brancos não são sentença para condenar pessoa alguma à solidão.

# *Não deixe a dor comer o amor*

Está muito próximo. O comércio já está badalando os presentes, é para isso que existem as datas convencionadas.

Se eu fosse fazer uma palestra fundamentada na minha experiência de quem não só viveu, porém, mais que isso, observou, por costume, o que se passava em volta, diria, mais ou menos o seguinte, aos namorados, aos amantes de modo geral, aos casais:

Presente é bom, demonstra atenção, quer afirmar que preza um sorriso de satisfação no rosto do outro. Todos gostam de ser presenteados. Por todos os anos em que fui casada recebia presentes nessa data. Mas dê, sobretudo, alguma coisa que o faça feliz por toda a vida: O CARINHO, O RESPEITO. Ama alguém? Quer tê-lo para sempre a seu lado? Evite magoá-lo! Respeite os seus sentimentos. Dê-lhe uma flor no Dia dos Namorados e diga que o ama com aquele abraço aconchegante que lhe transmita a energia positiva do seu corpo, que isso é reconfortante, mas dê-lhe o maior presente: NUNCA O MAGOUE! Não lhe dê um brilhante e em seguida esteja às mãos entrelaçadas e aos flertes com a amiga mais próxima. O que acontece com o sentimento dos amantes magoados é que o amor vai-se esvaziando a cada mágoa, a cada desatenção, a cada desrespeito.

Olhe a foto de alguém que você ama e que lhe oferece respeito e carinho e confiança, você sorri. Ao olhar você deseja beijá-lo e - pra que negar? - você beija sim sua foto. Não é pieguice. É demonstração de carinho.

Após o primeiro desrespeito, a primeira mágoa, você já não terá o mesmo olhar para aquela mesma foto que beijou tantas vezes, e nunca mais o terá. E, de mágoa em mágoa, como degraus que se descem em uma escada, chegará o dia em que você alcançará o patamar inferior, não haverá mais degraus para onde descer e você irá descobrir que, a cada dor, um degrau foi diminuindo o seu sentimen-

to, descendo para o final. Aquela pessoa, aquele amor de beijar fotos, desapareceu. Volatilizou-se? Não se volatilizou no ar não! Ele foi destruído pouco a pouco, a cada vez que o outro não se preocupou em preservar sua inteireza, no seu coração e na sua vida. Uma devoção, um amor, uma idolatria, são sentimentos sutis, não tem escudos de aço contra desrespeitos. Nenhuma segurança é bastante blindada que resista às espetadelas das pequeninas paqueradas, das ligeiras fugas inconsequentes, das desatenções que pareçam bobagens.

Atirar um pedregulho a uma superfície cristalina de nascente fere a tranquilidade das águas e será sempre mais um pedregulho a criar limo lodoso no fundo do lago e poluir a limpidez bonita e boa de ser vivida que havia a princípio. E é como mais uma dor no fundo da alma. Ama alguém? Quer preservar este sentimento que lhe parece importante? Aproveite o Dia dos Namorados, dê seu presente se quer fazer isso, é muito bom, mas faça a si mesmo um voto de respeito a seus sentimentos, que são do outro e também seus, e conserve intato o que é bom de ser vivido a dois.

Amor não sobrevive sozinho. Faça isso não só pelo outro, mas por você também, ser amado é uma glória e uma razão para viver neste mundo miserável, inseguro e traidor. E se sinta mais feliz na felicidade do outro que você escolheu. Construa, para continuar olhando a foto do amado (a) com o mesmo enlevo com que a olhou no primeiro momento. Amor não morre de uma vez, morre a conta-gotas, mais uma dor... ,mais uma dor... mais uma dor... mais uma dor... Cadê o meu amor que estava aqui? Coração vazio responde: A dor comeu!

## Reflexão de mais um dia

Estou convencida de que os loucos, doidos mesmo, não são doentes, são pessoas em fuga. São pessoas que não tiveram mais como suportar a sua realidade que toleraram até seus limites extremos, na qual todas as coisas superaram as fronteiras da sua tolerância emocional, e automaticamente romperam as barreiras e fugiram. Desistiram definitivamente como quem diz: Esta realidade não posso suportar mais! Não quero mais! Vou embora!

E partem para a inconsciência de outra dimensão só existente na sua mente que assume a eterna hibernação.

É triste, mas assim é que é. Suponho.

## *Da conspicuidade do silêncio do sábado*

O sábado, o silêncio, as obrigações chamando o tédio e a sem-gracice.

Olho ao léu, o espaço mudo, procurando o que não tem resposta no espaço mudo. Onde está alguma coisa que me responda à busca, não é possível achar. Nem há direção para onde olhe, nem há bússola que indique direção. Inexistem todos os pontos cardeais e o sem rumo dos sábados perde-se a girar no espaço inconsútil.

Sou uma capela de nuvem, vazia, de onde se evadiram todos os ícones fatigados dos ritos do silêncio. Mais uma certeza não basta. Uma reza, um mantra, um rosário calado, as contas rolando mudas, um pensamento com medo de vibrar na sacralidade do silêncio e quebrar a cristalina sutileza, como numa estranha estratosfera onde só o azul mais azul do azul envolve a existência única. A indefinibilidade do silêncio. As reticências do silêncio. Infinitas. E o resto é silêncio.

# Misto quente e Coca-Cola

Houve um tempo em que eu me enganava querendo fazer arte, desenhar, pintar, xilogravar. Fiz cursos e oficinas no MAMBA, andei frequentando a queridíssima e inesquecível Belas Artes, da qual tenho amigos aos quais amo e admiro, como se ama àquelas pessoas com as quais nos identificamos, que nos parecem irmãs de alma e sensibilidade, que pensamos conhecer de outros séculos, e achamos parecidas conosco.

Naquele tempo fazia exposições de desenhos, crayons e pastel-seco no saguão de um hotel, se não me engano era o Praiamar hotel, no porto da Barra. Durante três anos, com uma amiga que trabalhava com nanquim, ao mês de julho tínhamos pauta no saguão daquele hotel.. Não eram grande coisa as obras que expúnhamos, mas vendíamos alguma coisa. Até que me convenci de que, como artista plástica eu era uma excelente escritora e uma crítica de arte em potencial. Eu própria não me realizava emocionalmente com a minha Arte. Pelo que, após ler muita crítica e muita teoria em autores indicados pelo mestre Mário Cravo, encantei-me com as leituras e entendi que era o que eu mais queria e me decidi pela pós graduação.

A gente vai se descobrindo através da vida e entendendo o que corresponde às nossas necessidades e à nossa identificação com o mundo e suas perplexidades.

Todas as vezes que passo pela Araújo Pinho retorno um pouco àquele tempo. Muitas vezes, não foram poucas, com a amiga que expunha comigo, passávamos horas inteiras em uma modesta lanchonete de esquina, que não sei se ainda existe, nos sentávamos àquela última mesinha, púnhamos em cima da mesa nossos papeis, e ficávamos a jogar conversa fora, rindo de tudo e de nada, com sanduíche de misto quente e coca-cola. E, quase sempre, rendiam mui-



to pouco os acertos sobre a mostra, motivo pelo qual nos teríamos encontrado naquele local, porque nossos comentários sucediam-se, bobagens, lembranças de passagens do cotidiano de cada uma, tempo durante o qual, nós, as duas, deixávamos para trás os problemas existenciais que todos temos, e nós os tínhamos, cada uma do seu lado, e ali, naquela lanchonete pequena e sem requinte - não é preciso requinte para ser feliz- transformávamos em episódios hilariantes algumas arestas pessoais.

Era um tempo em que ainda podia furtar algumas horas em alguma tarde para rir com uma amiga à mesa de uma lanchonete simplória do Campo Grande. E era bom.

Não estou me queixando do meu hoje, não há porquê. Todas as coisas estão nos seus devidos lugares, funcionando e preenchendo o que lhes cabe preencher. Tudo tem seu tempo, já nos ensina o Eclesiastes. Tempo de Plantar e tempo de Colher. Tempo de desenhar e tempo de escrever! E também passa o tempo do conversar ao sabor de misto quente e coca-cola.



# *A vírgula, esta insignificância*

Levamos menos que meio segundo para grafar uma vírgula. sinalzinho insignificante. Afinal que importância pode ter? Pois vejam só, eu e a minha mania de parar para filosofar em torno de qualquer coisa.

Recebi o livro Poesias reunidas de Luis Antonio Cajazeira Ramos que será lançado em data próxima, mas recebi não pela amizade de 2 dezenas de anos, mas porque nele estão, em algum lugar, 2 pequenos textos que assinei. Conheço aqueles 4 livros reunidos porque a cada soneto criado o poeta ligava para lê-lo para mim e o repetíamos demoradamente analisando os versos e as palavras. Muita vez interrompi uma refeição para estes colóquios literários ao telefone. Eram horas ao telefone! Além disso, depois dos livros prontos eu os revisei, 3 deles. Exceção do primeiro que quando conheci o poeta já estava pronto. Revisei mais de uma vez os 3, quase os tenho de memória.

Há um soneto, daqueles de que gosto em especial, no livro “Como se”, o Soledade. Hoje li-o pela milionésima vez. E como se nunca o tivesse visto antes, meus olhos pararam nas vírgulas de um versinho. Como no passado, ainda o analisei. E, maníaca, comecei a refletir sobre a significância da vírgula. Um pequeno verso e 2 vírgulas. Comecei a movimentar as vírgulas e a brincar.

Eis o verso: “Um olho, só, contempla a natureza.” Um leitor apressado desrespeita a posição das 2 vírgulas e o verso tem o sentido alterado. O verso quer dizer que um olho, só, (em solidão) contempla a natureza. Mas se tirarmos a primeira vírgula, teremos Um olho só, (só um olho, o outro estará fechado, ou não contempla) contempla a natureza. E se tirarmos apenas a segunda vírgula teremos Um olho, só contempla a natureza (ele não contempla outra coisa, só a natureza).

A vírgula, esta insignificância, na verdade é de uma signifi-

cância primordial para respeitarmos o sentido que o poeta pretendeu, e assim não alterarmos uma bela criação. Parece bobagem? Parece. Mas muitas vezes no correr da escrita colocamos as vírgulas aleatoriamente, ou nos esquecemos delas e os leitores acabam lendo coisas diferentes daquelas que queríamos dizer. Um segredo meu: Eu tinha um toc: Toda vez que escrevia um QUE colocava uma vírgula em seguida, automaticamente, era um toc como outro qualquer, mas se não fizesse boa revisão, punha a perder a integridade do meu texto.

S. Excia, a Virgula! Êita sinalzinho importante!

## De orações e de sapos

Não se esqueçam de rezar. O que de bom aconteceu deve ser agradecido. O que de mau também deve ser agradecido, foi nova oportunidade de aprendizagem. Aprendida nova lição, novo exemplo de problema a ser solucionado, ou de solução chegada para ser recebida e assimilada, ainda que tenha sido um sapo impossível de passar inteiro pela garganta. Corta-se o sapo em 2 porções e vai-se engolindo de duas vezes.

Por falar em sapo, nunca beijei um sapo pensando virar príncipe. Primeiro porque príncipe não existe mais, mas existem almas principescas, ou sejam, almas tão sensíveis e delicadas que nos encantam. Só que são raras e com certeza não estão dentro de nenhum sapo não. Quando vir um sapo com carinha de “estou encantado em sapo”, não acredite; é sapo mesmo, no duro. Ainda bem que nunca beijei algum. Não tenho meus beijos tão guardados para desperdiçar com qualquer sapo de brejo.

Por que estou falando em sapo? Sim, porque falava em engolir sapos, ah! Isso eu já engoli tantos que quando passa a chuva e ficam poças na rua, toda vez que passo perto de uma delas, de dentro do meu estômago começa a vir um indiscreto coaxar, sem que eu consiga evitar.

Ainda bem que miosótis são azuis, isso sim é muito bom.

## O que se faz ante o assalto da insônia?

A insônia me pegou às 4 e pouco. Sem outra opção, pelo hábito, abro o teclado, começo a escrever tropegamente uma crônica que fala de dúvidas e decisões e da emoção de reencontrar um menino que conheci criança há 20 anos, e escrevo-lhe: Feliz aniversário! Porque sou amiga de sua mãe. Docemente ele me diz que sou um anjo, ele que é um anjo docinho e lindo, a mesma criança a meus olhos maduros e me faz sorrir, eu que venero os anjos.

Ouçõ levemente alguém gemer pelas paredes dos apartamentos vizinhos. Penso coisas, tomo decisões, reflito sobre uma pergunta que deveria ter feito e me omiti, porque o tempo era pouco. E de repente, a página tremula e a crônica desaparece diante dos meus olhos. Eu estava gostando dela. Não há como recuperá-la. Deve ter sido um suicídio literário, a crônica não queria viver.

Feliz ela que pode tomar decisões imediatas, não é como quem apenas pode venerar anjos e perde tempo sem decisões.

O meu sábado começou mais cedo, desde a madrugada. Agora são 5 horas, a insônia amadureceu e virou manhã. Escapou das minhas mãos inseguras que não sabem o que fazer com uma insônia ao tê-la à disposição.

Penso numa poltrona em cujo espaldar uma cabeça ressona, suponho que ressona. Por que não perguntei? Senti que era urgente desvelar-se, mas não perguntei, eu sempre perco a hora!

Nada a fazer senão o que faço por todos os séculos pelos quais invento uma vida debulhada em horas, no calendário que me deram: Esperar, esperar.

Um arremate de ouro bordeja uma nuvem, é o sábado.

Enfim, um anjo disse que sou um anjo! Valeu a madrugada, Eu que sou devota dos anjos e vivo a falar de um anjo azul. Agora pre-

ciso comer alguma coisa, meus olhos descobrem o copo com restos do suco de ontem à noite, e me socorre. Morno e sem graça, mas, um suco! Sou uma felizarda, durante alguns goles de suco.

# Lírios

Esta semana ganhei lírios amarelos. São muito lindos, pena não serem perfumados. Todo o perfume dos lírios ficou para os brancos, os Lírios de São José. Não importa, são lírios. E são líricos e enfeitam e colorem e alegam, e são flores.

Diz a letra que alguém adaptou à majestade de “Jesus alegria dos homens” de Bach, que o lírio é o delírio da rosa. Será? A rosa tem bom gosto! Convenhamos.



## Dezesseis de dezembro

Minha filha que ficou no lugar da mais velha - era um daqueles anjos que Deus chama mais cedo - passou a ser a mais velha dos quatro. Faz aniversário nesta data.

Nada de discursos, só uma mensagem pequena e muito verdadeira.

Filha, não sei se alguma vez lhe disse isso: Além do amor de mãe, tenho por você uma forte admiração que foi evoluindo para o alto com o passar do tempo. Seu amadurecimento ampliou as suas qualidades positivas. Provavelmente não sou a mãe que meus filhos escolheriam, (imagino que prefeririam uma mãe mais doméstica) mas, com certeza, se me fosse oferecido trocar você, eu escolheria outra Ana Lúcia exatamente igual a esta que você é. Com seu jeito forte, com seu espírito crítico, sua inteligência aguda, com este seu coração, este caráter reto e decidido, e este senso de responsabilidade e de doação que vejo em poucas pessoas. Dizem os espíritas que antes de nascerem as pessoas escolhem de quem querem vir a este mundo. Se você me escolheu, poderia ter feito melhor escolha. Eu, porém, lhe agradeço por ter me escolhido, porque eu escolheria para um dos meus filhos, sem trocar nenhum dos que tenho, você exatamente como é.

Que toda a felicidade que Deus tiver hoje para distribuir, venha para a sua nova idade. Deus a abençoe todos os dias e a todos os momentos. Rosas vermelhas e amorosas para a que jamais deixará de ser a “minha bonequinha”!

Hoje tem sol, penso em Tim Maia: “É primaveeeera! Te amo! Te amo!”



[mondrongo.com.br](http://mondrongo.com.br)



**mondrongo**

Impresso para a Editora Mondrongo em janeiro de 2020,  
no formato 15,5 x 22 cm, em papel Pólen Bold, 90 gr no miolo e  
Cartão Supremo na capa. As fontes tipográficas usadas foram a Arial,  
DIN Black, Georgia e Times New Roman nos títulos e no conteúdo.



Gláucia Lemos é baiana. Bacharel em Direito pela UCSal e Crítica de Arte com pós-graduação pela UFBA. Militou por muitos anos na imprensa nacional com matérias de Arte e de Literatura. Atualmente dedica-se com exclusividade à Literatura, com reconhecimento expresso em prêmios nacionais de romances e novelas em órgãos de cultura nacionais. Suas obras infanto-juvenis adotadas pelas escolas em todo o território nacional, Livro de poesia infantil como Referência para didáticos de Linguagem e de Redação com Gramática.

Este é o seu 42º livro publicado. Autora homenageada pela FLICA-2019 . Prêmio Conjunto de Obra ELETROGÓES 2019 da Academia de Letras da Bahia. Vive em Salvador, filiada á União Brasileira de Escritores de São Paulo, ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e à Academia de Letras da Bahia, na qual ocupa a cadeira nº14, desde 2010.

“Houve um tempo em que, tomada por esses pensamentos, até pensei em escrever um livro que seria uma conversa com a paineira, ela me contaria tais segredos, e eu teria uma história muito rica. A idéia ficou, a inspiração não aconteceu, porém.

Às vezes me pergunto se as árvores não terão, como os insetos, o seu sistema de comunicação. Se no farfalhar das folhas não conversarão com suas semelhantes, um pouco que seja, das coisas que acontecem, dos fatos que presenciam, dos flagrantes da história, dos costumes dos homens. Se elas se guardam com suas memórias – se as têm – que se irão fragmentar no dia em que, abatidas, se tornarem tábuas, virarem toros, se transformarem em papéis. Talvez papéis que venham a fazer livros, nos quais a posteridade aprenda coisas escritas pela humanidade, muito diferentes daquelas coisas que eles já trazem na memória remota das suas próprias folhas. Nunca terei esta resposta porque ela vive o absurdo da minha fantasia. Mas tenho quase certeza de que um livro em branco não está de todo vazio. Ele tem na memória da madeira de que foi criado, todas as histórias que por ela foram presenciadas, enquanto árvore vegetal vivo, e nela permaneceram, no silêncio da sua condição. Somos nós que não sabemos ler o que ele guarda.”

trecho da crônica *A Paineira*

978-85-80066-70-4



9 788580 066708